

LUIZ DE MAGALHÃES

NOTAS E IMPRESSÕES

ARTES E LETTRAS — POLITICA E COSTUMES



PORIO
LIVRARIA PORTUENSE
DE

LOPES & C.^a — EDITORES

119 — Rua do Almada — 125

1890

LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF ILLINOIS
AT URBANA-CHAMPAIGN

868M272

On



The person charging this material is responsible for its return on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

JUN 15 1971

L161—O-1096

NOTAS E IMPRESSÕES



PORTO

IMPRESA MODERNA

55, Passos Manoel, 57

LUIZ DE MAGALHÃES

NOTAS E IMPRESSÕES

ARTES E LETTRAS—POLITICA E COSTUMES



PORTO

LIVRARIA PORTUENSE

DE

LOPES & C.^a—EDITORES

1890

LUIZ DE MAGALHÃES

PRIMEIROS VERSOS: *poesias* (1878-1880).

AS NAVEGAÇÕES: *poemeto* (1881).

ODES E CANÇÕES: *novas poesias* (1880-1883).

A seguir:

D. SEBASTIÃO: *poema*.

O BRAZILEIRO SOARES: *romance* (1886).

A seguir:

INCESTO: *romance*.

NOTAS E IMPRESSÕES: (1884-1889).

868M272

On

AOS MEUS COLLEGAS

DA

Redacção da “Provincia”

NOTAS E IMPRESSÕES

Ser chronista é hoje a ambição de todos os jovens litteratos—uma ambição tão forte como a de ser conselheiro, ahí pelos quarenta annos, quando se tem quinze de burocracia ou de parlamento.

A chronica tenta como uma d'essas finas *preciosas* dos seculos xvii e xviii. Ella tem a distincção, a *allure* graciosa, o capricho feminino, o espirito vivo, a erudição superficial e ligeira, a *toilette* provocadora e artistica, bordada de imagens, guarnecida dos labores rendilhados da palavra. Tem o malicioso sorriso mordente, que faz uma prega deliciosa ao canto da bôcca. Tem os assumptos finamente banaes, que tocam irrequietamente nos seus labios rubros e frescos, como borboletas inconstantes batendo as azas tatuadas sobre o calix d'um cravo vermelho. Tem o dito imprevisto, scintillando como uma faiscação de pedraria; tem o arabesco ondeante da phantasia caprichosa; tem a correcção impecavel do bom gosto.

E' uma amantesinha de endoudecer, leve, alegre, ruidosa, um tanto estroina—uma Manon ingenuamente fraca e pervertida, que se ama com prazer e com refinamento.

Ora imagine-se como esta dama não fará andar a cabeça á roda a todos os filhos-familias do jornalismo! Quando el-

les a vêem passar, requebrada, com os largos *paniers* tu-fados, o fino artelho á vista mostrando as meias bordadas, com o cabello em pó, a *mouche* ao canto da bôca e o *lorgnon* impertinente fito sobre a multidão, quando elles a vêem passar assim, triumphante e perturbadora, pelo braço d'alguma notabilidade da classe—os pobres moços torcem-se de inveja, tremem de admiração, como um lapuz da provincia quando vê pela primeira vez uma mulher da côrte, distincta e bella.

Mas, meu Deus! como é difficil agradar a essa *diva* extravagante!... como é preciso ser-se fino, espirituoso, educado, distincto, para se lhe poder offerecer o braço ou dirigir duas palavras! Não ha perante ella senão duas superioridades — a da elegancia e a da graça. Pode ser-se um sabio, um philosopho, um erudito, aquillo que muito bem quizerem: sem espirito e sem gosto ha de necessariamente naufragar-se na voragem terrivel da sua picante ironia.

E depois como ella compromette os pobres diabos que se arrojam imprudentemente ao seu trato intimo! Com uma seriedade repentina, deixa exposta ao ridiculo a semsaboria tosca e vulgar do seu espirito. Transforma-lhes os bons ditos em *piadas*, a nota fina e caustica em grosserias, a phantasia alada e caprichosa como o vôo d'uma andorinha, na banalidade rasteira e tropega como a pesada marcha d'um pato.

Ah! mas a verdade é que, a despeito de todos esses perigos, nenhum plumitivo, lançado de fresco na carreira das letras, resiste á tentação de se enfileirar no longo cortejo que segue a *traine* ondulante d'essa terrivel mundana. Nenhum!

O Auctor (a modestia impõe-me agora esta designação na terceira pessoa) humilde e perturbadamente confessa que se deixou ir como os outros na corrente d'essa irresistivel tentação. E as tristes provas do seu desvario estão n'este mesquinho livro, pallido, secco, sem frescura, sem esmalte, como um ramo de velhas flores fanadas,—livro que elle com-tudo ama do fundo do seu coração pelas saudosas recordações que encerra d'alguns annos de vida jornalística, vida realmente superficial, futil, infecunda e esterilizadora, se quizerem — mas agitada, palpitante, nervosa, vivida emfim, como nenhuma outra.

Foi principalmente das cavaqueiras de redacção que nasceu este pobre volume. Essa existencia de permanente controversia, de continua excitação de espirito, de trabalho mental a alta pressão, obrigando agora a diluir uma ideia n'um mar de phrases, logo a concentrar n'uma phrase precisa todo um mundo de ideias, exigindo a percepção rapida, a replica immediata, a forma prompta para revestir de improviso todos os pensamentos, todos os assumptos, todas as questões—essa existencia de rude combate, para a qual são precisos nervos d'aço, tem os seus momentos de desafogo, as suas *haltes*, os seus alegres bivacs animados e ruidosos, nas horas do cavaco, entre duas provas, dois *suellos*, duas longas noticias de reportagem. O cavaco—a divagação indefinida da palavra; a exploração aventureira dos assumptos; o percorrer incerto e espontaneo das observações, das ideias, dos sentimentos, que o cerebro impelle sem esforço para a ponta da lingua ou para os bicos da penna; esse borboletear ligeiro, vago e caprichoso sobre todas as questões e todas as materias; essa *flanerie* bohemia do espirito atravez das cousas, dos successos e das opiniões—eis pois o que dia a dia me suggeriu mais d'uma *nota*, me deu mais d'uma

impressão, sobre que se architectaram litterariamente estas chronicas, estas phantasias, estes esboços de estudos criticos.

Mas porque as reimprimo hoje—a ellas, essas ephemer-
ras por natureza, que deviam scintillar um momento e mor-
rer como fogos-fatuos, seguindo o destino instantaneo do
jornal, condemnado a uma vida de vinte e quatro horas,
emquanto a novidade de hoje não é esquecida pela novidade
de amanhã e emquanto a phrase feliz, a grande phrase ori-
ginal do artigo do dia, não passa a ser uma banalidade
corrente? Porque as reimprimo pois?

Talvez um pouco por saudade e commemoração d'uma
inolvidavel camaradagem... Talvez um pouco por essa vai-
dade candida que fez dizer a Raphael em frente das telas
de Miguel Angelo: *Ancchio sono piktore*... Talvez um
pouco tambem por me parecer que alguns d'esses rapidos
commentarios apanhavam em flagrante, não já um incidente
apenas, mas um aspecto fundamental, um symptoma de ca-
racter mais ou menos permanente, um documento emfim da
vida moderna nas suas multiplas manifestações artisticas,
litterarias, ethicas ou politicas.

Atravez da diversidade dos assumptos, atravez do cahos
incoherente d'esta miscellanea, affigura-se-me, com effeito,
que uma certa unidade de vistas transparece, dando um nexo
critico e a harmonia d'um mesmo pensamento a todos esses
pequenos estudos dispersos.

São estes os titulos justificativos d'esta compilação.
E se a Critica me não quizer acceitar o ultimo — que os
meus amigos, ao menos, me acceitem o primeiro.

ARTES E LETTRAS

AS BELLAS-ARTES EM PORTUGAL

Ha alguns annos que, entre nós, se nota um ligeiro movimento de interesse publico pelas Bellas-Artes. Ás insipidas exposições officiaes das academias onde, no dia immediato ao da abertura, as telas, os gessos e os marmores passavam a ser exclusivamente admirados pelos guardas das salas e pelas moscas, succederam-se as exposições de pequenos grupos de artistas, dispostos e resolvidos a saltar insubordinadamente para fóra da pista convencional d'esses certamens, regulamentados pelos altos poderes do Estado.

Meia duzia de nomes de pintores e esculptores começaram a entrar em circulação; a imprensa metteu-se nas questões dos pensionistas; deram-se varios piparotes de critica nas pencas respeitaveis das academias de Bellas-Artes, a ver se ellas despertavam da sua lethargica somnolencia:—e de tudo isto se colheu o trazerem-se para a luz publica algumas aptidões promettedoras e sérias.

Vae d'isto, comtudo, grande distancia a uma pretendida revolução na nossa arte, ao facto apregoado de um movimento nacional de pintura e de esculptura. Se ha vontade de fazer qualquer coisa, se ha pretensões a uma

acção fecunda—é mister encarar os factos com discrição, avaliar na sua justa importancia as conquistas feitas, e, porque dois ou tres portuguezes se mostram com uma certa disposição artistica, não se bradar *urbi et orbi* que já cá temos a nossa arte, uma arte propria e bem nacional, e que os Corot e os Millet, os Laurens e os Chavannes atulham as esquinas do Chiado, á espera unicamente de que lhes mettam uma paleta na mão, para encherem o paiz de obras de genio.

Vae-se longe indo-se de vagar, diz o conhecido proverbio. Não nos illudamos, pois. A verdade é que nós não temos uma arte propria; nem sei mesmo se vamos em caminho de a possuir um dia. Mas provou-se uma coisa, que muito importa á solução d'esse problema tão debatido: é que temos faculdades individuaes para o resolver. Sim: ha talento e ha boa vontade; produzem-se quadros e esculpturas, diante dos quaes se é obrigado a meditar e a reflectir em se um meio, diverso do meio portuguez, não faria d'esses trabalhos o ponto de partida de uma futura obra de genio. Vê-se claramente o germen, a condição primeira d'essa empreza; descobre-se a semente—às vezes de uma qualidade superior. Mas as esperanças, que suscita este lado do problema, são cruelmente cerceadas pela ponderação reflectida do lado opposto: e, n'esta medalha, o reverso é muito menos brilhante do que a face—podem crel-o.

*

Colloquemos a questão:

Se ha talento, se ha aptidões individuaes, tem correlativamente o nosso meio condições para desenvolver, para transformar o grão d'essa capacidade pessoal no fructo de uma arte propria, caracteristica, definida, uma arte expres-

siva do nosso genio e do nosso temperamento, uma arte collectiva—uma arte nacional, emfim?

Relanceando os olhos por esta ruinaria d'uma nação perdida, d'uma nação que existe sem viver, todas as nossas illusões cáem desenganadamente por terra, e a essa inter-rogação somos forçados a dar uma resposta negativa.

Primeiro que tudo faltam-nos as tradições, falta-nos o gosto, falta-nos a popularidade d'essas obras d'arte—o que as torna como que uma extravagancia entre os nossos costumes. Sem escolas, sem o interesse das massas, sem correlação alguma com o espirito publico—pintura e esculptura são, n'este pobre paiz, enxertos bastardos da imitação estrangeira.

Depois no commercio—actualmente a força impulsiona-dora de todas as empresas—as nossas obras não supportam a concorrência dos productos dos grandes centros europeus. onde a *machina artistica* está montada perfeitamente, prompta a satisfazer todas as necessidades do consumo.

Mas o escolho mais terrivel do problema, o elemento mais hostil d'este meio esteril e infecundo para as germinações da arte—é a nossa pobreza, a nossa palpavel ruina economica, porque infelizmente a arte não se faz de graça, por menos mercantil e mais desinteressada que ella seja, no fundo da sua essencia.

Sabe-se que não é da classe dos millionarios que saem ordinariamente os artistas. Regra geral, ao começo do officio a sua bolsa é d'uma magreza pouco auspiciosa. Fazem os cursos, ás vezes com os maiores sacrificios, e arrastando uma vida bem dura e bem difficil. Entre nós este facto é mais accentuado ainda, porque se ha paiz onde a carreira das artes seja—não digo pouco convidativa, mas aterradora—esse paiz é, sem duvida alguma, este jardim da Europa,

onde vegetamos, não se sabe muito bem por que occultos designios da Providencia.

Temos, pois, o artista no seu atelier, com alguns metros de tela ou alguns kilos de barro á disposição do publico. Unicamente o publico não apparece:—e quando lhe bate á porta, assim por excepção, é para ajustar um retrato d'algum snr. commendador, com a sua farda e os seus crachats, ou de alguma veneravel senhora, cujo typó não é precisamente o mais proprio para interessar a paleta do pobre artista. Ao escultor então encommendam estatuas funebres para os mausoleus de familia. E o preço? Ah! o preço é todo um caso! A obra d'arte é regateada, como as compras no mercado. «O snr. quer fazer-me isto por tanto?... Se não quer, vou além, ao seu collega F., que me arranja a cousa mais em conta.» A *cousa* é esse trabalho em que o artista ha de pôr toda a sua consciencia e todo o seu talento, sobre o qual ha de consumir semanas a retocar e a corrigir, communicando-lhe com os movimentos nervosos do pincel ou do escopro a vida intensa da sua alma! A *cousa* é essa obra, á qual a critica tomará strictas contas de elevação e de merito, essa obra de genio—paga com meia duzia. de libras!

E eu não crimino o publico, nem com justiça ninguem o póde criminal! A triste verdade é que a arte é cara e nós somos pobres; e por consequencia o artista, tendo de fazer obra de fancia para não morrer de fome, não se exercita, não estuda, não vive a sua arte, e acaba por se esterilisar, perdendo todo o interesse generoso da sua vocação, todo o espirito de progresso, todo o alto sentimento artistico, todo o estimulo de gloria.

Se a um pintor dão oito, nove ou dez mil francos por um quadro—essa quantia garante-lhe a subsistencia para um

espaço de tempo, durante o qual elle se póde entregar de corpo e alma á sua obra. Mas, se lhe dão apenas dez libras, o desgraçado, sob o risco de ir metter, poucos dias depois de começado o trabalho, todo o atelier no prego—não póde conscienciosamente adiantar duas pinceladas sobre o esboço imperfecto, que, tal como está, deve entregar nas mãos do cliente.

E pelo seu lado o cliente, que se arrojou á loucura de pendurar nas paredes da sua sala um quadro—um rico quadro a oleo!—dá por principiada e acabada n'aquella mesma tela a sua galeria de pintura, porque, realmente, uma fortuna mesmo de cem contos fortes e robustos, com o seu rendimento segurinho de 6 p. c., tendo-se de vestir a mulher, de educar os filhos e de manter a casa com decencia, não dá para taes luxos nem para um muito largo cultivo das artes.

O artista é pobre, e o consumidor pobre é: eis os dois escolhos, entre os quaes o nosso problema vae navegando. Em opposição a esta pobreza, vem a carestia da arte e da vida. São caros o atelier, a pintura, as tintas, as telas, os utensilios, os modelos e os mil pequenos nada de decoração e de estudo, indispensaveis ao officio: todo o *bric-à-brac* d'objectos d'arte, as publicações artisticas, as reproduções das grandes obras, etc., etc., não fallando já em viagens d'instrucção. São igualmente caros, da parte do consumidor, o sustento e os encargos da familia, sendo mesquinhos os lucros do trabalho honrado.

Luxo—é o que realmente é a arte; e o honesto burguez, que com prudencia se furta á sua tentação para evitar a ruina, merece louvores e não censuras.

O exemplo—bem sei—é que nos desnorteia: a imitação estrangeira é que nos trouxe cegamente a este mau

passo. Mas, por Deus ! vejam a differença : apalpem a ro-tunda bolsa dos Cresos inglezes e francezes, explorem as nossas miseraveis algibeiras de proletarios--e atirem depois ao consumidor a primeira pedra se são capazes, snrs. ar-tistas !

A arte em França, por exemplo, é fecundada pelo mer-cantilismo, pelo terrivel mas inevitavel mercantilismo, o qual, se traz comsigo consequencias abominaveis, se arroja á cir-culação centenas de abortos artisticos, se excita a uma espe-cie de prostituição do talento—por outro lado garante a in-dependencia de trabalho e a liberdade de estudo a muitos artistas verdadeiramente superiores. Paga-se tudo a peso d'oiro, mas ha muito quem o tenha e o possa esbanjar. Madame Mackay, por exemplo, a mulher do archi-milliona-rio americano, permite-se o capricho de espatifar o seu re-trato pintado por Meissonier mediante a bagatella de setenta mil francos, pelo simples motivo de que o grande mestre francez a não olhou sob o aspecto que Sua Opulencia achava mais favoravel aos encantos e seduccões da propria formo-sura. Não ha litterato, não ha homem do mundo, não ha politico, não ha banqueiro. não ha actriz, não ha *coccote*, na *élite* das notabilidades, que não tenha o seu hotel atu-lhado de quadros, de bronzes ou de marmores, pagos por quantias fabulosas—não fallando no *bric-à-brac* comprado nas vendas da *Maison Drouot*, cujos preços, sabiamente commentados anno a anno por Paul Eudel, fazem cair o queixo menos propenso ao espanto.

Depois, afóra este consumo extraordinario dos particu-lares, que tocou as ultimas raias, dando tal intensidade á vida artistica que uma nota official de ha seis annos com-putava em cinco mil o numero de pintores francezes conhe-cidos, tendo concorrido aos *salons* annuaes !—afóra este con-

sumo, digo, ha os grandes trabalhos publicos, os monumentos, as estatuas, as decorações de edificios do Estado e dos municipios, ministerios, repartições, egrejas, tribunaes, museus, theatros, onde um pintor como Baudry, ou um architecto como Garnier, passam annos inteiros trabalhando.

E além d'esta arte fixa, vae apparecendo já a *arte ambulante*: um empresario passeou pela Europa em exposição as grandes telas de Muncacksy. Hans Mackart, o pintor que vivia entre a côrte viennense como um principe de sangue, mandava expôr os seus quadros a Paris. Paga-se, não já para possuir, mas para ver—para ver uma só vez!

Hoje na Europa repete-se a febre artistica da Renascença. O artista é um dos personagens dominantes do nosso tempo. Como Rubens, como Miguel Angelo, como Raphael, como Cellini, os esculptores e pintores contemporaneos de primeira plana passam na vida como n'uma apothese, cobertos de louros e dadivas da fortuna. Todas as notabilidades pagam aos seus ateliers o preito d'uma visita. As testas coroadas procuram-nos. O czar convida Neuville a ir á Russia. Mackart, como disse, era quasi um favorito do imperador d'Austria.

Mas a mola de tudo isto é o oiro, que nós não temos, o oiro que não sobeja nem aos particulares, para embellezarem os seus salões, nem ao estado, para decorar os seus edificios e dependencias. Tudo aqui se faz pelo baratinho, porque não ha outro remedio. E, de resto, comprehende-se uma grande pintura mural nos tribunaes da Boa Hora ou de S. João Novo? Comprehende-se um fresco de genio na sala das sessões da camara dos deputados? Oh! desengane-mo-nos: os nossos edificios, em materia de pinceis, não podem aspirar a mais do que ás brochas do caiador!

*

Comtudo, á primeira condição negativa do desenvolvimento da arte entre nós — a falta de escola e de tradições — tem-se querido obviar mandando-se pensionistas do estado cursar a arte no estrangeiro.

Este expediente, porém, não tem o alcance que se imagina. Vejamos a sorte do pensionista com relação á arte do seu paiz, assim como já vimos a do artista creado e educado nas nossas academias e nos nossos ateliers.

Um pensionista de pintura, por exemplo, entra no atelier de um mestre francez. É um inexperiente, apenas armado da sua natural habilidade, sem uma segura educação esthetica, sem ideias definidas sobre a arte. Fatalmente, portanto, a sua vocação, por característica que seja, ha de ceder á influencia do meio que o recebe, á physionomia artistica do atelier, ás opiniões do mestre, aos preceitos da escola. Da sua nacionalidade conserva apenas o nome; o seu talento desde esse dia não é portuguez — é francez, porque francez é tudo o que o rodeia. São francezes os assumptos, os modelos, o methodo de pintura e o espirito de escola. Se é paizagista, é franceza a paizagem que estuda. Se é retratista, são francezas as physionomias que copia. Se faz pintura classica ou religiosa, pintura historica ou de genero, ha de beber as suas inspirações na tradição da escola que seguiu: ver a Biblia com os olhos de Cabanel, ver a historia com os olhos de Laurens.

Querem que elle reaja? Onde, porém, ha de encontrar o seu ponto de resistencia contra um meio energico, perfeitamente organizado e constituido, com um espirito proprio

radicado fortemente n'uma tradição artistica de seculos? Nas recordações da patria? Mas como, se na sua retina a imagem das planturosas veigas minhotas, ou dos longos descampados alemtejanos, apagou-se ha muito, para dar logar á dos cantos pittorescos de Asnieres ou de Fontainebleau?

N'este ponto o artista tem dois caminhos a seguir: ficar no estrangeiro, se se acha com forças para hobrear com a geração contemporanea, ou voltar á patria. Vejamos, ainda uma vez, o que, em qualquer dos casos, se ganha para a elaboração de uma arte nacional.

Ficando no estrangeiro, a acção do meio continuar-se-á, cada vez mais forte e energica, á medida que o espirito n'elle se interne, distanciando-se sempre da educação primeira, das reminiscencias patrias, dos quasi apagados sentimentos nacionaes. Póde vir, portanto, a ser um grande artista, mas a sua gloria e a sua obra não poderão nunca ser reclamadas pela patria. Nos seus quadros não se verá uma arvore portugueza, um typo portuguez, um successo da nossa historia ou uma scena dos nossos costumes. Na sua maneira não se encontrarão vestigios do nosso character artistico, d'esse character que deu uma feição propria á nossa poesia e á nossa architectura. Esse grande pintor terá de portuguez apenas o nome: de resto, para o nosso caso, só fica como a prova de uma capacidade individual, sem que a solução do problema avance a grossura de uma linha.

Mas o artista regressa ao paiz natal. O seu talento desabrochou ao sol fecundante de uma grande arte. Vem quasi um mestre, senhor absoluto dos seus pinceis e da sua paleta. Em poucos annos amoldará o seu *instrumento* ao nosso meio. A sua retina educada descobrirá os segredos da nossa luz, achará o typo da nossa physionomia. Elle será o renovador; teremos em breve uma escola nacional...

O atelier está aberto: sobre o cavallette ha uma grande tela, ao pé do mocho do pintor estão as tintas e os pinceis. Da parede pendem alguns dos seus trabalhos feitos *lá fóra*, esboços ou execuções perfectas, onde o seu talento se annuncia orgulhosamente. . .

O que se segue—é sabido. Vejam algumas linhas acima. Vem o classico snr. commendador com a sua farda e o seu crachá, vem algum mesario da Misericordia encomendar o retrato d'uma bemfeitora—mas cousa em conta, já se sabe. . . «Então, a minha grande obra?! exclama o rapaz de si para si, a renovação que eu hei de iniciar? as minhas bellas paizagens, os meus vivos quadros de costumes, as telas onde hei evocar, com o espiritismo do talento, as scenas heroicas da nossa historia? . . . Eu não posso trabalhar de graça: eu pago renda d'este casarão, que tive de transformar á minha custa em atelier: eu hei de comer e beber. Não hei de andar por ahi esfarrapado; não hei de eu mesmo ir ás compras, fazer a cosinha, lavar a roupa e engraxar as botas. Preciso de adquirir livros, gravuras e cartões; preciso de comprar as tintas e a tela; preciso de pagar os modelos. . . Isto não se faz de graça, meus senhores—e um quadro não se pinta assim como quem copia um officio, ou lavra um decreto. Queridos concidadãos, ajudem-me! Protejam o meu trabalho, poderes do Estado! Eu asseguro-lhes que faço qualquer cousa em termos, mas é preciso que me garantam a subsistencia e me paguem ao menos as despesas do trabalho! Então? . . .»

Então. . . acorda do seu sonho doirado. A realidade da vida apparece-lhe brutal e franca. «Meu amigo, diz-lhe ella, resigne-se com a sua sorte: contente-se com pintar para ahi meia duzia de monos, e dê louvores ao ceu. Isto aqui não ha panno para mangas, como você póde ver. Não é só o

amigo a queixar-se. Queixa-se todo o mundo : queixam-se os actores, os dramaturgos, os poetas, os romancistas, os jornalistas—todos esses pobres tolos que não comprehendiram que não ha arte mais feliz do que a de fazer botas. Deixe-se das taes obras de genio. Isso não nos serve para nada, de resto. Não enche barriga, e o que nós temos por cá, sabe o que é?—é fome, meu rico, muita fominha...»

E lá se levanta, de novo e sempre, o terrivel espectro da pobreza, esse escolho economico, onde todas as mais bellas phantasias vão naufragar! Emquanto não resolvermos este fundamental problema, escusamos de matutar sobre os outros : não se faz nada.

Bem sei que o dinheiro não faz o genio, e, quando os dobrões por ahi andavam aos pontapés, o nababo do Senhor D. João V não conseguiu fazer, com esse fuzil dourado, romper a centelha do talento da pederneira compacta e bronca do espirito nacional do seculo XVIII. Faz-se Mafra com oiro; para se desenhar, porém, o portico da Batalha ou dos Jeronymos, é preciso alguma coisa mais, para que o oiro pôde concorrer, mas que elle não dá exclusivamente.

N'estes termos, pois, vemos que o problema não é tão facil de resolver como se pensa; e que os pensionistas, de volta á patria, esterilisar-se-ão, continuando o Estado e o publico (como infelizmente não podem deixar de continuar) a não lhes dar protecção sufficiente, proporcionando-lhes trabalho bem remunerado.

Assim é uma illusão ingenua o dizer-se que temos uma arte, como é illusorio—consciente ou inconscientemente—o interesse que se apregoa agora pelas exposições de pintura. Tudo isto é um symptoma apenas da nossa desnacionalisação, um dos muitos *pastiches* que o estrangeirismo vae introduzindo entre nós. Assim como se finge que temos um

theatro nacional, onde se representa um repertorio francez; como se finge que temos um *sport*, onde correm cavallos com tres quartos de sangue inglez; como se finge que temos uma vida elegante, onde tudo é estrangeiro—as distracções, as *toilettes*, as modas, os habitos, as ideias, as maneiras, e, muitas vezes, a propria lingua; como se finge que temos uma litteratura propria, uma politica propria, e trinta mil outras coisas n'este genero; assim se finge que temos uma pintura e uma esculptura nacionaes, que temos *salons*, que temos vida artistica — quando a verdade é que apenas possuímos algumas aptidões aproveitaveis e meia duzia de artistas de um merito real e superior.

*

Reconhecendo o talento provado d'alguns dos nossos artistas, reconhecendo a sua capacidade para largos trabalhos, não negando que haja entre nós riquissimos veios artisticos a explorar, especialmente para trabalhos de pintura — temo, por outro lado, que estes elementos esperançosos não tenham forças para resistir á passividade absoluta da indifferença publica e á falta de recursos de uma sociedade crivada de dividas e amollecida por uma preguiça invencivel.

E é tanto mais amargo este meu receio, quanto com elle vejo perdida a esperanza de um dia admirar, resuscitado na tela, todo o nosso glorioso passado, cheio d'assumptos que nunca sonharam o pincel classico de David ou a paleta romantica de Delacroix. Lamento essas scenas perdidas para sempre e que apenas a imaginação pôde esboçar d'um modo vago, sob as impressões vibrantes das nossas velhas chronicas. Lamento essa larga caudal de inspiração,

que presinto condemnada a seccar-se inutilmente, quando o seu nateiro é tão fecundo, que, mal toca a alma d'um artista, lhe faz executar obras tão vivas, como o *D. Sebastião* de Simões d'Almeida. Lamento mais a nossa natureza, ainda não interpretada, os nossos costumes populares quasi desconhecidos, os nossos typos physionomicos apenas esboçados n'uma pintura que balbucia, esperando inutilmente que a alma da patria lhe ensine as primeiras articulações da sua intima linguagem. Lamento, emfim, uma arte, que podia ser um assombro, mas que nunca passou e nunca passará, talvez, d'um sonho illusorio, jámais realisado.

A BOHEMIA

Ha bohemios verdadeiros e bohemios falsos, como ha brilhantes naturaes e brilhantes contrafeitos. Para a massa do publico—ou despreoccupada ou ingenua—ambos téem o mesmo brilho: mas o analysta, o observador, o talhador de pedras, distingue ao minimo toque em qual dos dois a scintillação é um effeito natural—uma espontaneidade de temperamento, em qual dos dois ella é apenas um resultado artificioso do trabalho—uma *pose* externa, sem correlações organicas.

E quando ponho este producto social no crivo da analyse, não é que me preocupe a ideia de que, joeirando-o, o que fique em cima valha muito mais do que o que fique em baixo. Não faço esta selecção com ideia de guardar semente pura e limpa, para fazer novas sementeiras de bohemia nos campos da litteratura. Unicamente, tendo de criticar este phenomeno de associação nas letras, este genero de agrupamentos artisticos, que são como que embriões de futuras escholas—um sentimento de justiça para com a legitima gloria de muitos bohemios me obriga a destacal-os da massa vulgar da especie, como quem destaca uma planta, ás vezes venenosa, mas sempre fina e exotica, d'entre um campo de hervas ruins e damninhas.

A bohemia é uma fôrma de associação revolucionaria, uma especie de maçonaria ao ar livre, um grupo de resistencia ao auctoritarismo das instituições artisticas, dos preconceitos estheticos, dos pontificados officiaes das letras, da pintura, da esculptura e da musica. Na historia artistica de um povo, as bohemias apparecem como as hostes tumultuosas e indisciplinadas dos barbaros entre a decadencia do mundo romano. Saqueiam, destroçam, derrubam, n'um furor iconoclasta, os deuses e os heroes da velha geração, até que por fim, á força de cutilada na critica, de ousadia e de valor nos seus feitos artisticos, implantam no Capitolio o estandarte da sua seita victoriosa.

A bohemia, por este lado, como uma colligação de independentes, como uma companhia para o successo de uma ideia, como um *syndicato* artistico (está na ordem do dia o termo), mas um *syndicato* sem subvenções, tem um indiscutivel valor para a acceleração do progresso esthetico, para o triumpho, no campo das artes, das novas theses dissidentes. No fundo a bohemia, significando associação, cooperação, ligação, unidade, diz apenas força, persistencia e victoria. Por ella, diremos como George Sand na *Derniere Aldini*:—*Vive la bohême!*

Mas um mesmo dogma reveste, atravez dos tempos, varios ritos e varias formulas.

O que era logico e acceitavel hontem, é hoje inutil e absurdo. Querer resuscitar a bohemia romantica é uma anachronica loucura. O romantismo foi uma phase da Revolução, agora expirante, um impeto intransigente do subjectivismo artistico, do individualismo liberal—restos da philosophia do seculo xviii, que o nosso viu ainda professados calorosamente nos seus tres primeiros quarteis.

As condições em que appareceram as bohemias roman-

ticas foram perfeitamente excepcionaes. A Revolução Franceza cortára d'um golpe rapido — como o do cutello das suas guilhotinas — todo o passado. O que não acabára nas hecatombes d'esse longo Terror social, passou a viver, na dictadura napoleonica e na restauração dos Bourbons, esteiado apenas pelo prestigio official das velhas formulas conservadas. No fundo, o espirito nacional não se podia alimentar com antigas ideias e com principios que a philosophia e a historia haviam proscripto. A esterilidade na Arte era completa.

Mas a esse tempo dos dois lados da França operára-se uma renovação completa nas letras. Shakspeare entrára na Allemanha com a alliança anglo-germanica na guerra dos Sete Annos, e o seu genio, agora resuscitado pelos naturaes e revelado aos estrangeiros, insuflava com o seu largo sopro pessoal e independente um espirito novo ao mundo das letras. Goethe e Schiller de um lado, do outro Byron e Walter Scott, creavam toda uma litteratura, derrocando os modelos do classicismo greco-romano. A Edade Media entrava em scena, poetisada, idealisada, um tanto contra a verdade da historia, desde a loucura da Alchimia até ao fervor militar-religioso das guerras santas da Palestina.

E' então que madame de Staël, na sua volta da Allemanha, e Chateaubriand, regressando de Inglaterra, trazem á França os germens da revolta. Em breve os proselytos surgem e o romantismo, que Hegel na sua *Esthetica* oppõe ao symbolismo classico como a grande formula da liberdade do espirito, o romantismo implanta na arte franceza a sua bandeira victoriosa. Toda uma legião indomita e revolucionaria rompe audazmente contra o espirito academico. Como nos dias da revolução politica — quasi meio seculo antes — a multidão dos amotinados corre agora desatinadamente, na

cegueira do jacobinismo, meio imponentes, meio ridiculos, levando á chuçada de critica toda a velha aristocracia litteraria.

Homens e mulheres—tambem o romantismo teve as suas *citoyennes* nas pessoas de mesdames Tastu, Sand, Debordes-Valmore e da bella Delphina Gay, mais tarde a espiituosa e fina madame de Girardin—homens e mulheres, digo, em trajos de uma excentricidade irritante, rompiam atravez da imprensa e tomavam de assalto o Theatro, libertando Corneille, Racine e Voltaire dos seus ferozes plagiadores, acobertados na declaração de discipulos—como tambem outr'ora o povo de Paris assaltára a Bastilha, roubando os nobres aos ferros do absolutismo.

A victoria do romantismo no theatro originou a celebre *batalha*, tão bellamente descripta por Gautier na sua *Histoire du Romantisme*. O *gilet rouge* do auctor da *Comedie de la Mort*, a capa alvadia do conde de Vigny, todo o carnavalesco guarda-roupa da nova legião e o seu aspecto barbudo e intonso—faziam tremer de horror os burguezes indignados e enfureciam os ultimos campeões do Classicismo, fanaticos da convenção e da regra academica.

Contradictorio, indisciplinado, incoherente como todas as revoluções, proclamando o subjectivismo na arte, arvorando o individualismo como a lei da sua independencia, e ao mesmo tempo, em plena revolta, apoiando as ideias realistas na politica por uma mera *sympathia* pela Edade Média, o movimento romantico levava os seus apostolos aos maiores desconcertos na vida practica. Fazendo da arte um culto exclusivo, tinham por tudo o mais um completo desprezo, uma perfeita *insouciance*. Os ricos rodeavam-se de todos os requintes do luxo aristocratico; os de fortuna média endividavam-se; os pobres, então, faziam a bohemia.

A bohemia era a imitação, nos costumes artisticos, dos costumes das tribus zingaras, nomadas, errantes, sem lei, sem religião, conservando a promiscuidade como typo familiar, bebendo, tocando, cantando — vida airada ao sol e á chuva nos seus ligeiros acampamentos, com o cachimbo na boca e a morena *gipsy* nos joelhos, agitando requebrada a pandeireta.

Escravo do seu modelo o bohemio não tinha casa, não tinha centro de affectos, não tinha modo de vida, nem methodo de trabalho. Comia hoje aqui, dormia ámanhã acolá, era oito dias o amante de uma *grisette* celebre, os outros oito amante de uma *poseuse* esculptural. Folheava os livros novos nas livrarias e nas redacções dos jornaes, escrevia a uma mesa de café ou na sua *mansarde*, sem um estudo systematico e ordenado. Tinha por philosophia o paradoxo, por moral a satisfação do seu gosto, e por unica paixão, vibrante e sincera, o amor das letras e das artes. Todo o seu trabalho era puxado do fundo do espirito, arrancado das suas entranhas intellectuaes, com um pleno desprezo pela objectividade do meio. D'aqui o predominio da phantasia em toda a obra do romantismo bohemio.

Educado na dissipação, na despreoccupação do futuro, a sua vida tinha com effeito um lado pittoresco, que fascinou sempre a mocidade. A sua existencia era uma aventura desde o amor ao jantar; seguiam na sociedade como os *troubadours* medievaes de castello em castello, de choupana em choupana, dormindo hoje no leito de uma castelã e partilhando a mesa do barão feudal, abrigando-se ámanhã no albergue do colono, com a barriga pegada ás costas e o bando-lim silencioso. Fazer *partidas*, explorar os parentes ricos, illudir os senhorios e os credores -- é toda a lenda do bohemio, alegre, independente, capaz, como diz Murger, de con-

vencer Harpagon a emprestar-lhe dinheiro e de achar trufas na jangada da *Meduza*. A sua vida é um jogo, é toda a indisciplina da independencia selvagem, sympathica por um lado, repugnante por outro, é uma lucta brutal, imprevidente, orgulhosa, contra uma sociedade que o hostilisa e que elle jura vencer.

Se uns chegam ás apotheeses da gloria e aos confortos da riqueza, outros morrem n'essa batalha insana e irracional, alcoolisados, syphiliticos, aborrecidos e scepticos. Se da bohemia de Gerard de Nerval, acampada n'uma velha casa, nos arredores do Louvre, saíram Corot para a gloria da pintura franceza e Th. Gautier para a da sua litteratura, o chefe, esse, coitado! ao fim de uma longa persistencia nos seus habitos, enforca-se uma manhã no braço de um lampeão, á esquina de uma rua, roído pela pobreza, pela miseria e pela loucura. Da segunda bohemia, a bohemia do café Momus, que se formou annos depois em Paris, não saiu nenhum escriptor de primeira plana; e os seus dois membros mais illustres, o mulato Privat d'Anglemon e Henri Murger, morrem, um após outro, n'uma casa de saude municipal, miseraveis e doentes.

A associação litteraria é, porém, possivel sem o ritual carnavalesco e selvagem do romantismo. As extravagancias, as irreverencias para com a opinião, as ousadias escandalosas de *toilette*, perderam o seu prestigio terrificante sobre o espirito dos burguezes. Estes, hoje, riem-se d'essas mascaradas, como na campanha da China os soldados inglezes se riam dos dragões de papel pintado, que o exercito dos Celestes fazia passear nos muros das suas fortalezas, para confundir e assustar o inimigo... Os litteratos podem reunir-se, discutir, assentar as bases da sua escola, em pequenas academias extra-officiaes, em intimos cenaculos de amigos,

em verdadeiros *comités* revolucionarios, sem toda essa palhice estapafúrdia dos costumes bohemios. Téem a conferencia, téem o jornal, téem a sala da sua bibliotheca, téem o seu gremio, téem inclusivamente a sua casa, sem ser precisa a inspiração da orgia, do absinto e do *haschisch*.

Entre nós não ha bohemia. O que por ali apparece, com pretensões a isso, não passa de *coteries* de noticiaristas, poetas sem poemas, romancistas sem romances, criticos sem opinião. Grandes *poses* e nenhum valor. Excepcionalmente se destaca d'estes grupos um homem de merito. Nem ao menos o espirito dos velhos bohemios, as exaggerações da sua imaginação ardente; tudo chatinho e repugnante. Quanto ás Musettes e ás Mimi-Pinson, brilham, n'essas pseudo-bohemias, pela sua moralissima ausencia.

Apenas em Coimbra nos apparecem alguns esboços do espirito bohemio, despretenciosos e sinceros como a mocidade e o talento. Hoje já lá não ha d'isso. A ultima bohemia foi a de João Penha, tão interessantemente historiada depois pela penna scintillante do desditoso Gonçalves Crespo. Anteriormente a essa, a mais notavel foi a de João de Deus, cheia de lendas deliciosas e das mais elevadas expansões do talento. Mas Coimbra é uma terra excepcional, um meio áparte, exotico, discordante da mazomba gravidade do espirito portuguez; é um ninho de juventude onde a vida corre sem cuidados, sem preocupações de posição, de ostentação ou de futuro, porque o titulo academico democratiza os nobres e aristocratiza os plebeus, a capa coçada e rota é a primeira das elegancias, e o dia de amanhã pertence ao providencialismo das mezadas. Demais, ao lado d'este viver folgasão, jovial e leviano, ha os trabalhos da formatura, que é a conquista do futuro, das posições sociaes e da independencia.

Além d'isto, quasi todos os nossos grandes homens de letras, poetas, romancistas, historiadores, criticos, vivem obscura e modestamente ao seu canto, no amor da sua familia e no enlevo do trabalho. Não téem tempo para mandriar ás esquinas--e vão pela rua fóra como todos os mortaes, indistinctos, indifferentes, confundidos na grande massa dos que andam a tratar da sua vida.

CARTA A EÇA DE QUEIROZ
SOBRE
O MYSTERIO DA ESTRADA DE CINTRA

Meu caro amigo :

Ha dois annos, no inverno, por uma bella noite de frio luar, quando toda a capital resonava pacatamente sob os seus cobertores de papa, e os guardas nocturnos cabeceavam com somno pelas esquinas das ruas — nós dois, tendo saído d'um dos mais antigos e mais conhecidos salões de Lisboa, desciamos o Chiado, cavaqueando.

V. havia chegado dias antes de Inglaterra, e eu interrogava-o avidamente sobre o assumpto, os episodios e os personagens dos *Maias*. Fallamos litteratura, caturramos sobre poesia e sobre poetas, dissertamos ácerca de romances e de romancistas, quando eu, morto por possuir um volume do *Mysterio da estrada de Cintra*, de cuja leitura guardava as mais deliciosas recordações, lhe lembrei a reimpressão d'esse romance, então esgotado, assim como a publicação dos seus primeiros contos da *Gazeta de Portugal*.

Imagine, portanto, v. como eu corri, ha dias, para casa do meu livreiro, quando vi annunciada a segunda edição do

Mysterio da estrada de Cintra; imagine como lhe cortei as folhas, como o li e o reli! É que poucas cousas ha tão deliciosas como estes encontros inesperados com um livro que, aos quinze annos, nos deixou na imaginação um traço d'impressões vibrantes e indeleveis. Os livros são os grandes amigos do espirito; e as obras, que se admiram ao despontar da mocidade, nunca perdem esse logar d'estima, que se reserva no coração para os primeiros companheiros da vida.

Sim, meu caro amigo, eu li soffregamente esse romance, que v. e Ramalho Ortigão escreveram para alarmar a Baixa, «sem plano, sem methodo, sem escola, sem documentos, sem estylo, recolhidos á simples torre de crystal da Imaginação», como v. e elle confessam. E, quer saber? essa monstruosa novella, que os seus auctores declaram *execravel*, com o seu enredo tetrico, com as suas situações de um romanesco *outré*, com todas as molas de dramalhão espirituosamente aproveitadas, não me fez hoje—depois de ter devorado as principaes obras dos corypheus do romance moderno, incluindo as suas, n'um tremendo canibalismo litterario—não me fez hoje, repito, uma impressão peor do que a de ha dez annos, quando a li pela primeira vez.

O que será, pois, que ainda agora vivifica, dá interesse, mantém illeso da banalidade e do ridiculo, esse romance tão fóra dos moldes artisticos inventados pela esthetica contemporanea, tão desviado da corrente da moderna litteratura? Em que philtro magico, em que tinta maravilhosa como o elixir das sagas, molharam os auctores as suas pennas para conseguirem que uma obra, sem apoio de principios d'escola alguma, seja lida sempre com gosto e com prazer?

O segredo é simples: esse livro foi escripto com talento. E, quando um livro é escripto com talento, póde muito bem

o auctor mandar as escolas litterarias pentear macacos, pôde á vontade fazer-lhes o seu *pied-de-nez*, porque ellas hão de ir passando como as modas, e o talento ha de ficar com a eterna belleza.

E esta, meu amigo, é a unica razão por que hoje se reimprime o *Mysterio da estrada de Cintra*. Os auctores não o dizem, porque seria immodesto. Mas lá com os seus botões, quando o releram, tanto v. como Ramalho Ortigão acharam que esse *embroglio* adoravel, esse primeiro clarão brilhante da sua gloria futura, esse volume indisciplinado e pessoal, podia reapparecer sem vergonha e sem timidez ao lado das *Farpas* e do *Crime do Padre Amaro*, porque no fundo d'elle havia a palpação vital do talento.

Ah! esta é que é a grande mola, no fim de contas! esta é que é a chave do enygma, que nos explica o facto estranho de tantas obras cheias de intuitos, de orientação, de disciplina, de processos, etc., etc., serem umas respeitaveis estopadas, não obstante toda a verdade da sua these litteraria, e outras, sem a etiqueta classificadora de nenhuma escola, feitas apenas com os nervos, com o sangue e com a vida de quem as executa, terem um poder de vibrante emoção, o cunho de uma intuitiva profundidade.

Eu bem sei que v. me pôde dizer que quem não tem talento está, *ipso facto*, fóra do dominio litterario e do direito moral de produzir obras; que as escólas não se fazem, não se criam, para se revelar aos tolos o segredo de terem genio, e que ellas são apenas phases da evolução esthetica do espirito humano, de que a critica estuda as regras e as leis, offerecendo-as como um elemento de educação á espontaneidade dos temperamentos artisticos.

Eu sei isto muito bem, e não contesto taes verdades, pois que a historia me mostra em cada epoca litteraria uma

physionomia typica. Mas, por outro lado, também vejo que as escolas não tiram ao talento o direito de o ser — mesmo quando elle resiste a curvar submissamente o pescoço sob o jugo das suas imposições e dos seus preceitos, — e tenho notado que a mania da systematisação artistica esmaga muita vez no espirito o pequeno grão embryonario da originalidade espontanea.

Não me julgue, porém, v. um anarchista ou um demagogo litterario. Não reconhecer regras nem leis é estar fóra de toda a moral e de toda a justiça — e eu, Deus louvado! góso no meu bairro a reputação de um visinho amante da ordem e exacto no cumprimento dos meus deveres civicos.

E' contra as demasias e os radicalismos da escola que eu me insurjo, meu amigo: não, porém, contra o que os criticos pudibundos chamam as *cruzas* da moderna litteratura, pois entendo que a verdade só é logica, quando se ostenta na sua nudez symbolica; mas sim contra esse espirito exclusivamente analytico, contra essa preocupação acaanhada do facto e do documento, que faz pender sempre para o chão o genio do artista, eternamente condemnado a esgaravatar como uma gallinha nos monturos da realidade, sem poder soltar, uma vez por outra, um vôo d'aguia na atmosphera do idealismo, com as azas valentes da abstracção.

E insurjo-me contra isto, porque me parece que um observador de talento pôde vêr mais alguma cousa do que «as claras realidades da sua rua.» Que diabo! Concentrar-se-ia por acaso toda a vida social ahi debaixo das suas janellas—no Rocio ou na calçada dos Caetanos? Ir-se-iam alojar todos os sentimentos e as ideias do seculo nas casas circumvisinhas das suas? Porventura todos os typos psychologicos, todas as incarnações vivas das paixões humanas terão

ido alinhar-se em parada no Chiado, prestando o peito aos golpes dos seus escarpellos de analystas?

Não, meu caro Eça de Queiroz; por ampla e vasta que seja a praça, onde se ergue a memoria do Dador, eu temo que o mundo inteiro não caiba lá á vontade. E v., com o seu glorioso talento, tem-nos provado que a sua vista póde abran-ger, e abrange, mais do que o seu Rocio, mais do que a sua capital, e talvez até mais do que o seu proprio paiz.

A realidade é uma segura base — é a terra firme que nos sustem, é o solo que os nossos pés trilhão: mas não me parece que, por este motivo, tenhamos de andar sempre com os olhos fitos no chão, sem nos ser permitido desafo-gar livremente a vista na radiosa gloria do céu azul, no des-lumbramento das noites estrelladas.

Evitemos o fatal exclusivismo: é muito bom observar, mas nem por isso é um crime idealisar. O jogo harmonico d'estas duas faculdades é que constitue o pleno exercicio da intelligencia. O espirito, como o mar, tem o seu fluxo na analyse, o seu refluxo na synthese; por meio d'aquella es-praia-se, por meio d'esta concentra-se. Pelo movimento equilibrado d'essas duas forças é que elle vive: e, como diz Fausto, *vivre c'est le devoir, ne fut-ce qu'un instant*.

Vivamos, pois—no real ou no ideal, na materia ou no espirito, na natureza ou na alma, no nosso bairro ou no nosso mundo, na nossa epoca ou na eternidade dos seculos! *Vivamos* sem restricções, desde o momento em que verda-deiramente *se viva*—desde o momento em que o genio la-teje dentro do craneo, e o espirito esteja na verdade dos sentimentos e na verdade da razão!

Ahi tem v. a escola em que eu, se fosse critico encar-tado, o filiaria: — a escola eterna dos que dão ás suas obras a sua vida, dos que trabalham com todas as faculdades do

seu espirito, dos que deixam inscriptos, no distico classificador das suas producções, não a divisa de uma seita litteraria, mas o seu proprio e glorioso nome.

E já que entrei a discutir uma opinião do prologo do *Mysterio da estrada de Cintra*, permittam-me, v. e Ramalho Ortigão, duas palavras de resposta á incriminação de falta de originalidade, que dirigem aos novos escriptores.

Sabem por que é que até agora a geração, que desponsa, não fez, ao seu *naturalismo* e ao seu *realismo*, o mesmo que os senhores fizeram ao romantismo decadente de ha quinze annos? Por uma razão muito simples: porque em Paris, depois d'essa escola, não se inventou ainda outra que conseguisse *internacionalisar-se*, transpondo a restricta orbita litteraria do *boulevard*. Collectivamente, a nossa litteratura é como a nossa industria: copia, imita, transforma, melhora até, mas esqueceu as suas tradições e perdeu com ellas o dom da originalidade. D'esta imitação salvam-se os que têm talento: assim das *Guêpes* saem as *Farpas*, com um cunho proprio, do realismo são o *Padre Amaro*, perfeitamente portuguez, das obras de Victor Hugo são a *Morte de D. João*, reveladora de uma personalidade cheia de caracter. Se amanhã em Paris meia duzia de escriptores hastearem um novo estandarte litterario, verão como em pouco todos os nossos jovens plumitivos lhes caem ingratamente em cima das suas obras e das suas opiniões, respeitando-lhes apenas o talento—essa força que, repitô, as modas não podem dominar nem abater.

Mas—além d'isto—a geração que se lhes seguiu balbucia apenas. O talento que possa haver n'ella está em germen. Verdadeiramente, para a critica e para a litteratura do paiz,—v. Ramalho, Oliveira Martins, Anthero, Junqueiro, João de Deus, Theophilo Braga, Bento Moreno, etc., etc.,

são por enquanto, e continuarão a ser, indefinidamente, a geração nova... Consolem-se, com esta prerogativa litteraria, das tyrannias da idade... De resto, eu ainda os não vi de muletas, e tenho notado, com prazer, que as suas cabeças e os seus bigodes não recorreram por ora a esse philtro magico da juventude, que tem conservado n'uma eterna primavera o Fausto da Regeneração.

E para concluir, meu caro Eça de Queiroz, eu agradeço-lhe, em nome do publico, as deliciosas *étrennes*, que v. e o seu querido amigo e brilhante collaborador nos deram n'esse delicioso volume — do qual admiro sem restricções o romance, permitindo-me, porém, discutir o espirituoso prologo.

Sou

Janeiro de 85.

Seu muito admirador e amigo,

LUIZ DE MAGALHÃES.

NATURALISMO E REALISMO

I

O nosso seculo tem por ventura assistido á mais larga e á mais profunda controversia esthetica que a historia das artes assignala. Nunca a Arte procurou, com tão violento esforço, com tão penetrante subtiliza, obter a consciencia de si propria, a formula objectiva da sua intima essencia—*nos-cere se ipsam*. Desde as sublimidades metaphysicas da *Es-thetica* de Hegel até ás ultimas extravagancias, ás ultimas demencias da decomposição litteraria e artistica em que se esphacela o genio francez—que de theses, que de formulas, que de escholae, concretisando-se a cada evolução do espirito contemporaneo em incontaveis creações de todos os ramos da Arte! O problema esthetico multiplica indefinidamente as suas interrogações, manifesta em cada dia uma face imprevista, transfigura-se a cada elemento novo que a erudição traz para a historia das artes, a cada systema ideologico que o pensamento moderno borda na velha trama da philosophia.

O que é o Bello? Como se expressa elle em cada cathegoria artistica? E' immutavel e eterno o seu principio, ou

acompanha as successivas transfigurações do genio humano, atravez dos seculos e das raças? Consistirá apenas na correcção plastica e formal, na immobilidade hieratica da tradição classica, ou, espelho da Alma collectiva, ha de reflectir vivamente as ideias, os sentimentos, os costumes, a physionomia, emfim, de cada epocha historica? Deshumanisar-se-á alando-se mysticamente ás regiões vagas e nebulosas do sonho, da phantasia, do ideal, da metaphysica, ou perderá, ao contrario, a sua propria essencia, a sua essencia semi-divina, descendo até á brutal Realidade, abrindo a escarpelo, em autopsias cruas, as visceras mais baixas e mais gangrenadas das sociedades decadentes? Ha para elle um criterio positivo, uma formula objectiva, ou é certo que, mero condão do talento e do genio, só o encontraremos incarnado nas obras que este marca com a assignatura da sua dedada pessoal? Que escala de sentimentos abrange esse delicado instrumento da Arte? Póde unicamente dar a nota das emoções naturaes e moraes, ou attinge mesmo a expressão esthetica das emoções superiores do pensamento? Em frente da Natureza, deve apenas copial-a—ou interpretal-a? Em frente do homem, deve só analysar-lhe materialmente o sangue e os nervos, os instinctos e o temperamento, a sua exclusiva herança animal, ou escavar nos arcanos da alma o thesouro da sua psychologia historica, os sentimentos, as paixões, as ideias, ahí accumuladas de seculo para seculo, transmittidas de raça a raça, no longo e laborioso genesis d'esse cosmos moral que se chama a Consciencia?

A cada uma d'estas interrogações antinomicas, que a sphynge do problema esthetico nos propõe, se tem respondido sempre de differente modo, creando atravez da arte contemporanea esse formigueiro de escholas e formulas artisticas, que se dividem e subdividem até á pulverisação. A

falta d'uma synthese que funda n'uma doutrina definitiva essas theses e antitheses, apenas apparentemente inconciliaveis e contradictorias, dando a harmonia d'um pensamento uno a todas as parcellas de verdade dispersas e perdidas n'essa polemica de quasi um seculo—mais aggrava esta desordem e anarchia em que a arte moderna se vê perigosamente envolvida.

Obcecados por esse pernicioso vicio do exclusivismo estreito, que não nos deixa encarar as cousas senão por um unico dos seus multiplos aspectos, os artistas, acantonados em tribus rivaes, vivem n'uma permanente hostilidade mental—hostilidade que ás vezes se resolve em scenas de *box litterario*, como, por exemplo, n'essa famosa batalha do romantismo, dada em plena plateia do Theatro Francez, na primeira representação do *Hernani*, quando os barbudos romanticos e os classicos, academicamentos escanhoados, resolveram a murro e a bengalada as suas divergencias estheticas. A arte apresenta-nos hoje, como a politica, todos os desvarios d'esse facciosismo cego, que a indisciplina individualista tem fomentado nos espiritos. Ha conservadores e radicaes em materia artistica: ha opportunistas e intransigentes. Um classico nunca se poderá entender com um romantico, um academico com um realista ou um naturalista. Courbet troçava desdenhosamente as *virgens phtysicas* de Raphael, enquanto Alexandre Dumas, filho, referindo-se ao auctor dos *Britadores*, perguntava—*de que fabulosa copula d'um pavão e d'uma lesma, de que antitheses genesiacas, de que sebacea distillação, podia ter sido gerada essa cousa que se chamava Gustavo Courbet?*— Para um pintor *plein-airiste* uma allegoria de Puvis de Chavannes é uma mascarada idiota: para um academico uma paisagem de Manet é uma borratada. Lembremo-nos

das barbaridades criticas que Zola tem escripto sobre a litteratura romantica, e de toda a mesquinha guerra que a *imprensa séria* tem feito aos seus magistraes romances. Não vemos ahi, todos os dias, a poesia lyrica tratada a pontapés pelos *gerações novas*, espiritos emancipados do pieguissimo Ideal, amantes de *la Nature à la forte mamelle*—robustos e athleticos sujeitos que Veillot nos pinta, coitadinhos! com a espinha em curva, a face escaveirada, muito empacotados em flanelas, tossindo sempre as suas bronchites e gemendo os seus rheumatismos prematuros?

Por ultimo, a propria politica distingue muitas vezes sobre as questões artisticas. Em 1830 os romanticos, resuscitadores da Edade Media, eram monarchicos: os classicos, cheios de Grecia e Roma, republicanos. Hoje a pintura academica é desdenhosamente apodada de *pintura burguezia* pelos barretes phrygios da palêta. Courbet, o mestre realista, foi secretario das Bellas Artes no governo da Communa. Todos os tradicionalistas, em materia artistica, formam na politica á direita: todos os revolucionarios á esquerda.

Ora, n'este cahos de contradicções, que caracteriza o nosso cyclo esthetico, destacam duas formulas, duas escholas affins, que ha bons trinta annos enchem largamente todos os debates da critica, nos grandes centros artisticos da Europa Occidental—sobretudo em França. São ellas o *Naturalismo* e o *Realismo*.

Creadas n'um movimento de reacção contra os excessos espiritualistas e idealistas do romantismo—essas escholas vieram, porém, a cair no extremo opposto. Desde nascença minou-as internamente o virus hereditario do exclusivismo, a que acima me referi. Os seus definidores—sem esse espirito de conciliação especulativa que abrange no mesmo golpe de vista, constituindo-as em *systema*, as an-

tinomias do pensamento — quizeram vêr incompatibilidades radicaes entre dois principios que não são mais do que as duas faces d'uma mesma medalha ou os dois polos d'uma mesma esphera:—o Espirito e a Natureza, o Ideal e o Real.

Vejamos, porém, summariamente e muito d'alto, o papel representado por essas escholas na evolução da arte contemporanea.

Nas obras, animadas pelos seus principios, ha indeleveis traços de genio. É tempo, passadas como são as exaltações da lucta que tiveram de sustentar para se firmarem, que se lhes faça justiça, inventariando-se os seus erros e as suas verdades e repondo-as, emfim, no logar que lhe compete dentro do *systema* de ideias, que impulsionou e caracterisou a vida do nosso seculo.

II

Comecemos pelo *Naturalismo*.

Esta palavra é vulgarmente tomada como a simples designação d'uma eschola litteraria. Ora o *Naturalismo* é um pouco mais do que isso: é, no fundo, uma verdadeira philosophia, toda uma phase do pensamento contemporaneo, manifestada não só nas sciencias physicas, como nas sciencias sociaes.

O extraordinario desenvolvimento que aquellas tomaram a partir do seculo passado, revolucionando a astronomia, a physica e a chimica, constituindo a biologia, a *ethnographia*, a *anthropologia*, influiu de um modo notavel na germinação do espirito naturalista. A queda do espiritualismo batido em brecha pela *pyscho-physiologia*; o estudo

archaico do homem nas suas origens animaes ; a rajada de scepticismo que varreu a já adelgada neblina das velhas ideas religiosas ; a generalisação dos methodos de analyse e de observação ás sciencias moraes e politicas; o rejuvenescimento das ideias materialistas, esteiadas agora nas mais recentes acquisições do saber moderno ; as tentativas de unificação philosophica das differentes sciencias, hierarchisadas n'uma classificação geral :—tudo isto (a par do incremento das doutrinas individualistas que saíram triumphantes d'essa tremenda derrocada do Passado, consummada pela Revolução) concorreu para uma nova concepção do homem e do estado politico e civil das sociedades futuras. Ligado á Natureza pelos elos d'essa longa cadeia da ascendencia darwiniana, localisada nas circumvoluções do seu cerebro essa força quasi sobrenatural do pensamento, reduzido a simples parcella d'um todo, deposto do seu throno anthropocentrico — o antigo Rei da Terra passou á condicção d'um ser como os outros, d'um aggregado de materia organica, sujeito a todas as tyrannias do meio, a todas as condicções geraes da Vida e ao regimen fatal e inevitavel das grandes leis naturaes. Condemnado radicalmente todo o Passado, negadas a abstracção, o ideal, a metaphysica, a religião,—o homem historico, o homem moral, desapareceu de vez em frente do homem zoologico, explicado até aos mais complexos phenomenos vitaes pela infalibilidade da physiologia. — Era a desforra completa da Natureza, que desde a Renascença vinha minando as carcomidas bases do Espiritualismo christão.

Esta concepção naturalista do homem fez sentir os seus effeitos em todos os ramos do pensamento.

Na philosophia deu o materialismo. Na religião deu o atheismo. Na politica deu o anarchismo, ultima expressão do individualismo. Na economia deu o livre cambio cosmo-

polita, o *laissez faire*, a preconisação das « leis naturaes » da concorrência como o melhor regimen do trabalho. Na moral deu o amor livre, a negação dos sentimentos patrios, a deificação do egoismo. Na arte deu, enfim, a *eschola naturalista* — essa *eschola* que, segundo a define Zola, « estuda a natureza nas suas proprias fontes e substitue o homem metaphysico pelo homem physiologico, não o separando nunca do meio que o determina. »

Tal é, me parece, a verdadeira filiação da arte naturalista, na complexa genealogia philosophica das ideias contemporaneas.

A esta corrente intellectual, que desde o inicio do seculo tem arrastado pensadores e artistas, publicistas e politicos, contrapõe-se, porém, uma outra, que engrossa de dia para dia, produzindo no agitado curso do espirito moderno uma nova oscillação de principios e theorias. Ainda no seu periodo critico, essa corrente tem, contudo, affrontado em mais d'um ponto o naturalismo triumphante. Operando uma larga concentração no campo das sciencias sociaes, e determinando-lhes as reciprocas influencias, relacionou harmonicamente a ethica, a economia e a politica, estabelecendo esse systema de ideias historico-sociaes, de que o socialismo cathedratico e a chamada *eschola historica*, corôa intellectual do genio germanico, são as mais expressivas manifestações. O homem — segundo o espirito d'essas doutrinas — não é apenas um ser animal, governado pelos instinctos inconscientes. Não são o sangue, a carne, os nervos, o temperamento — que unicamente o constituem. Se á Natureza deve as suas faculdades rudimentares, deve á Historia, á vida social, esse conjuncto de sentimentos, de ideias e de aspirações, que formam o que, n'um termo abstracto, poderemos chamar a sua *espiritualidade*. A genese d'estas faculdades

eminentes não é um phenomeno do individuo, é um phenomeno da especie. Não se explica apenas pela anatomia ou pela physiologia ; têm de a explicar a historia e a ethica — essa psychologia collectiva. A consciencia, a piedade, o genio poetico e artistico, o altruismo, o patriotismo, o mysticismo, a ideia de justiça, o sentimento do dever, o amor da gloria—dá-os acaso a natureza? encontram-se nos typos zoologicos mais affins da familia humana? concebem-se, porventura, no individuo isolado do meio social? Não. O Naturalismo offerece-nos apenas um lado, uma face, um grupo de faculdades, d'esse complexo ser chamado Homem. Póde pôr-nos sob os olhos as ultimas raizes da sua origem animal ; póde mostral-o, soberbo e forte, na plena liberdade da vida selvagem ; póde revelar-nos o violento drama dos seus instinctos reagindo a cada instante contra a pressão das leis e dos costumes. Mas reconstituir-nos o homem como a Historia o formou, accumulando seculos e seculos de vida moral dentro das paredes do seu craneo, entre as circumvoluções do seu cerebro ; reconstituir-nos o homem nomologico, o homem domesticado pela disciplina social, e transfigurado ao mesmo tempo pela divinisação do pensamento—isso está muito acima da sua envergadura philosophica e fóra da acção dos processos e methodos das suas sciencias. A Alma humana, a Psyche collectiva, abstracção de toda a vida moral da Humanidade — não póde ser autopsiada com um simples bisturi, nem explicada apenas por um tratado de Biologia.

Esta concepção do homem, trazida para o campo da Arte, deve modificar profundamente a these litteraria do Naturalismo. A Arte, criação historica, phenomeno sociologico, não póde ter apenas por objecto a observação do homem natural. Em vez d'um exclusivismo acanhado — essa concepção determina, nas ideias estheticas, um desdobramen-

to de aspectos, uma multiplicação de pontos de vista. A Arte tem de observar o homem physico e o homem metaphysico, o homem natural e o homem moral; tem de o reconstituir tal como a Natureza o gera e tal como a Historia o educa; tem, emfim, de lhe dissecar as visceras e de lhe analysar as ideias e os sentimentos. Shakspeare fez grunhir Caliban, mas tambem fez sonhar Hamlet.

O Naturalismo condemnou o homem historico, o homem ethico, o homem refundido pelas convenções sociaes. O criterio historico, porém, não nega o homem natural. Em vez de affirmar uma incompatibilidade insuperavel entre os dois typos, restabelece em novas bases, strictamente scientificas e largamente philosophicas, esse dualismo da natureza humana, expresso d'um modo falso pelas antigas escholas espiritualistas.

Assim, no romance (tomarei para exemplo esta larga e comprehensiva forma d'arte, onde todas as outras como que se fundem e synthetisam) — assim, no romance, esses dois elementos offerecem um duplo campo de analyse e observação, de estudos humanos, de reconstituições typicas, onde cada escriptor, no legitimo direito de accentuar a sua personalidade, buscará o filão que mais proprio lhe pareça para a expansão das suas faculdades especiaes. Quando os Goncourts estudam, na *Madame Gervaisais*, todas as successivas impressões d'um espirito sensivel, vivendo, uma apoz outra, entre extasis artisticos ou dolorosas torturas mysticas, as duas vidas historicas de Roma: a vida pagã e a vida catholica — que fazem os dois eminentes artistas que o romance moderno considera como mestres? Naturalismo? Não: espiritualismo, psychologia — e da mais profunda, da mais verdadeira. E é isto o que acontece a todos os que perscrutam, observam e criam almas. Foi isto o que fez Balzac, o mes-

*

tre sublime, com a sua formidável galeria de typos moraes, typos quasi epicos dentro das condições correntes da vida, e que elle baptizou com o nome de Goriot, Vautrin, Rastignac, Grandet, e tantos, tantos outros d'egual magnitude artistica! Zola, o proprio definidor da eschola, que mais largamente, em varios artigos criticos, tem explicado n'uma catechese de fanatico o *credo* do Naturalismo — esse mesmo desmente a cada passo, sobretudo nas suas ultimas obras, a formula radical que tão ardentemente tem defendido. Que é o *Assomoir*? que é o *Bonheur des Dames*? que é o magnifico *Germinal*, essa obra justiceira e piedosa, essa comovedora tragedia da escravatura moderna dobrada aos pés do Capitalismo sob o chicote do trabalho? São apenas estudos naturalistas, no sentido que Zola dá a esta expressão? Não: são mais do que isso: são verdadeiros estudos sóciaes, quadros vastos, onde as classes se agitam como actores collectivos, no grande drama da vida contemporanea. E o mais que elles tem de naturalismo, é pôrem em relevo, n'uma scena ampla, este *struggle for life* das sociedades modernas, esta lucta brutal de egoismo para egoismo, este triumpho constante do forte sobre o fraco, do plutocrata sobre o proletario, este materialismo sexual que leva ás torpezas incestuosas da *Curée*, á prostituição desenfreada da *Nana*, á promiscuidade besta do *Assomoir*, — multiplos symptomas d'uma epocha ferozmente individualista, em que os pensamentos moraes se apagam no coração do homem, vencidos por um regresso brusco á psychologia d'esse *estado natural*, que Rousseau definiu.

III

Passemos agora ao *Realismo*, termo que, na chronolo-

gia das ideias estheticas contemporaneas, precedeu o de *Naturalismo*.

O Naturalismo é, no systema do romance moderno, o processo para o estudo dos individuos, para a interpretação artistica do homem. O Realismo é, sobretudo, o methodo para a observação dos factos e para analyse da acção. *O homem natural dentro do meio real* — tal é a verdadeira formula dos novos romancistas.

Esta preocupação exclusiva da realidade filia-se no mesmo movimento intellectual que produziu a preocupação do Naturalismo. A baixa philosophica das ideias espiritalistas e do subjectivismo metaphysico, o rapido desenvolvimento das sciencias experimentaes, o predominio dos methodos de observação e de analyse n'um periodo de reconstituição scientifica e ideologica, o espirito critico d'uma epocha essencialmente positiva — deviam por força trazer como consequencias, no dominio da arte, a deprecição das faculdades imaginativas e um enfraquecimento notavel do poder de idealisação.

O romantismo havia falsificado totalmente as condições da vida humana. Os seus personagens, destacados da natureza e da realidade, viviam uma existencia ficticia, uma existencia de phantasmas, refractarios á acção do meio que os cercava. Cada individuo, cada ser, cada alma, explicavam-se por si mesmos, pelas suas energias e faculdades proprias, autónomas e independentes de toda a influencia externa. Uma intensidade exaggerada prolongava e exaltava os sentimentos e as paixões, além de todos os limites humanos. Os caracteres fundiam-se d'uma só peça, inteiriços e duros, sem a mobilidade característica dos seres vivos. Os episodios eram uma trama de situações extraordinarias, imprevistas aqui, providenciaes acolá, em que a personalidade do auctor in-

tervinha a cada passo, como um *deus ex machina*, suspendendo arbitrariamente a marcha logica dos successos. O cosmopolitismo acabára por invadir os dominios da psychologia: sob todos os climas, no meio dos mais oppostos costumes e entre as raças mais differentes, os sentimentos eram sempre os mesmos, os typos romanticos não variavam. Os meios, onde as scenas se desenvolviam, não passavam, as mais das vezes, de um scenario vistoso, d'uma decoração cheia de pompas de estylo: nem as figuras, nem a acção, se prendiam a elles pelo minimo filamento de causalidade. Procuravam-se apenas pannos de fundo pittorescos ou grandiosos: abysmos, ruinas, torrentes, golfos azulados, florestas virgens, ceus cheios de luz. Assim entrou em scena o orientalismo lançado por Byron: assim a Italia se tornava a patria do amor nas obras de Lamartine e de George Sand; assim Chateaubriand ia desenrolar as scenas da sua *Atala* entre a natureza opulenta e luxuriante da joven America.

Tanto no estudo dos caracteres como na trama da afabulação, o romantismo procedia deductivamente. Predeterminado d'um modo absoluto o character do seu personagem, o romancista ia deduzindo d'essa fonte primaria toda a sua obra: os estados de espirito, as impressões, as ideias, os sentimentos do seu heroe, os episodios, as situações em que se achava envolvido -- tudo isso se concluia do typo moral adoptado. D'aqui se originou o famoso *romance de these*, romance que forneceu á galeria litteraria contemporanea toda uma infindavel serie de personagens manequins, incarnações scenicas das ideias pessoas do auctor, argumentos personificados do seu thema subjectivo, movendo-se, fallando e vivendo syllogisticamente ao longo da acção dramatica.

Foi contra esse excesso de subjectivismo, de deducção imaginativa, que o Realismo veio protestar. Applicando ao

romance os recentes methodos scientificos, fel-o entrar n'uma phase completamente nova. O homem é, como tudo o que existe, um ser evolutivo, permanentemente em transformação vital. O seu character não se determina pela acção exclusiva d'uma só faculdade, mas pela preponderancia que essa possa ter sobre todas as outras. Não ha dois homens absolutamente diversos, como não ha dois homens absolutamente eguaes. Na vida d'um mesmo homem os momentos são diferentes, porque indefinidamente differentes são as circumstancias em que elle se encontra. Alem d'isto — se o temperamento, se a idiosyncrasia individual é uma força activa, o meio é um energico complexo de forças reagentes, que tendem constantemente a modificar o individuo, identificando-o a si pelas necessidades da adaptação. D'aqui a conclusão de que, para determinar uma certa individualidade, para constituir um typo verdadeiro, ha um só processo legitimo: — a analyse, a inducção, base positiva de todo o conhecimento.

São estas as origens do romance realista, do romance de analyse e de observação. Como mais tarde aconteceu com o Naturalismo, a intransigencia avassalou desde principio esta these litteraria. O Ideal foi radicalmente negado. O que se queria era o facto, o *documento* positivo da vida real. Essa alta faculdade de abstrahir, de generalisar, de synthetisar, condão caracteristico e suprema grandeza do Espirito — viu-se banida das regiões da Arte por sentença da nova Critica. Os mais avançados pretendiam até reduzir o romance a uma simples *copia* da realidade. Fôra d'ahi tudo era falso, erroneo, condemnavel.

Não é difficil descobrir o vicio original d'esta theoria. O espirito é uno e indivisivel. As suas operações não são forças cuja acção se possa discricionariamente suspender: essas forças hão de actuar fatalmente, necessariamente, porque

são verdadeiras funções organicas. O espirito analysa e abstráe, como os pulmões aspiram e respiram, como o coração pulsa pelos movimentos alternados de diastole e systole. Esses dois processos mentaes são condições essentialissimas da sua vitalidade. O equilibrio intellectual depende principalmente do seu harmonico dynamismo. Como poderemos, pois, sem manifesto absurdo, reduzir a acção das faculdades mentaes no dominio da Arte? O que é que auctorisou ou justifica essa irracional amputação do espirito? Ha por ventura mais verdade na analyse do que na synthese, na observação do que na idealisação? Pois não se vê que estas duas forças se completam e que, só depois de ambas terem actuado sobre uma ideia, podemos dizer que ella realisonou perfeita e totalmente a sua evolução mental?

O lado fraco do Realismo é este. Negando a arte abstracta, os typos absolutos, as generalisações psychologicas, as syntheses moraes, negando enfim o Ideal — o Realismo foi contradictorio consigo mesmo, contradictorio com o seu principio basilar, pois negou tambem a plena realidade do espirito humano. A sua formula intransigente e curta é a condemnação das mais puras, das mais gloriosas tradições da grande arte. Proclama-a como uma verdade absoluta de Esthetica — corresponde a passar um traço sobre as suas mais altas formas, sobre as suas mais transcendentis creações e sobre toda a legião dos grandes genios, que, nas suas obras, attingiram as derradeiras culminancias do Bello.

IV

E' tempo de concluir, coordenando n'uma affirmação geral o punhado de notas dispersas ao longo d'este modesto estudo.

Vejamos pois.

Serão falsas as theses do Naturalismo e do Realismo? São e não são. São — se se persistir em as considerar como escholas exclusivamente possuidoras dos *unicos* processos verdadeiros da Arte. Não são — se as restringirmos ao seu papel de methodos indispensaveis, sim, mas parcellares, da complicada operação artistica. Com effeito, a verdade é que Naturalismo e Realismo são apenas pontos de vistas relativos por onde se podem encarar os homens, as coisas e os successos.

Em todos os tempos, em todas as epochas litterarias, esses methodos entraram em jogo, esses aspectos foram considerados. Que se escreve hoje de mais cruamente realista do que as hediondas scenas devassas das satyras de Juvenal? Leiam-se os *minores* de todas as litteraturas, essas estereotypações fieis da vida, psychologia e costumes das sociedades suas contemporaneas: onde ha paginas mais reaes, mais preciosos archivros de documentos humanos? Em toda a vasta galeria do theatro, que não é mais do que o romance em acção, desde Eschylo e Aristophanes até Shakspeare e Molière — que vivissimos traços de naturalismo e realismo não apresentam as figuras immortaes dos seus mais tragicos ou mais comicos personagens?

Esses pontos de vista não são pois exclusivos da litte-

ratura moderna — como não são exclusivos da litteratura antiga os que se lhes contrapõem: uns e outros pertencem á Arte em geral, visto não passarem de modalidades objectivas das coisas ou de faculdades da apercepção subjectiva. E' porém verdade que, atravez da historia, ha na sua acção commun oscillações sensíveis de preponderancia reciproca. O homem vê-se a si proprio, e ao meio que o cerca, atravez da atmosphaera philosophica que lhe envolve a intelligencia: e n'essa atmosphaera predominam alternadamente ou o idealismo — como nas epochas mysticas e espiritualistas, ou o naturalismo — como em periodos de criticismo sceptico. Nós atravessamos um periodo d'estes, que se succede reaccionariamente a uma epocha d'aquellas. D'aqui o character da Arte contemporanea, que os nossos artistas encaram atravez das ideias philosophicas do seu tempo.

Ao critico, porém, não são permittidas estas ideias extremas, este exclusivismo faccioso. A Critica é a sciencia da Arte, como a Esthetica é a sua philosophia. O seu methodo moderno, *historico* e não *dogmatico*, como muito nitidamente o caracterizou Taine — está acima de todas as parcialidades de escola. Architectura grega, byzantina, gothica ou Renascença; pintura italiana, hollandeza, franceza ou hespanhola; musica italiana ou allemã; classicismo ou romantismo; poesia lyrica ou poesia epica; romance de costumes, romance psychologico, romance historico, romance naturalista, romance realista: — tudo isto são meros phenomenos da sua alçada exegetica. Em frente das escolas e das theses mais antagonicas, dos artistas mais inconciliaveis e das obras d'arte mais oppostas — a sua missão reduz-se a isto: observar, explicar e classificar. Para elle todas as obras sentidas, vegetações ferazes do humus planturoso do genio — são legitimos productos artisticos, dignos da sua attenção. Só uma

condição lhes impõe : é que sejam *vivas, humanas* — o que não quer dizer que sejam naturalistas, e que sejam *verdadeiras* — o que não quer dizer que sejam realistas.

O TUMULO DE ALEXANDRE HERCULANO

Vejo nos jornaes que terá logar esta semana (*) a trasladação da ossada de Alexandre Herculano do obscuro cemitério ribatejano da Azoia para uma capella mortuaria, construida no maravilhoso claustro dos Jeronymos. Sei que, ha annos, uma commissão se constituiu para o fim de elevar um monumento ao auctor da *Historia de Portugal*, e que essa commissão, optando por uma memoria funebre, resolveu a construcção de um mausoléo, escolhendo, para eterna morada do que podemos chamar o *ultimo portuguez*, o edificio que é o padrão commemorativo d'esse momento historico em que a vida nacional desabrochou plenamente n'uma floração gloriosa de epopeia.

D'aqui a dias essas cinzas veneraveis — tudo quanto materialmente resta de tanta vida, de tanta actividade, de tanto pensamento, de tanto genio! — repousarão friamente no recolhimento monastico d'esse claustro, beijadas por um raio obliquo de luar, entre a penumbra azulada das rendadas ogivas e dos torcidos columnelos manuelinos... Alli fi-

(*) Ultima semana de Junho de 1888.

cará em paz essa reliquia sagrada do que um dia foi, no mundo, Alexandre Herculano.

Pois bem! Eu penso que se fosse possível galvanisar esse esqueleto e dar-lhe voz — elle, do fundo do seu mausoléo, protestaria contra essa nova sepultura!...

*

O alvitre de enterrar Herculano nos Jeronymos originou-se visivelmente n'este pensamento: — fazer repousar os ossos do grande historiador no seio do edificio monumental, que assignala a hora suprema da nossa historia.

Unicamente, no systema de ideias historicas de Herculano, a epocha das navegações, a viagem do Oriente, que os Jeronymos commemoram e de que são como que o poema de pedra — não representa o ponto culminante da civilisação portugueza.

Na nossa historia ha dois periodos distinctos, duas phases differentemente caracterisadas, que um reviramento de destino separa como um marco divisorio. No primeiro periodo entretecem-se, paciente e obscuramente, os filamentos textis da nossa constituição politica. Conquista-se, povoa-se, edifica-se, semeia-se, cultiva-se. As instituições crescem n'uma floresta de leis fecundas, como os pinhaes do rei-lavrador nas charnecas assoladas pelas correrias das antigas campanhas sarracenas. A justiça, a administração, a instrucção, a industria, o commercio, a agricultura, desenvolvem-se florescentemente. Esse trabalho rude e aspero liga os homens entre si, dando-lhes, na solidariedade dos esforços, o sentimento moral d'uma patria. A simplicidade, a sobriedade

austera, a força e a fé — são as virtudes d'esses rijos operarios da nacionalidade portugueza. A sua victoriosa espada desbarata o castelhano em Aljubarrota e detêm o mouro nas fronteiras da Barberia. Os heroes têm uma grandeza severa e rispida, alliada a uma concentração religiosa, que infunde respeito. O character nacional accentua-se e incarna, em varios typos, n'essa gloriosa pleiade dos filhos de D. João I.

O nosso destino parecia dever ser o de um povo agricultor e guerreiro, uma pequena nação laboriosa e forte, frugal e dura como Sparta, sábiamente governada como a republica do Lacio. Mas, constituida a nação, a intima força expansiva da raça manifesta-se prenunciando uma transformação inevitavel. Incapaz de penetrar na massa antiga, inabalavel, compacta, das outras nações peninsulares, e de exercer sobre ellas uma influencia hegemonica — o genio portuguez expande-se na grande vastidão do Oceano. O mar chama-o com o seu mysterio vago, com o seu caminho plano, fluido, indefinido, onde se avança quasi inconscientemente, onde a vista ávida se alonga sem limites. Embarca, navega, e deante dos seus olhos surgem as ilhas verdejantes, as costas auríferas, os largos rios que revelam os segredos de regiões ferteis, occultas no coração dos continentes. Navega e aporta, emfim, á ambicionada India — á India lendaria do Preste-Joham, á India das riquezas fabulosas, das mil pedrarias que dormem no seio da terra como mysteriosas crystallisações do espectro solar, á India voluptuosa e traiçoeira, Circe perfida que transformou em cerdos os heroes da moderna Odysseia... D'aqui uma data nova na nossa vida, um novo capitulo na nossa historia. A cubiça mancha o velho heroismo impolluto, o luxo asiatico corrompe a antiga sobriedade portugueza, o character apodrece em meio da devassidão oriental, os brios relaxam-se pervertidos pela allu-

cinção diabolica do oiro. O guerreiro fez-se chatim: o navegador deu em pirata. E a grande, a homérica espada lusitana, nobremente brandida em Africa pelos paladinos da Fé, enodoa a sua lamina espelhada na conquista mercantil da Pimenta... Tudo rola n'uma vertigem doida, n'um delirio desmanchado, n'uma epilepsia tragica de sabbat, para esse abysmo de 1580. O Portugal velho estirou n'essa cova aberta a sua carcassa decomposta, pustulosa, verminada.

*

Ora o Portugal quêrido de Alexandre Herculano, o Portugal das suas admirações, dos seus enthusiasmos — é esse Portugal do primeiro periodo, a nação forte, trabalhadora, austera e sobria dos reis de Aviz. Nos seus estudos historicos, nas suas novellas, nas suas poesias — é essa epocha que elle exalta, que elle narra com amor, que elle canta nos seus versos, que retinem como um choque de armas — duros, mas vibrantes.

A aventura da India mereceu-lhe palavras tão asperas como as que Camões pôz nos labios do velho do Restello. Os seus guerreiros são os guerreiros de Africa, os soldados de Ceuta e Mazagão, pobres e heroicos, batendo-se apenas pela fé e pela patria.

O Adail de Arzilla, em meio da noite estrellada, vendo da pôpa da sua galé, na linha da terra, as almenaras da fortaleza que os portuguezes acabara de evacuar, desafia, n'um arranco de leão irritado, os soldados da India:

O' valentes da India, do oceano!
 Roncadores de feros no mar!
 Cuja espada, porém, faiscar
 Não sabe inda do mouro no arnez,

Mostrar vinde o valor sobrehumano
 N'este clima do sol mirrador!
 Aqui fama se compra com dôr:
 Facil gloria esquecei uma vez!

.....

Mercadores!—deixae vosso cravo,
 A canella, a pimenta, o marfi;
 Os vestidos de seda despi;
 Ponde, em vez do collar, um gorjal!

Vêla e remo soltae ao mar bravo;
 Vinde junto de nós combater;
 Nós que Arzilla deixamos perder,
 Porque El-Rei... é um rei desleal!

A D. João III nunca perdoou o abandono das praças d'Africa. O seu romantismo christão, o seu intenso sentimento patrio, não percebiam essas transigencias da politica. A terra, regada pelo sangue d'um christão e d'um portuguez, tornava-se um logar sagrado. Entregal-o aos infieis não passava d'uma profanação criminosa.

O tumulo de Herculano não devia, pois, ser nos Jeronymos: — devia ser na Batalha, esse outro padrão historico do grande cyclo de Aviz, que o coração do velho portuguez tanto amou. Alli sim, alli dormia elle melhor sob essa abobada, cuja lenda nos deixou em paginas tão bellamente trabalhadas! Alli o espirito do morto e o espirito do monumento — entender-se-iam bem! E, na mudez solemne da grande nave, altas horas da noite, quando os phantasmas se erguem das campas, o espectro do historiador-poeta podia rodar sob

as arcadas, meditativo e extatico, embebendo-se ainda uma vez na alma petrificada da antiga patria...

*

Comtudo, parecia-me preferivel que se não bulisse com os restos de Herculano, e que os deixassem em paz na sua modesta jazida da Azoia.

Uma estatua pôde erguer-se aqui ou acolá, e a sua mais propria e mais significativa collocação é um ponto justamente discutivel. Mas uma sepultura é coisa differente. Os ossos d'um homem, o ultimo despojo d'esse involucro physico dentro do qual a sua alma, as suas idéias, os seus sentimentos viveram — devem repousar segundo a ultima vontade do morto. Ora a ultima vontade de Herculano foi o abandono do mundo, a retirada altiva do conflicto social, a tranquillidade na paz suave e melancholica dos campos. Valle de Lobos foi, como a thebaida dos ascetas, uma sepultura em vida. Herculano voltou costas aos homens, e foi procurar na terra essa pacificação que só ella sabe dar aos generosos corações feridos pelos grandes desenganos.

Respeitemos essa derradeira attitude. A ossada de Herculano está alli muito bem n'esse pequeno cemiterio aldeão. Cercam-no as suas oliveiras, prateadas agora em plena florescencia. E fica bem junto do seu tumulo essa arvore sobria e attica, symbolo da antiga sabedoria, arvore que elle tanto amou, e que se pôde tomar por emblema do seu espirito — como ella gravemente triste, severo na apparencia, fecundo na fructificação.

A NAU CATHRINETA

Um dos mais vivos symptomas da crescente desnacionalisação da nossa litteratura é o esquecimento completo, o lamentavel abandono em que se tem deixado todo o riquissimo thesouro das nossas lendas, das nossas tradições, da nossa historia — campo vasto e fecundo que só espera a actividade artistica d'uma geração, em cuja alma accorde emfim o profundo sentimento da patria.

E' de justiça confessar-se que alguma cousa, que ha feita n'este sentido, se deve exclusivamente ao movimento romantico iniciado por Herculano e Garrett. Essa reacção contra o nosso chôcho classicismo do seculo XVIII, apeiando por um instante do seu pedestal litterario a estatua branca e fria da Antiguidade helleno-latina, para ahi erguer o vulto empenachado e lantejoulado do *trouvère* medieval de capa, espada e bandolim — teve, comtudo, o merito de chamar o espirito dos artistas para a communhão da nossa vida historica, e reatar assim, mais ou menos, as tradições quinhentistas, quebradas com os desastres do fim do seculo XVI e abafadas sob a pesada educação fradesca dos dois seculos seguintes.

D'entre o rebotalho de estopantes banalidades, de características e delambidas semsaborias, de todo um *clinquant*

de falsa Edade-media, suspirando merencorios soláus, trovejando espalhafatosos dramas — resaltaram, comtudo, em impetos de genio, verdadeiros monumentos, como esse divino *Frei Luiz de Souza*, de Garrett, como essa *Perda d'Arzilla*, de Herculano, que é uma ferrea pagina truncada das nossas heroicas epopeias d'Africa. A geração que se lhes seguiu não teve, porém, alma nem força para aguentar com a herança: e os poemas nacionaes e patrioticos, que ficaram d'esse tempo, não passam de melodramices, ou piegas ou balofas, sem grandeza e sem vibração. Veio depois outra camada pujante e fertil: mas essa, não encontrando apoio no nosso triste e decadente neo-romantismo, procurou nas abstracções da philosophia e no grande movimento litterario-scientifico da Europa d'então o caminho largo, que aqui buscava baldadamente.

Garrett, porém, havia presentido admiravelmente as causas da nossa decadencia litteraria e o caminho novo que era preciso abrir ao talento das futuras gerações. Esse grande espirito, tão complexo, tão fecundo, que manejou com alma toda a grande panoplia da litteratura, desde o drama á satyra, desde a eloquencia ao lyrismo — não se contentou com a propria obra e deixou-nos apontado no seu *Romanceiro*, pacientemente colhido e retocado, todo um filão virginal e puro de poesia portugueza, cuja genuinidade é authenticada pelo sello do anonymato popular.

Do *Romanceiro* destacarei a tão conhecida xacara da *Nau Cathrineta*, para accentuar* claramente esta ideia da nacionalisação da nossa litteratura, que me parece o unico rumo salvador para as lettras portuguezas.

Garrett pasma, e com razão, de que um povo de navegadores deixasse tão pobre herança de poesia popular marítima. E suspeita que muitos documentos d'este genero fossem victimas *do orgulho monachal e falso gosto dos nossos litteratos de universidade e de côrte*. «Mas essas ingenuas rhapsodias — pergunta o poeta — quem as apagou assim do livro popular? Que estupidos monges fizeram palimpsestos de suas paginas bellas? — que apenas hoje podemos decifrar a custo algum fragmento obliterado como este!»

Do provavel naufragio da poesia popular marítima de encontro ás áridas e duras molles de rocha pesada, que são o verdadeiro *simile* dos monumentos do nosso classicismo fradesco — salvou-se, porém, esta *Nau Cathrineta*, como da tormentosa viagem que a xacara narra e canta.

Garrett adopta a versão algarvia e aponta as variantes da Extremadura, do Minho e da Beira. Eu conheço tambem outra versão do Algarve, differente da do *Romanceiro*, o que prova apenas a enraizada popularidade d'essa deliciosa lenda — onde palpita, com todos os seus sentimentos, com todas as suas crenças e superstições ingenuas, a alma do velho marinheiro portuguez. As variantes, comtudo, sendo um puro caso de curiosidade ou de interesse para investigações ethnicas ou propriamente litterarias, não têm nada com o pensamento symbolico, com o sentido inconscientemente sybilino, que o espirito encontra no fundo d'essa xacara.

O que Garrett não diz é que no Algarve a *Nau Cathrineta* se entôa n'uma melopeia popular, d'autor anonymo como o trovista que rimou a lettra. E' uma musica extranha, onde as notas se elevam pausadamente como um arfar de vaga, accelerando depois o andamento até se arrastarem, amortecidas, lentas, apenas sussurrantes, como um espraiair indefinido de maré. D'esses onze compassos monotonos,

plangentes, eleva-se uma melancholia saudosa e fugitiva, como a que se sente, quando da praia, á tristeza do crepusculo, entre o marulhar rumoroso das aguas, se fita a alvura d'uma vela sumindo-se lentamente, insensivelmente, no fluido e vago mysterio do mar... A alma dos maritimos da costa algarvia afinou a sua lyra pela toada lamentosa do oceano. E' bem a musica dos que vão longos dias n'esse deserto das aguas, levados pelos ventos e pelas correntes, escutando apenas sons tristes como mysteriosos gemidos: o arquejar das ondas, o soluçar dos ventos passando atravez do cordeame, o ranger das vergas contra os mastros, o pio dolorido e queixoso da alcyone, a que a poetica superstição maritima poz o tetrico e expressivo nome de *alma do mestre*.

A primeira vez que ouvi as estrophes da *Nau Cathrineta*, balouçadas ao rythmo ondulante d'essa melodia — recebi como que a insuflação da alma navegadora do nosso povo do sul. Não eram a musica e a lettra triumphaes dos dias epicos da India e da America: isso fôra já a obra dos heroes, o trabalho reflectido dos grandes homens, conscios emfim dos destinos da patria. Mas era a redondilha obscura, a melodia espontanea do aventureiro coração d'uma raça de argonautas, inconscientemente impellidos para esses mesmos destinos: era a primitiva manifestação artistica da alma collectiva em frente d'esse largo mar que a chamava, que a tentava, com a interrogação eterna dos seus fugitivos limites; era, emfim, o cantico d'esses primeiros navegadores desconhecidos, que, um dia, largando os rumos costeiros, se internaram na magestosa solidão do mar Tenebroso.

Foi então que eu vi n'essa xacara uma verdadeira Odysseia popular. Ha ali a historia dos trabalhos, dos soffrimentos, das dores e das superstições d'um povo de marinheiros: — os longos dias d'uma viagem tormentosa :

Passava mais d'anno e dia
Que iam na volta do mar ;

a fome, com o horrivel drama do sacrificio d'um compa-
nheiro, escolhido á sorte :

Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar,
Deitaram solla de molho
Para o outro dia jantar,
Mas a solla era tão dura
Que a não poderam tragar,
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de matar ;
No capitão general
Logo a sorte foi calhar ;

a angustia de rever as terras da patria :

Sobe, sobe, marujinho,
A'quelle tope real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Arcias de Portugal ;

a saudade do lar domestico, que na Odysseia grega é o cons-
tante sentimento do virtuoso Ulysses :

Mais enxergo tres meninas
Debaixo d'um laranjal :
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar,
— Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!

a ardente fé do portuguez — que, como superiormente obser-

vou o snr. Oliveira Martins, foi a mola psychologica do nosso heroismo — accentuada na bella scena da tentação :

Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.
— Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar !

porfim, em tres versos de uma eloquente simplicidade, o quadro feliz da entrada a porto de salvamento :

Acalmaram vento e mar,
E á noite a nau Cathrineta
Estava na terra a varar.

Ora n'esta espontanea, n'esta brava vegetação da nossa poesia demotica pode á vontade enxertar-se uma grande obra litteraria. A seiva do sentimento popular, que as suas raizes sugam no solo da historia patria, dar-lhe-ia uma força, um impeto, uma vida, que raramente podem ter as transplantações e acclimações de sentimentos e lendas extranhas. D'essa singela canção pode, pois, fazer-se brotar um verdadeiro poema nacional. Quem não vê n'essa nau Cathrineta, perdida *mais d'anno e dia* entre as aguas do mar, soffrendo todos os revezes d'uma tormentosa viagem, com a tripulação esfomeada, com o demonio a bordo como a incarnação d'um mau destino ; — quem não vê n'ella o symbolo poetico da nação portugueza, a allegoria da nossa tragica historia maritima ? Como essa nau da xacara, a nação passou por todos os perigos, por todas as desgraças, por todas as emoções, da vida do mar ; como ella, partiu de pannos enfunados para as suas longinquas navegações ; como ella, ao cabo de um seculo de viagem entrou no porto d'onde saíra, com os seus tripulantes dizimados pela fome e pelas misérias, para

ficar varada na praia da Historia, apodrecendo na inercia e no abandono ; como o d'ella, emfim, os nossos capitães mais d'uma vez exprimiram, entre a revolta épica dos elementos e a revolta covarde dos homens, este sublime pensamento que é a synthese do nosso papel historico na magestosa scena da Renascença :

A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar !

*

E' triste ter de confessar que no solo que pisamos abundam, esquecidos de todo, thesouros como este. O romantismo remexeu n'elles, com o senso instinctivo das bellas cousas. Mas cumpre-nos a nós retomar a tarefa e operar a renovação, armados com todos os maravilhosos instrumentos litterarios que nos fornece a critica contemporanea. Basta já de *pastichar* os modelos francezes, de pedir emprestados a estrangeiros as suas lendas, a sua vida, os seus sentimentos, os seus processos, o seu feitio, as suas formas poeticas. Basta de fluctuar eternamente á mercê das ultimas modas litterarias do *boulevard*, acceitando todas as extravagancias, todas as demencias, todas as *poses*, d'uma roda de *faiseurs*, que substituem a alma, que lhes falta, pelos artificios plasticos d'uma forma verdadeiramente byzantina. Tonifiquemos o espirito na limpida nascente das nossas tradições litterarias, como n'um banho d'agua viva. A lyra lusitaná tem ainda todas as suas cordas, bem vibrantes e bem tensas. E, se não temos um presente que mereça a ode, ou um futuro que prometta a epopeia, temos um passado—por quem é nobre chorar as saudosas elegias...

CANTIGAS E PROVERBIOS

Cantigas e Proverbios — são as formas populares, as formas demoticas d'essas duas grandes forças do espirito que se chamam a Poesia e a Sciencia. O lyrismo de Hugo, de Heine ou de Tenysson, vicejando com toda a opulencia d'uma planta exquisita e cultivada — as ideias de Lamarck, de Darwin ou de Haeckel nitida e mathematicamente formuladas n'um corpo de doutrinas philosophicas — têm esta mesma origem obscura, estas raizes grosseiras, mas vigorosas, que bracejam nas camadas profundas do genio popular. Quando as mais bellas florescencias da emoção e do pensamento não têm ainda desabrochado nas altas regiões do Espirito, já as suas sementes germinam pujantes n'esse sub-solo humano, que a civilisação vae lentamente arroteando, como um arado que rasga as campinas virgens d'uma região fertil e nova.

Em toda a cantiga popular, solta pelo labio d'uma mulher do campo, entre as fainas agricolas, n'um descante de serão ou de esfolhada, a caminho das romarias ou sob os chorões que assombream o lavadouro da aldeia — ha sempre o embrião d'um poema lyrico. Em todo o proverbio, gravemente applicado por um velho lavrador observando o estado da atmospheria, inspecionando as searas, commen-

tando um caso local, aconselhando um filho ou um neto — ha sempre o embryão d'uma verdade scientifica ou d'um profundo principio de ethica.

Poesia e sciencia, passaram modestamente por estas fórmas primitivas e espontaneas — tão importantes, tão significativas, que o seu estudo fórma hoje um dos mais cuidados capitulos do saber contemporaneo. Os grandes nomes dos poetas e sabios, que são a gloria d'uma raça ou d'um cyclo historico, vêem a breve trecho a sua ascendencia genealogica perder-se na indistincta massa do collectivismo anonymo.

*

E que preciosas gemmas, que riquissimos filões de genuina poesia, se não encontram ahi, n'esses terrenos agrestes! Como o genio poetico da raça se affirma desde logo n'um tom distincto; n'uma physionomia propria, que, em esphera mais alta, vemos ainda cunhar marcadamente as creações da arte culta e civilisada!

O nosso cancioneiro popular fornece-nos, em abono d'esta affirmação, um vivo e valioso exemplo. No lyrismo da mais vulgar quadra anonyma, rimada Deus sabe aonde e por quem! encontram-se facilmente vestigios do mesmo veio que alimentou a poesia de Bernardim, Camões ou João de Deus — os mais genuinamente portuguezes de todos os nossos grandes lyricos. E' a *alma-mater* da patria, o nosso caracter ethnico que desabrocha egualmente em espheras diversas, em florações apenas espontaneas ou já refinadamente artisticas, mas rescendendo sempre o mesmo aroma

especial, particular, inconfundivel, emanção poetica da nossa intima psychologia. A vaga melancholia amorosa que repassa os sonetos de Camões ou de Diogo Bernardes, esse fundo mystico e saudoso, que constitue a essencia do lyrismo — veem-se claramente n'esses desartificiosos especimens das trovas anonymas.

Conhecem todos esta formosa quadra :

A ausencia tem uma filha,
que tem por nome saudade.
Eu sustento mãe e filha,
bem contra minha vontade...

Esta nota tristemente sentimental — que poesia a dá como a nossa? que povo a sente como o povo portuguez?
Outra diz :

Costumei tanto meus olhos
a namorarem os teus,
que de tanto confundil-os
já nem sei quaes são os meus !

Não parece, na sua simples galanteria, um fragmento de villancico amoroso do seculo XVI?

Foram apanhados no Minho estes quatro deliciosos versos, subtis e finamente rebuscados até ao conceito :

Os olhos dos namorados
tem um certo não sei quê,
que serve de sobrescripto
á carta que se não lê...

Mais conhecidas, mas não menos bellas, notaremos ainda, entre centenas e centenas, as duas quadras seguintes :

Os teus olhos negros, negros,
são gentios da Guiné:
da Guiné por serem pretos,
gentios por não ter fé.

Eu amante e tu amante,
qual de nós será mais firme?
eu — como o sol — a buscar-te;
tu — como a sombra — a fugir-me ?

A's vezes é o proprio sentimento religioso que encontra, n'uma imagem poetica, verdadeiras exegeses dogmaticas. Meditem n'esta quadra :

No seio da Virgem Mãe
encarnou divina graça :
entrou e saiu por ella
como o sol pela vidraça.

Que complicadas demonstrações theologicas nos dão mais viva, nitida e suggestiva *impressão* d'esse mysterio da virgindade de Maria, dogmatisado pelo Catholicismo? Parece a imagem luminosamente pura d'um poeta mystico.

Os enxertos estrangeiros podem, pois, contrafazer o nosso typo poetico. Mas d'estes rebentos naturaes reçuma em toda a sua pureza a seiva da nacionalidade. A musa popular franceza, por exemplo, é alegre, maliciosa, superficial, ligeira : têm nos labios a *cançoneta*, trauteada n'uma musica saltitante e viva. A nossa é, ao contrario, suavemente melancholica, grave, dolorida, e entôa-se n'esses compassos tristes do *fado*, plangentes como gemidos e soluços, repassados d'uma vaga amargura resignada e fatalista.

O que d'estes elementos populares podia tirar a litteratura culta — mal o pode suppôr uma geração completamente desnacionalisada, sem sentimento patrio, sem communhão

de especie alguma com isso a que, em melhores tempos, se podia chamar o espirito portuguez. Emquanto nos outros paizes, como aqui na visinha Hespanha, para não irmos mais longe, a poesia explora todos os veios nacionaes, entre nós copiam-se servilmente as ultimas semsaborias que Paris exporta como artigo litterario.

*

Os proverbios por seu lado não nos fornecem menos curiosas observações. N'uma grande parte d'elles encontra-se a expressão rudimentar dos mais actuaes, dos mais recentes, dos mais avançados principios proclamados pela sciencia contemporanea. São verdadeiras formas empyricas das leis scientificas e racionaes que constituem a base fundamental d'esse systema de ideias, a que por generalisação se chama o espirito moderno.

Assim, ao fundo de cada uma das ideias que formam o mechanismo philosophico da theoria da evolução, por exemplo — encontra-se sempre o vestigio da pre-sciencia collectiva e anonyma, crystallizado n'um aphorismo popular. Os principios da acção mesologica, da hereditariedade, da selecção, da concorrência — teem já, desde seculos, formulas mais ou menos nitidas, experimentalmente achadas e pittorescamente expressas pela espontaneidade raciocinadora das massas.

Pois não transparece claramente a ideia da influencia do meio n'este vulgarissimo adagio: *Dize-me com quem lidas, dir-te-ei as manhas que tens?* Não é uma formula grosseira, mas positiva, do principio da hereditariedade

biologica, est'outro que diz: *Filho de peixe sabe nadar?* Não exprimimos perfeitamente o pensamento do triumpho selectivo dos mais bem dotados na lucta pela existencia, quando dizemos: *Na terra dos cegos quem tem um olho é rei?*

Mas, ás vezes, a perspicacia collectiva desce mesmo d'estas formas geraes até ás ideias mais precisas e particulares d'um systema. Assim no conhecido rifão: *Quem é o teu inimigo? é o official do teu officio*, ha a revelação antecipada d'essa lei darwinista, que estabelece ser a concorrência vital tanto mais intensa quanto mais proximas e affins são as especies biologicas, que entram em lucta.

E afora estes, temos os rifões meteorologicos, como os seguintes: *Ceu escamento, chuva ou vento; Sol encoberto ao meio dia, chuva ao outro dia; Abril, aguas mil*; os rifões agricolas, onde se conglobam as maximas tradicionaes e seculares da experiencia rural; os simples rifões praticos, regras classicas da vida, anexins psychologicos e moraes, alguns d'uma profundidade que ultrapassa as maximas mais subteis dos grandes moralistas.

Não ha ramo de intelligencia humana, grupo de ciencias, onde, ao fundo, se não encontre esta fórma embryonaria do pensamento. E' o balbuciar infantil do espirito scientifico e philosophico; são as primeiras chispas d'esse radioso clarão do Saber, que hoje illumina largamente o Tempo, o Universo e a Vida — desvendando os seus mysterios ao olhar assombrado do homem.

O liberalismo individualista, a democracia doutrinaria, partindo dos seus dogmas absolutos, quizeram pôr nas mãos do Povo o sceptro da soberania politica. Um seculo de experiencias e tentativas deixou ver claramente que as massas, uma vez investidas do poder, não dão mais do que esse typo de tyrannia collectiva — a que se chama a demagogia. O Povo-Rei provou ser um politico inferior, um soberano inhabil, um mediocre estadista.

Por seu lado, a sciencia, inventariando pacientemente as lendas, as tradições, os proverbios, os contos, os cancioneros populares de cada paiz e de cada raça, como elementos subsidiarios dos estudos ethnicos, historicos, litterarios e linguisticos — veio demonstrar que esse pessimo politico era um grande poeta e um grande philosopho.

Consolem-se pois os ultimos *amigos do Povo* com esta compensação, no meio do medonho *gâchis*, em que, de nossos dias, vemos perder-se a generosa illusão d'um auto-governo popular.

A TENTACÃO DE CHRISTO

De novo o conduziu o Diabo a um monte muito alto e lhe mostrou todos os Reinos do Mundo e a gloria d'elles.

E disse-lhe : Tudo isto te darei se prostrado me adorares.

S. Matheus. Cap. iv. v. 8 e 9.

Poucas passagens ha nos Evangelhos tão bellas na sua simples dramatisação, tão significativas mythicamente, como este sublime dialogo entre os dois symbolos antitheticos da philosophia christã.

Ary Scheffer, o *pintor da poesia*, como lhe chamou um critico, esse delicado e fino artista, cujo pincel deu plasticidade e côr ás mais bellas visões dos grandes poetas, á *Francesca* do Dante, ao *Fausto* e á *Margarida* de Goethe, ao *Giaour* de Byron — Ary Scheffer tem um quadro magistral que representa a grandiosa scena, traçada em esboço n'estes dois versiculos de S. Matheus.

As duas grandes figuras de Christo e de Satan enchem toda a tela. O vulto do Christo, d'uma belleza etherea, quasi diaphano, illuminado e calmo, envolto n'um manto fluctuante, como uma appareição entre as brumas d'um sonho, contrasta

vivamente com o corpo nú e sombrio de Satan, um corpo athletico, absolutamente humano, sem os attributos classicos do Anjo do Mal, de musculos amplos e rijos, fortemente marcados, onde se sente palpitar a vida e correr o sangue. Com o olhar penetrante e ardente, a face dura e contraída, os labios comprimidos, Satan indica, estendendo os braços titanescos, esses *reinos do mundo*, tentadores na sua gloria e no seu poder, que do alto da montanha se divisam semeados na vastidão da terra, desdobrada a seus pés. Ô Christo, de feições divinas, physionomia serena, o olhar vago e sonhador, a bocca entreaberta, como deixando passar o murmuro de palavras mysticas — ergue o braço apontando com o dedo o ceu luminoso e puro.

Este quadro do grande mestre — uma das suas obras primas — exerce sobre o espirito de quem o contempla profundamente uma fascinação estranha. E' uma concepção suggestiva, uma d'essas telas perante as quaes se fica involuntariamente scismando. Percebe-se logo que ha ali um *au delà* enygmatico, um pensamento abscondito, que se occulta sob o mysterioso veu da allegoria. Aquelle Christo aereo, quasi vaporoso, não é o propheta, o revolucionario, o Jesus humanitario e democrata do Evangelho. Aquelle Satan humanizado não é a besta priappica e immunda, a incarnação de todas as tenebrosas monstruosidades do Peccado, que atravessa tragicamente a scena biblica.

Assim, sempre que o meu espirito evoca essas duas soberbas figuras, taes quaes as concebeu Ary Scheffer, sempre que ao fundo das minhas *reveries* de sonhador ellas perpassam, incarnações antitheticas do eterno dualismo dentro do qual oscilla agitadamente a alma humana — eu julgo, tomado da hallucinação hypnotica que produz a longa concentração do pensamento n'uma determinada imagem, que esse

dialogo mudo, expresso pelo pincel do artista na physionomia e nas attitudes do deus e do demonio, se resolve emfim em palavras e phrases, reveladoras da ideia encoberta que elles symbolicamente formulam. Sim: essas duas vozes, murmurante uma como um ciciar d'aragem, formidavel a outra como um rugir de fera, vêm até á minha alma n'um *duo* mysterioso. Ouço-as claramente; distingo com precisão esse debate transcendente e profundo, travado entre os dois symbolos rivaes, sobre a montanha elevada como o Pensamento — á face do Céu, calmo e tranquillo como a Ideia pura, e da Terra eternamente revolta na lucta da Vida!

*

SATAN: — Olha a teus pés, visionario! O mais crystallino, o mais translucido dos teus sonhos, não vale a posse do minimo grão de areia, lá em baixo, n'esse eterno theatro da Vida... Prostra-te e adora-mel! Eu sou a Força, perpetuamente victoriosa e dominadora. Reconhece-me por deus — e os homens seguirão os teus passos, rastejando na poeira que pisares...

CHRISTO: — O meu reino não é d'esse mundo! Emquanto o turbilhão humano revoluteia delirantemente no drama da Historia, a Ideia, calma e pura, absorve-se na meditação de si propria... Esse sequito de corpos vivos, ululantes de desejos, ardendo na febre dos instinctos, sequiosos de materialidade — não me seduz. No meu rasto só desejo o vôo sereno e luminoso dos espiritos.

SATAN: — Louco, que não comprehendes o prazer supremo do triumpho no meio da batalha ensanguentada da

Accção! Oh! não gosarás nunca a embriaguez do poder, a hallucinação rubra da força — esses dois sentimentos fundamentais do homem, mola do seu dominio sobre a Natureza. — Vê todas essas manchas de cidades e multidões, que mosqueiam a superficie do globo! Vê essas construcções cyclopicas fendendo ousadamente os ares, as muralhas, os templos onde se adoram os deuses, os palacios sumptuosos, as pontes miraculosamente arqueadas sobre o abysmo; vê essas frotas formigando sobre os mares, como pedaços de terra fluctuantes que vão de costa para costa, permutando gentes e riquezas; vê esses campos, coalhados de braços em continuo labor, d'onde as searas irrompem lourejando ao sol; vê nos flancos dos montes essas boccas como de cavernas, por onde a mão do homem rouba ao seio da terra os seus infinitos thesoiros, os metaes, as pedrarias refulgentes, nas quaes o sol parece que crystallizou os raios polychromos do seu iris; vê essa planicie, assolada e nua, onde entre o retinir e o faiscar do ferro e do bronze, alguns milhares d'homens se trucidam sobre um lago de sangue! Quem fez tudo isso? quem ergueu os monumentos? quem rasgou a terra? quem construiu as galeras velozes? quem lançou os homens uns contra os outros? — Foram os meus braços herculeos, sempre agitados pela febre do movimento! — Escuta agora todo esse côro de sons confusos, que ascendem até aos nossos ouvidos; escuta o ruido festivo das orgias; o ulular das plebes esfomeadas; as inflammadas verrinas dos tribunos, reçumando odios e coleras; as palavras cautas e ardilosas dos intrigantes; o psalmo amargo dos prophetas; a gargalhada impudente das cortezãs; as lagrimas da miseria; o tinir do ouro; o arrastar das grilhetas; as vozes duras dos que mandam; os protestos tumultuarios dos que obedecem... Quem inspira toda essa multidão em delirio? quem lhe agui-

lhoa os sentimentos ? quem lhe espicaça os instinctos ? quem lhe fomenta a hostilidade inconciliavel, de casta para casta, de classe para classe, de individuo para individuo ? E' o Genio que em mim habita, é o Principio que eu symboliso! — Sou eu que mando, sou eu que impero ! O mundo agita-se á minha voz, curva-se á tyrannia do meu braço. Para que os homens te entendam — tens de pactuar commigo...

CHRISTO : — Jamais ! Toda essa agitação da Vida é nada em frente da Ideia. Só ella é eterna e inalteravel. Os seculos passam, os imperios desaparecem da face da terra, as raças estiolam-se, os monumentos tombam em ruina, murçam todos os loiros, cansam todos os prazeres, esváem-se em fumo todas as vaidades, a morte nivela glorias e misérias sob o inexoravel e cego brandir da sua foice... A Vida é uma illusão. O homem perpassa ephemeramente sobre a terra, como o vento, como a nuvem, como uma sombra incorporea e vaga... Quando todo esse rumor tiver cessado, quando todas essas faces pallidas e angustiadas se tiverem sumido como os espectros d'um pesadello — o meu espirito pairará ainda sobre o Mundo, transcendente e immortal !

SATAN : — Illusão é esse teu sonho nebuloso — espiral de fumo vão e tenue, que se evola da rubra combustão da Vida ! O homem só deve crêr no que os olhos vêem e no que as mãos palпам. As tuas miragens enganadoras apenas lhe trazem anceios insatisfeitos, decepções amargas. Sempre que, para te seguir, elle se põe em lucta comsigo mesmo, renegando a Natureza, mãe commum, — o seu rosto macera-se com a pallidez ascetica e os seus braços, magros de febre, torcem-se nas convulsões delirantes da duvida — incapazes já de vibrarem uma arma em meio da epica batalha, onde, por fim, tombam vencidos !

CHRISTO : — Esses vencidos são os verdadeiros trium-

phadores ! Aniquilar o corpo é libertar a alma. A morte é uma apothéose. Cada morte é um renascimento para a Eternidade. Só despidas as formas illusorias da Materia, é que o Pensamento é absoluto, puro e livre!

SATAN : — As fórmãs são transitorias, mas a Materia que as procria é eterna e indestructivel. Até onde chega o olhar humano, atravez dos abysmos do Infinito, desde os mundos aos atomos—o que se encontra, o que se sente, o que se vê? — Materia e só material! Elimina o homem material, elimina todos os cerebros, desfibra no corpo humano todos os nervos — e o Pensamento desapparecerá como uma essencia que se evapora, quebrado o vaso que a continha. Ah ! a Natureza é a unica realidade real, a unica existencia, a unica verdade ! As suas leis são os unicos principios eternos e immutaveis ! A sua força é a unica força ! Olha mais uma vez a teus pés : — Que esplendor ! que belleza ! que poder ! Como tudo se agita ! como tudo se move ! como tudo labora ! Não sentes a vertigem da Vida ? Não percebes sob as vegetações genesiacas, ebrias de seiva, sob a glauca ondulação das grandes aguas, sob a effervescencia dos vulcões fumegantes, sob o recolhimento das glebas absortas nos mysterios da germinação eterna, não percebes, visionario ! a palpação fremente, nervosa, vibrante, do Espirito da Terra ? E como queres que, nascido d'esse seio pujante e forte, gerado por esse espirito de vida e de acção, esse ser, que tu me disputas, não siga os impetos do seu sangue, as impulsões dos seus instinctos, amando, gosando, laborando, criando, luctando, vencendo ? Como queres que elle se dobre ás tuas convenções abstractas. que acceite o jugo das tuas chimeras, que reconheça a religião dos deuses creados pelo teu genio ? Não, mil vezes não ! Poderás disputar-me eternamente o dominio dos homens ; poderás levar atraz de ti

um ou outro hallucinado como tu; mas, para imperares absolutamente sobre elles, seria preciso primeiro que o mundo se refizesse nas suas leis e nos seus principios! — Reconhece, pois, a minha soberania. Prostra-te e adora-me!

CHRISTO : — Desvaira-te um orgulho vão! Dizes-me que olhe para baixo : — olha tu agora para cima, para esse azul calmo e puro, onde a minha vista se embebe, se é que podes fitar a eterna luz! Em baixo tumultuam os homens, escravos das paixões e dos instinctos : mas em cima, serenos e nobres, adejam os deuses, os sonhos, as ideias, que hão de sempre pairar sobranceiros á turba humana, como as nuvens diaphanas e douradas pairam sobre o mar perpetuamente agitado... Que importa que o homem tenha as suas raizes na Natureza, se eu sou, e serei sempre, a florescencia mystica da sua alma! se é a mim que eternamente aspira a sua parte mais nobre! se é para mim que elle ergue os olhos, enquanto os seus pés calcam a terra! O halo resplandecente que, coroando-lhe a fronte, transfigura a besta n'um semideus glorioso, d'onde lhe irradia, senão do meu espirito — foco da eterna claridade? Sempre que esse nimbo o illumina, elle ascende no ether religioso do Pensamento. Sempre, porém, que esse facho se apaga, eil-o mergulhado na treva da animalidade, despenhado na espiral sombria por onde as especies e os seres revoluteiam, procurando subir na inconsciencia primitiva da Materia até ao esplendor luminoso do Espirito! Que me importa, pois, que tu guies os instinctos, que domines as paixões, que triumphes pela carne, que distribuas os prazeres, as riquezas, a força, o poder, que ponhas o sceptro na mão dos tyrannos, a espada na mão dos heroes, o oiro na mão dos argentarios — se sou eu que crio os deuses e as religiões, que brilho na fronte dos poetas e dos philosophos, que moro na alma dos santos;

se por mim vibram as lyras divinas; se para mim se erguem os altares sagrados! Não! o filho do Ceu não poderá jámais curvar-se ante o filho da Terra!

SATAN: — Por isso os homens te negam...

CHRISTO: — Negam-me os homens, talvez... Mas não me nega a Humanidade.

SATAN: — O teu verbo é para elles nebuloso e incompreensível. Bem melhor me entendem a mim, porque a minha voz é a voz da Carne!...

CHRISTO: — E a minha a voz da Alma...

SATAN: — Eu sou a Natureza, a Materia.

CHRISTO: — Eu sou o Espirito, o Pensamento.

SATAN: — Eu sou o Real.

CHRISTO: — Eu sou o Ideal.

*

Será esta a *ideia occulta* d'essa grande scena biblica da Tentação de Christo?

Seria este o pensamento allegorico de Ary Scheffer, ao conceber o seu famoso quadro?

AO FOGÃO

Primeira noite de inverno. O frio caiu repentinamente sobre nós, trazido do Polo nas azas nevadas dos ventos hyperboreos. Sob a lua, veem-se lá fóra os campos adormecidos, cobertos pelo lençol da geada. Appetece começar a hibernação junto ao lume vivo das grandes noites. Appetece, com os olhos cravados na chamma, concentrar o espirito nos sonhos intimos, internal-o no dedalo incoherente da *reverie*. Os dias do sol acabaram. As ultimas folhas murchas, batidas do vento, redemoínam junto das arvores, seccas como mumias. Calam-se as aves. As côres fundem-se na aguada pardacenta da neblina. A Natureza cáe na sua morte lethargica. Tudo sobre a terra assume um aspecto tragico e funebre. O grande Pan morreu !

Sim. Appetece agora o lume. O lume é um Espirito com quem se conversa mudamente, mysticamente, n'estas longas noites de dezembro... Vou evocal-o — esse velho mestre dos homens, esse genio inspirador do Lar e da Ara...

Chego-me ao fogão. Aproximo um phosphoro das achas amontoadas. Uma tenue espiral de fumo annuncia a primeira labareda ; e eil-a que alonga vivamente a sua lingua vibratil, lambendo a casca resinosa da madeira...

Agni ! Agni ! O deus revelou-se a meus olhos, surgiu á minha evocação...

Eil-o que me apparece, fraco e hesitante a principio, resplandecente e forte depois, como ao pastor aryano, ao pegureiro do plató da Asia, na sua abençoada cabana, berço da familia e da religião. Por momentos, ao ver scintilar essa pequena chamma, prolongadora da luz e do calor do dia atravez das sombras e do frio da noite, eu sinto-me transportado, em espirito, a essa idade d'oiro, a essa innocente idade pastoril e religiosa, em que os primeiros hymnos veddicos saíram, piedosos e doces, do labio eloquente do homem !

Agni ! Agni ! Na tua incorporea apparição, na tua luz palpitante, no mysterio da tua essencia, no fugitivo ondular das tuas linguas ardentes, nas mil formas que assumes em um momento, em ti, emfim, ó Deus da barba d'oiro, eu vejo, como o Arya, meu avô, a alma etherea do Mundo ! Hoje, n'este recanto da Europa sabia e sceptica do fim da civilisação christã, como, ha milhares de milhares de annos, lá nas vertentes jovens e fortes do Hymalaia, a tua vista, *Agni*, torna fixo e meditativo o olhar do homem, quer elle te imagine um espirito sobrenatural, quer saiba que não passas d'um trivial phenomeno physico-chimico...

Sim : em todos os tempos, real ou symbolicamente, o pensamento tem-te deificado, a alma humana tem feito de ti o seu hieroglypho metaphysico. Inimigo da treva, o teu resplendor é a Vida, o Trabalho, o Amor, a Fé. Quando pela primeira vez fulgiste sobre a pedra do lar, creaste a familia.

E quando, para agradecer os teus beneficios, o homem te fez consumir a primeira victima, fundaste sobre a ara a religião.

Foste tu que revelaste ao troglodyta bestial os segredos igneos que a terra occultava no seu seio, ensinando-lhe a fundir os metaes e creando a idade do bronze. Da sua mão fizeste brotar a industria, como do seu labio havias feito romper o cantico sagrado. Da haste de pau de figueira, da *pramantha*, que, girando sobre o disco de betula, te fazia surgir e faiscar, o hindú tirou a lenda de Pramathys e o helleno extrahiu o mytho de Prometheu, o mytho onde a exegese philosophica das religiões encontra hoje o sentido da grande epopeia da revolta humana contra a fatalidade naturalista, da lucta eterna do Espirito com a Materia! Filho do Sol beneficente, o persa viu em ti a appareição de Ormuzd, o principio bom, a força creadora do mundo: e ha trez mil annos que, sem cessar, a tua chamma arde no sanctuario de Gudzerate, alimentada pelo sandalo aromatico. Quando Iahweh revelou a Moysés a sua missão, na vertente aspera do Horeb, foi sob a tua forma que elle se lhe manifestou, inflamando as sarças bravias. Fulgiste durante seculos em frente á estatua de Apollo, entre os marmores sublimes dos templos da Hellade; e para te conservar, para te alimentar, para te servir como a um deus, nós vemos em Roma, solemne na sua *stola* branca, o vulto da Vestal levemente inclinado sobre a pyra, onde tu ardes; mysterioso e sagrado. Symbolo do pensamento, chammejas um instante sobre a fronte dos humildes pescadores syrios e fazes d'elles os Apostolos d'uma nova religião. E na nave da cathedral gothica, que essa religião creou, no meio d'esse arrebatamento transcendente do mysticismo que vivifica a pedra, torcendo-a, subtilizando-a, espiritualizando-a em volutas infinitas,

como as espiraes fugitivas da prece, tu bruxoleias, noite e dia, nos grandes lampadarios suspensos—representação poetica da fé perenne, da consumpção eterna da alma na flamma do amor divino...

Assim, *Agni*, tu ven's até aos nossos dias, mensageiro entre os deuses e os homens, entre os sonhos metaphysicos e a realidade da vida! Assim te vejo eu em todas as incarnações da tua longa historia immemorial, como uma evocação de phantasmas e sombras, desenrolando-se em espira desde a noite dos tempos: — assim te vejo na labareda que aqui a meus pés se alimenta das resinas do pinheiro e dos gazes da hulha...

*

Creceste... creceste... A faúlta tornou-se quasi um incendio com reverberações côr de sangue, n'uma combustão abrazadora. — Assim tambem a vida humana, a vida social e historica, alimentada a principio pelo tenue calor dos instinctos e da affinidade do sangue, se accendeu, se ateou, envolvendo o mundo n'um incendio universal de ideias e de paixões.

Cada vez a combustão é mais intensa:—cada vez maior o esforço exhaustivo da vontade, o delirio febricitante do pensamento, a tortura aguda do coração, consumidos, abraçados na aspiração impotente do ideal, no impeto da força e da acção. A vida historica, agitada, dramatisada por uma urdidura infinita de tragedias e de epopeias, passa sobre a grande vegetação humana das raças e dos povos, como uma queimada atravez d'uma floresta virgem. A civilisação é um

incendio que envolve a terra. Tudo flammeja, tudo arde! Pensamentos, desejos, crenças, sonhos, aspirações—elevam-se, como labaredas, d'entre essas massas combustíveis que se chamam as nações e as sociedades. As chammas cruzam-se, entrelaçam-se, misturam-se, confundem-se, apagando-se aqui para reaparecerem acolá, repetindo-se sempre variáveis e incertas na forma — sempre as mesmas, porém, na sua essência incoercível. E, como o vento que determina e guia a direcção d'um incendio, a aragem mysteriosa do Destino faz ondular e marchar, n'um rumo fatal e eterno, esse mar de fogo ideal que devasta e consome o mundo...

Aos meus pés, porém, o lume extingue-se lentamente, as chammas abatem, adormecendo entorpecidas n'um brazeiro somnolento... Sobre esse fundo rubro, apparecem pontos negros, carbonisações desoladas e frias, que alastram como uma invasão lenta de morte e de treva... E emtanto o meu espirito, confrangido, continua seguindo o arabesco da sua *reverie*...

Sim : tambem tu te extinguirás um dia, ó fogo do Pensamento, que incendeias este pobre globo—quando o homem já não achar no seu solo desseivado, exausto, carcomido, abrasado, essa força vital, essa *alma-mater* da terra fecunda, segredo da sua vida! Como um carvão extinto, branco de cinzas — será então esta massa planetaria que te alimenta. E vós que sereis — paixões, ideias, crenças, desejos, — labaredas, flammaz ardentes da Alma? Que restará de ti, ó fogo do Espirito! que restará de toda a luz com que fulgiste, irradiando por seculos dos grandes cerebros, aquecendo a fé nos grandes corações? Que será, ó Homem! do luminoso rasto ethereo que deixaste atraz de ti, na tua marcha sobre a terra — rasto de sonhos e chimeras, de illusões e de dores, eternamente sonhadas e sentidas em frente dos

enygmas eternos? — Ah! tudo terá desapparecido, tudo se terá sumido e consumido, como esse fogo que acaba de morrer aqui a meus pés, depois, de devorar a resina do pinheiro e os gases da hulha... Tudo se terá evolado no mysterio do Não-Ser, sem cinzas, sem residuos, sem o mais insignificante vestigio, n'um aniquilamento total, n'uma consumpção absoluta, perdido para todo o sempre na inconsciencia transcendente da Morte!...

*

E é por isto, ó Fogo! que a tua viva crepitação, o teu flammejar mysterioso, fez, faz e fará scismar sempre a mente do homem! E' por isto que elle te collocou entre os elementos da Natureza; é por isto que elle te concebeu como a alma do Mundo; é por isto que elle te tomou como mestre e guia; é por isto, emfim, que elle fez do teu resplendor o symbolo da Vida — symbolo que o pastor aryano saudou com um hymno piedoso — e que Goethe invocou ao soltar o ultimo alento!

SUB TEGMINE FAGI

Maio passou já. O Estio annuncia-se n'estes primeiros dias de calor, lançando á frente a fanfarra estridula das cigarras, como uma musica de gnomos feericos, de diabolicos genios de fogo. A verdura perde as *nuances* tenras da Primavera, carrega os seus tons até á violencia brutal e crúa, estende-se pelos campos entretecendo-se como uma tapeçaria na trama das leivas revolvidas. A luz — alma do Mundo, espirito da Vida -- vibra, lateja, estúa, torrida e deslumbrante, exhaustiva e creadora. Ao fundo da terra, percebem-se os mysterios eleusinos da germinação — o romper dos embryões, o bracejar das raizes, o subir das seivas, preparando esse momento divino em que Persephona reaparece do seu exilio subterraneo, coroada de rosas e com um feixe de espigas d'oiro na mão...

N'esta altura do anno, um instincto inconsciente impelle o homem para a Natureza. A concentração hiberna, que dera intensidade á vida civil, apertando os individuos uns contra os outros no redil acanhado das cidades — cede a vez a um movimento de dispersão que os dissemina pelos obscuros cantos da provincia, pelas estações d'aguas, pelas thermas, e, mais tarde, ao longo d'essas praias que a onda balsamica do Atlantico banha preguiçosamente. A colmeia bate as

azas, e, zumbindo ao sol, abandona o cortiço procurando com avidez as corolas setinosas das flores...

*

Findo o rude combate politico do inverno, penduradas um momento as armas embotadas, desde o gladio heroico da indignação justiceira á hervada azagaia da intriga — o luctador estira o corpo exangue, riscado de golpes, á sombra religiosa das velhas arvores — e medita...

D'essa verdejante abobada de ramarias, que se arqueia em bizarras architecturas sobre a sua cabeça, descem não sei que extranhos philtros de paz suave e resignada. Como em meio da nave d'um templo gothico, onde as almas feridas dos paladinos iam buscar o balsamo infallivel do recolhimento mystico — tambem ahi uma acalmação ineffavel extingue a febre dos odios mundanos, a irritação dos orgulhos e das vaidades, sarando de repente as ulceras assanhadas do despeito, do desengano e das amargas humilhações da vida.

Como são vãos esses combates, essas refregas de cada hora, d'onde a alma sáe crivada de estocadas, como um arnez d'uma batalha homerica! De que vale tanta energia, tanta agitação, tanta força despendidas — se a Tarpeia está ao lado do Capitolio, e se o sol de Austerlitz tem o seu poente na tempestuosa tarde de Waterloo?

Justiça, Direito, Ordem, Civismo, Liberdade — ingenuas, inconsistentes chimeras! Esses idolos são amassados com a fragil argila humana. Ao menor choque cáem, partem-se em mil pedaços, tornando-se n'uma nuvem de pó que o vento dispersa... E por elles dá-se o peito ás ba-

las, sobe-se ao patíbulo, geme-se nas masmorras, vertem-se lagrimas de sangue nos momentos da derrota, palpita-se com o enthusiasmo mais viril na hora do triumpho, soluça-se de longe, roído de nostalgia, no cruciante abandono do exilio ! Cruel illusão—de que se accorda com a descrença no mais intimo do peito e com a ironia acida á flôr dos labios!

No emtanto, emquanto a alma se estiola, emquanto o coração se calleja, emquanto o espirito se azeda — emquanto, enfim, o homem moral envelhece, sentindo dentro de si o vacuo impreenchivel da fé perdida, das esperanças mortas — em torno d'elle a Natureza reverdece em cada primavera, e em cada arvore, apparentemente secca como o seu peito, rebentam de novo as folhas, desabrocham as flores, evolam-se os perfumes, urdem-se os ninhos, cantam as aves, n'um rejuvenescimento glorioso, n'uma divina resurreição, cheia de força, de vitalidade e de esplendor.

A terra incansavel paga centuplicado o trabalho do braço humano, enchendo-o generosamente dos seus dons ; verdejam as searas, a vinha enrosca á latada o pampano opiparo, os pomares vergam ao pezo dos fructos, as vaccas, pacificas e lentas, voltam da pastagem com as tetas turgidas de leite e as crias saltando em roda . . .

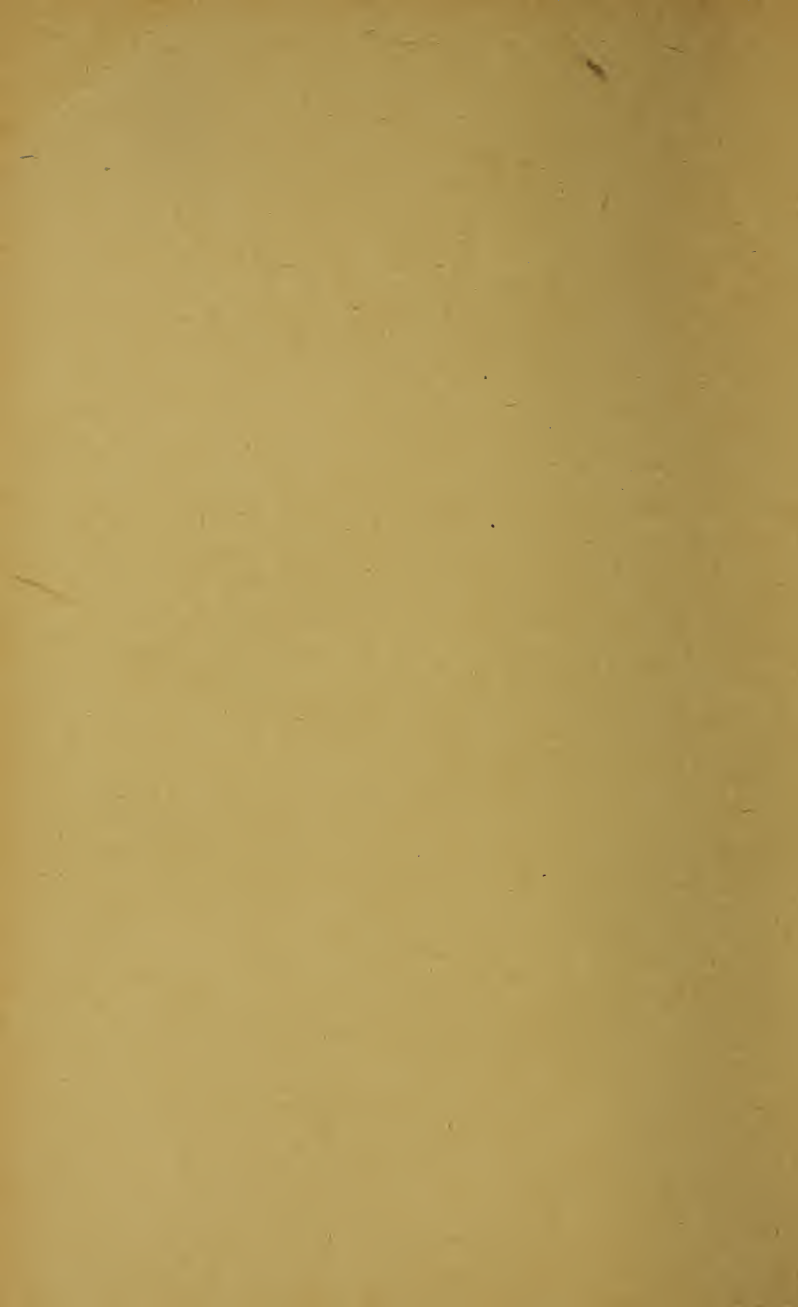
Quadro tentador d'uma vida simples e pacifica ! Ha reveses ? ha combates tambem ? ha catastrophes : a inundação que arrasta as sementeiras, o graniso que destroe as mes-ses e as fructas, o insecto devastador que assola as vinhas e secca as arveres ? Embora ! São inimigos cegos, forças inconscientes, cujos golpes, cujos maleficios, não têm a aggraval-os a infracção d'uma lei racional e moral. São fatalidades, não são crimes. Lesam a bolsa : mas não dilaceram o coração.

E' na vitalidade inexgotavel da Natureza que o espirito desalentado retempera as suas energias. Antheu tocou o seio da *Terra Mater* e ergue-se de novo, calmo e forte. Esse seio tem em si todos os revigoramentos e todas as consolações. A contemplação d'um roble, magestosamente revestido da sua verde dalmatica de folhagens, dá á alma abatida a pujança e a coragem de quem se sente ao lado d'um titan invencivel. O sorriso vermelho d'uma rosa, o perfume casto d'uma violeta, todos esses multiplos enlaces mysticos da Côr e do Aroma, de que as flores têm o magico segredo, são como philtros enebriantes que fazem esquecer muita dôr, que suavizam muita magua... A generosidade do solo fecundo consola da mesquinhez humana. E a paz simples e candida d'uma existencia frugal e laboriosa descansa o organismo de toda a esteril agitação, em que se gastou no meio do violento conflicto social.

Assim, quasi todos os que saem d'esse combate da vida politica, com a heroica tristeza dos gigantes feridos na lucta, teem por ultima ambição acabar os seus dias entre quatro palmos de terra, á sombra amiga das arvores, na intimidade innocente das plantas e dos animaes, entregues exclusivamente aos cuidados da vida rural.

D'esta fôrma acabou Herculano na sua modesta lavoura de Valle de Lobos, apoz o naufragio das suas illusões patrioticas. E Guizot, que, como elle, tão longos annos lidou com os vivos na politica e com os mortos na historia, dizia, ao cabo da sua carreira, meneando tristemente a cabeça branca: — D'antes não dava um passo para vêr uma flôr, e era capaz de andar cem leguas para vêr um homem; hoje não dou um passo para vêr um homem, e sou capaz de andar cem leguas para vêr uma flôr!

POLITICA E COSTUMES



A HISTORIA, A ARTE E A DYNAMITE

Os ultimos dias de janeiro (*) foram, para o sentimento nacional de todo bom inglez, um periodo de *terror*.

A dynamite fizera saltar algumas dependencias de Westminster-Hall e da torre de Londres. A guerra obscura e terrivel dos fenianos rebentára em duas novas batalhas vingativas, vibradas contra dois monumentos, que são como que as fibras mais intimas do coração do paiz.

As ameaças repetiram-se: os pamphletarios e jornalistas do partido, refugiados na America, applaudiram o feito. Rossa expunha em New-York, nas columnas do seu jornal, um plano para fazer rebentar Londres, como uma bomba carregada de quatro milhões de projectis humanos!

A policia farejou, escavou anciosamente no desconhecido, procurando delatores, detendo por prevenção. Comissões officiaes de chimicos estudaram os effeitos do attentado, buscando reconhecer a verdadeira natureza das materias explosivas e das machinas infernaes.

(*) Janeiro de 1885.

A noticia echoou por toda a Europa, e fez tremer os paizes sobressaltados pelas convulsões do anarchismo. Os monarchas, os potentados da administração, os argus da policia redobram de cuidados e precauções. A Allemanha executou os assassinos de Rumpff: a Russia lançou mão d'uma nova trama nihilista.

Parece hoje evidente que estes surdos rumores espalhados da anarchia se ligam entre si por subterraneas communicações. Mas se assim não é, se taes factos são sporadicos, então denunciam claramente um estado geral de insurreição contra a ordem organica das sociedades modernas. N'este caso, não sendo o laço real, é comtudo ideal—o que, para o destino da politica europeia, vem a dar na mesma.

Não se julgue, porém, d'este exordio, que eu vou tratar doutrinariamente o assumpto, e metter a minha colherada no debate das questões sociaes. Oh! não. Roçarei n'ellas apenas ao de leve, como a aza d'uma andorinha, que emigra, roça na superficie encrespada d'um mar em tempestade.

Toco n'isto por outros interesses e outros motivos.

Julgo, sim, que a presente organização politica e economica da Europa não se funda nas mais inabalaveis bases da justiça. Reconheço que a livre concorrência, dando a victoria aos mais fortes, enfeuda o capital e estabelece economicamente um regimen, em tudo analogo á hierarchica constituição politica da Edade-Media. O proletariado vive de facto no estado servo, pois a fome é um chicote tão duro como o *knut* do senhor fendal.

A justiça clama contra isto, e o socialismo levanta-se como um protesto e como um grito de piedade. Abraçam-no igualmente catholicos e protestantes, indifferentes, atheus ou deístas.

Porém, como todas as doutrinas novas, elle irrompe

desorganizada e instinctivamente, ora doce e paternal, ora vingativo e sanguinario. «Assim o christianismo das primeiras eras teve os seus *ebionitas*, assim o protestantismo teve os seus *anabaptistas*!» diz um escriptor nosso.

Não nego a justiça da revolução social, e explico até muitos dos seus crimes e desvarios. Percebo e comprehendo que, politicamente, se dê cabo d'um imperador, se esfaqueie um chefe de policia, inclusivè que se trucidè uma classe, pela mesma razão que comprehendo uma guerra regular com assassinos equipados, fardados, divididos em regimentos e pagos por um povo inteiro, para metralhar as cidades e passar a fio de espada os respectivos assassinos officiaes de outro povo visinho. Não acho menos nobre matar pela crença n'uma ideia, do que matar pelo capricho d'um conquistador. Não sei que mais razão tivesse Catharina II, mandando estrangular traiçoeiramente o czar Pedro III, seu marido, do que tiveram os nihilistas opprimidos fazendo em estilhas o czar Alexandre, seu despota.

E, comtudo, a imperatriz assassina continuou no throno moscovita, respeitada pela Europa inteira, enquanto que os revolucionarios fanaticos acabaram ignominiosamente estrebuchando na forca...

Um homem pôde ser um estorvo á marcha d'uma ideia; pôde, com a mão de ferro da tyrannia, espoliar dos seus direitos toda uma nação; pôde, com a astucia politica, escravisar disfarçadamente uma classe; pôde, com os seus caprichos pessoases, levar um povo á miseria e á abjecção. Se é preciso, pois, eliminar taes homens, eliminem-se — quando não haja outros meios mais humanos de fazer triumphar as ideias — o que agora não discuto.

Mas o que não tem culpa nem responsabilidade das violencias dos autocratas, do egoismo aspero dos argentarios,

da intratavel cubiça dos ambiciosos, são os monumentos tradicionaes d'um povo, esses thesouros patrios, onde, como n'um tabernaculo santo, se guardam as reliquias e as memorias dos velhos seculos extinctos. Por isso as vinganças dos fenianos são mais terriveis do que as dos nihilistas. Assassinar a Historia é um crime que espanta, uma represalia transcendente de loucura !

E é em nome da Historia e em nome da Arte, d'essas duas cousas, que não pertencem a nenhum partido exclusivamente ; que, consagradas pelo tempo, tomam um character cosmopolita, já não strictamente nacional, mas humano ; é em nome da Historia e da Arte, que se deve protestar contra essa tactica revolucionaria, que passa as raias da vingança barbara para entrar no dominio do vandalismo selvagem !

Os monumentos historicos e os museus devem ser sagrados como as sepulturas. Destruir esses sacrophagos das eras mortas — é uma torpe e sacrilega irreverencia. Quando os hespanhoes fanaticos, chegando a Wittenberg, onde estava o tumulo de Luthero, quizeram desenterrar o cadaver do heretico para o queimarem, Carlos v achou no fundo do seu catholicismo um nobre sentimento de respeito pela morte :—Deixem-no em paz, disse. Faço guerra aos vivos, não aos mortos.

Por isso os attentados fenianos arripiam. Eu, que apenas conheço a Torre de Londres por desenhos e monographias, avalio comtudo, por ter visto outros museus estrangeiros, nacionalmente menos significativos, qual a impressão que uma vingança d'essas possa fazer no espirito dos homens, para quem esse monumento é como o esqueleto de pedra do seu passado extincto. Imagine-se que nos faziam ir pelos ares a Batalha, os Jeronymos ou a torre de Belem ! Pois o caso é o mesmo.

Além do monumento em si, que relembra um dos períodos mais brilhantes da Edade-Media ingleza — o dominio do normando Guilherme I, o Conquistador — a torre Branca, justamente a parte offendida, primitiva *arx* da cidade, é hoje, não só um arsenal, mas um grande museu militar. Ali se amontoam as ricas armaduras da velha cavallaria ingleza, completas do elmo ás esporas, a lança na mão, a espada á cinta, bifurcadas sobre cavallos ajaezados em guerra, como espectros d'um mundo extinto de guerreiros. Espadas, cosletes, morriões e escudos historicos, de uma simplicidade primitiva, ou já carregados d'essa ornamentação incomparavel, tauxiada e coberta de cinzeladuras, que a Renascença creou; renques de pesados mosquetões, hallabardas, béstas, arcabuzes, pistolas, adagas, punhaes, lanças, massas erriçadas de puas, montantes e *rapières*, as espadas do seculo xvii, de copos de tigela vasados em preciosas rendas de aço; escudos e broqueis brazonados, tropheus de victorias, onde palpitam os farrapos desbotados de velhos estandartes e guiões retalhados pelo ferro, crivados de balas — tudo isto se alinha nas longas galerias normandas, abobadadas e solemnes, como n'um castello encantado das velhas lendas heroicas.

Mas, além d'esta maravilhosa collecção de armas, é na Torre que estão guardadas as magnificas joias da corôa, e archivos de primeira ordem para o estudo e constituição da historia do direito inglez... Foi na Torre que se desenrolaram tantos dramas pungentes da historia nacional, as execuções tragicas, os tristes captiveiros celebres de João, rei de França, de Chaucer, o bardo, do leal Thomaz Moore, d'Anna de Boleyn, da doce Jane Grey, de Suffolk, de Strafford, o ministro de Carlos I, e de tantos outros personagens illustres.

Assim o ataque dos dynamitistas foi certo e systematico. Ferir a Torre de Londres e Westminster-Hall era atacar o povo inglez nas tradições da sua historia e no symbolo da sua liberdade parlamentar, acaso a mais nobre das suas obras politicas.

Agora as ameaças redobram, segundo vejo nas ultimas noticias. E' o *British Museum* que d'esta vez se pretende fazer voar. . . A vingança irlandeza dá as suas punhaladas com um requinte de deshumanidade bruta. Agora tenta voltar os seus golpes contra essas preciosas collecções, que não são propriamente inglezas: os marmores gregos, as estatuas e baixos relevos do Parthenon, os inapreciaveis restos da archeologia assyria, os bronzes, as terras cotas, as faianças italianas, as vidrarias de Veneza, os marfins, os esmaltes, as estampas, os quadros, os desenhos, as collecções egypcias, etruscas e romanas, a bibliotheca que contém milhares de manuscriptos e cerca de um milhão de volumes, e os especimens mineralogicos, zoologicos e paleontologicos, que formam uma das mais ricas collecções do mundo.

E' uma irreverencia que indigna, uma crueldade facinorosa, que denota, não um pensamento politico, mas a livre expansão de um instincto feroz. . . Por Deus! respeitem essas necropoles sagradas da Historia e da Arte, esses mausoleus piedosos onde o Passado dorme o seu somno eterno! Não arranquem essas raizes fundas da nossa vida actual; não derrubem esses palacios, pacificos e recolhidos, onde, por instantes, nos é dado viver nas edades volvidas ao nada, ou nas longinquas regiões do mundo, onde, entre as florestas tropicaes, se agita uma fauna gigantesca, deslumbrante de côres e exotica de formas! . . . Abaixo a propriedade, o capital, o estado, os reis, os burguezes, tudo o que

quizerem!... Mas deixem-nos, ao menos, essas reliquias santas da arte, esses tropheus dos tempos idos, puras crystallisações da alma antiga, e essas colleções scientificas, que são como estrophes desmembradas do grande poema da Natureza!

Um museu faz-me o effeito d'um templo. Ao transpôr-lhe os humbraes sinto-me tomado d'um respeito religioso. Repare qualquer, que entre n'um dos grandes museus estrangeiros, na Armaria de Madrid, no Louvre, nas galerias de Flandres, ou n'outros, repare em como, nos primeiros instantes, não se atreve a erguer a voz á altura habitual. E' que, se o templo consubstancia no seu recinto uma fê, os museus, por seu lado, consubstanciam em si milhares de crenças, de ideias e de sentimentos; é que, desde o fetiche tosco do selvagem até aos Christos ideaes de Rubens e Van Dyck — todas as religiões, todos os grandes capitulos do pensamento humano têm ali um symbolo, representando-os.

Não commungar com o passado é viver desenraizado no mundo, á mercê dos impetos da ventania, como essa flôr das steppes russas, que os Goncourt chamam a *noiva dos ventos*. D'esse connubio eterno com a revolução, a nossa alma, como a planta do norte, será um dia levada a um abysmo, d'onde talvez jámais possa volver!...

Respeito, pois, pelo passado—hoje que a historia achou mais justo interpretal-o do que negal-o por uma critica estreita! respeito para com essas cinzas de familia, que, se as lançarmos ao vento, apenas servirão para toldar os ares, não nos deixando ver claro na estrada dos nossos destinos!...



PELA HESPAÑHA!

N'estes ultimos dez ou doze dias (*) passou, por sobre a Peninsula, como que um sopro do seu velho heroismo abattido, do seu antigo sentimento patriótico obliterado—mas não morto, felizmente!

Para os que conservam no coração essa emotividade ingenua, que é propria da juventude das raças e dos homens, essa faculdade de vibrar ao contacto das grandes paixões e dos nobres sentimentos—os ultimos successos de Madrid, excitados pelos manejos da politica colonial allemã, são de força a alvoroçar-lhes o espirito e a despertar-lhes o enthusiasmo.

Com franqueza, o que escreve estas linhas—apaixonadamente peninsular e patrioticamente portuguez — sente-se arrastado n'uma corrente invencivel de sympathia, que lhe leva, n'esse momento, o coração para a nobre Hespanha, nossa velha irmã, companheira na gloria e nos soffrimentos, socia nos triumphos e na miseria, amigo que nunca nos mentiu, inimigo que nunca nos foi desleal...

Digam o que disserem, ha decerto uma voz do sangue

(*) Agosto de 1885.

nas raças, como a ha nas familias. Por mais rivalidades, por mais guerras, por mais luctas e dissensões, que possam ter havido na historia commum dos dois povos ibericos, nenhum portuguez regateará hoje o tributo da sua admiração e da sua sympathia para com a Hespanha—ainda mesmo quando o seu pensamento lhe faça curvar a cabeça perante os talentos politicos de Bismarck, ou perante o genio eminente e profundo da raça germanica.

E' que as nossas tradições, a memoria mesmo das nossas rivalidades, que, no pensamento da civilisação iberica, foram apenas uma emulação de esforços para a realisação de uma alta empresa commum; é que o sangue, o temperamento, o character e até o destino historico—fazem da Peninsula um só povo, com duas cabeças politicas, uma só raça dividida em duas nações.

E é por isso que o heroismo da Hespanha nos honra, e que o seu enthusiasmo civico acha um echo vibrante nos nossos corações, como o achou em toda a grande familia latina, e principalmente na França, a qual, com a mesma voz que apupou o *rei hulano*, saudou agora o paiz heroico que soube quebrar a inflexibilidade do chanceller de ferro n'um impeto de patriotismo arrebatador.

Ha uma semana que Madrid deu á Europa um dos mais bellos exemplos de quanto póde um povo, que tem a consciencia dos seus direitos e o alto sentimento da sua personalidade—ainda mesmo quando no seio lhe lavra uma peste mais mortifera do que a guerra, quando, não ha muito, um cataclysmo natural a destroçou cruelmente, e até quando o inimigo, que se ergue perante elle a lançar-lhe a luva, é o vulto dominador e invencivel do primeiro homem politico do seu tempo, que atraz de si arrasta as phalanges d'uma raça nova, forte e triumphante.

Nem as desgraças intimas, nem os flagellos, nem as dissensões dos partidos, quebrantaram o animo heroico d'esse povo. E bastou, para o pôr de pé, gigantesco no seu orgulho e na sua nobre intransigencia patriotica, que lhe tocassem n'uma ilhota distante, perdida no Pacifico, uma rocha quasi árida, o minimo torrão do seu imperio colonial... E' que, sobre esse penhasco, erguera-se um dia o estandarte hespanhol, e tanto bastou para que elle fosse equiparado, no sentimento da integridade patria, aos grandes territorios da America ou ás proprias provincias da metropole. Não, não morrem os povos que põem, ao serviço d'uma ideia moral, tanta sinceridade, tanto entusiasmo e tanta nobreza!

Devia ser grandioso o espectaculo de Madrid no ultimo domingo—o espectaculo d'um povo erguendo-se e vibrando indignado sob a ameaça brutal. Podia bem dizer-se que, n'esse dia, Madrid era a cabeça da Hespanha!

N'essa multidão que percorreu o coração da cidade, grande torrente humana, onde as paixões heroicas tempestuavam, não havia distincções, nem gerarchias, nem classes. Era a massa compacta d'um paiz, na sua indistinção democratica e anonyma, onde todas as individualidades se fundem na individualidade gigantesca e eminente da Nação.

Hombreavam nobres e plebeus, paisanos e militares, ricos e pobres, homens de todas as classes e de todas as condições, politicos, artistas, actores, jornalistas, funcionarios, negociantes, histriões do circo, toureiros—todos os officios baixos da plebe ao pé de todos os altos cargos da burocracia e das profissões da burguezia e da nobreza. Era a cabeça da Hespanha, fundida, d'uma só peça, na amalgama colossal das suas classes!

E d'essa massa gigantesca, que parecia a primeira leva d'um exercito que despovoaria a terra, sendo necessario,

não saiu um grito subversivo, uma palavra destoante, um protesto que fosse menos digno ou menos nobre. Não houve um insulto covarde, não houve um dito offensivo, dirigido á nação contra quem se protestava! Toda a velha magestade da antiga Hespanha parecia resurgir com esse *sursum corda* do patriotismo. O que todos pediam era a manutenção da integridade da pátria, ainda nos seus mais longinquos dominios; o que todos juravam era a união indestructivel n'um momento de perigo; o que todos saudavam era o nobre exercito e a gloriosa armada, em volta dos quaes se acharia a Hespanha em peso, desde que fosse preciso desafrontar, pela força, a honra da bandeira nacional!

Perante esta attitude, o chancellor de ferro teve de retroceder. E' que a diplomacia é impotente contra as massas, a que o civismo dá a sua cohesão indestructivel. Tambem Annibal viu quebrada toda a sua astucia de grande capitão de encontro á unidade moral e politica da Italia romanisada. O chancellor retrocedeu — e de certo maravilhado por essa agitação, por esse protesto gigantesco, com que não contára nos seus calculos. Tinha tomado o pulso á Peninsula na desgraçada questão do Zaire, mas enganou-se pensando que, no coração d'ella, havia a mesma fraqueza de vida, que encontrou na periphéria. . .

O desdem germanico, de que as folhas allemãs faziam gala, desfez-se. E a bocca que se contraíra, sorrindo, para além do Rheno, abriu-se insensivelmente, quando lá chegaram os echos do protesto hespanhol. Fique a Allemanha sabendo que o liberto, enriquecido e poderoso, nem nos delirios da grandeza se póde rir do seu velho senhor, caído na desgraça! Recorde-se de que não ha muitos seculos que os seus territorios eram apenas um torrão, que o pé gigantesco da Hespanha calcava, na sua marcha triumphante pelo

mundo inteiro! Olhe para as suas armaduras historicas, que n'ellas ha de achar muitos golpes das espadas e lanças de Toledo !

A tradicional emphase da Hespanha, a verbosidade a que a levam as paixões, talvez possam fazer pensar aos estadistas frios do norte que a sua audacia se limita a bravatas infantis. Cautela, porém ! A Peninsula, pelas condições especiaes da sua historia, tem uma ethnologia particular, que a differença dos demais povos latinos. Corre-nos nas veias muito sangue semita, que envenena a coragem, transformando-a em furia ! Ha em nós qualquer cousa do leão do Atlas : a molleza e a ferocidade cruel. Lembrem-se de Palafox e Saragoça, lembrem-se do *Dois de maio!* Atacada, a Hespanha transforma-se n'um monstro erriçado de milhões de laminas agudas de punhaes. Nem o fogo, nem as balas a assustam, no seu desvairamento de animal raivoso. Não cura de defender-se. Ataca só. E, n'esses momentos terriveis, ha em valor uma Hespanha dentro de cada peito hespanhol!

Foi esta rara tensão de energia, este impulso sublime, que nos tornou os heroes por excellencia da historia moderna. São elles que fazem com que a Hespanha attráia, hoje, sobre a sua cabeça, as sympathias e os applausos entusiasticos de toda a Europa. «O estrangeiro póde amar-nos ou odiar-nos, diz um historiador nosso ; não póde, porém, ser-nos indifferente : a Hespanha produziu enthusiasmos ou rancores, jámais foi encarada com despreso ou ironia».

E eis a razão por que os desdens germanicos se recolheram, eis o motivo por que o snr. de Bismarck, que ainda ha dias não estava resolvido a discutir direitos de soberania sobre as Carolinas, se presta já a todas as discussões amigaveis, a todas as contemporisações diplomaticas.

Quererá apenas ganhar tempo com esta tregua? Cede-

rá com effeito? Ignoraria realmente a Allemanha os direitos da Hespanha sobre as Carolinas?

Não é facil dizel-o. O imperio germanico está novo e forte, e não nos parece que pense em pendurar já as armas sobre a lareira, reduzindo-se a uma vida intima de povo pacato. A sua expansão começou apenas, tanto na Europa como nos territorios coloniaes. Se é que o chanceller cubica tenazmente as Carolinas, o conflicto fica unicamente addiado. Mas já póde vêr com quem se tem a medir, e que, se vencer, a victoria lhe ha de custar cara, porque a Hespanha não é um povo que se deixe espoliar de braços cruzados.

Seja, porém, como fôr, o nobre exemplo está dado.

Provou-se que nem só são grandes os povos que contam, por milhões, os seus combatentes. Uma vez ainda a força recuou perante o direito. Uma vez ainda o Rei da Prussia cedeu ao lendario moleiro de *Sans Soucis*... O heroismo não é apanagio dos fortes — comprehenda-se! E o seu poder é tal que, muitas e muitas vezes, faz vencer e triumphar os fracos...

A MODERNA BABYLONIA

Ha duas semanas (*) que um jornal inglez, a *Pall Mall Gazette*, prevenia as pessoas pudicas e melindrosas de que não lessem os numeros immediatos da sua folha, pois tinha de revelar coisas terriveis sobre a moralidade da capital britannica—coisas de fazer córar um alentado *horse-guard*, até aos pellos da sua enorme barretina...

Se bem o prometteu, melhor o cumpriu; e esses numeros da *Pall Mall Gazette* ficarão como as paginas crúas e brutaes do mais torpe capitulo das depravações da vida contemporanea.

Os nossos costumes não nos consentem que acompanhemos o diario londrino nas suas denuncias monstruosas, nas minuciosidades abjectas d'esse collossal processo de immoralidade, que elle instaurou, perante a opinião publica, contra a sua propria metropole. Taes factos, pelo seu character e pela sua pluralidade, não são o caso mesquinho de uma chro-

(*) Julho de 1885.

nica ligeira :—são o assumpto de uma satyra juvenalesca; não pertencem ao *courriériste* e ao seu folhetim :—pertencem ao propheta e ao seu apocalypse.

N'essas historias quasi phantasticas, que se referiram com toda a brutal nudez de um testemunho judiciario, envolvem-se os nomes dos principaes personagens da *alta-vi-da* ingleza, os quaes o jornalista velou tenuemente com a gaze indiscreta das iniciaes. O escandalo enorme estalou no meio da sociedade europeia, como a mina de dynamite d'um nihilista, d'um devastador da immoralidade aristocratica e burgueza.

E esses pobres inglezes, de quem a politica internacional acabava de demonstrar a fraqueza e a debilidade externa, eram despojados, aos olhos do mundo attonito, da sua mascara de austero puritanismo moral. Londres—a moderna Babylonia! Londres mais corrupta do que Paris—o proclamado lupanar da Europa!... O' golpe cruel no orgulho da vaidosa Albion! Sobre a prova da pusillanimidade politica, a prova da mais bestial desmoralisação!

O que ha de mais repellente, de mais torpe, de mais criminoso, n'essas miserias trazidas arrojadamente para a luz publica, é o largo trafico da tenra virgindade, o negocio abjecto da joven carne branca, de que o jornal citado archiva inestimaveis documentos. Ha casas, aparentemente de educação e ensino, que não passam no fundo de encobertos mercados de odaliscas em botão. Os pachás da finança vão alli mollemente, escolhem á vontade, debatem o preço, fazem escriptura sendo preciso, pagam, e são escrupulosamente servidos de fructos intactos, com a pureza da corôa de lorangeira attestada em regra por um medico — ou uma medica... E tudo isto se faz friamente, vulgarmente, banalmente, como o contracto da compra d'um poldro, do

aluguel de uma casa, ou do serviço d'um *groom*. . . E tudo isto se faz nos limites da stricta legalidade, porque a lei ingleza declara a mulher livre e senhora absoluta do seu corpo desde a idade dos treze annos !

Firmado n'esta disposição immoral, o commercio da prostituição tomou em Inglaterra um character montruoso. Ha sybaritas, eroticos como satyros, que se fazem servir, por contracto firmado, duas ou tres pequenas victimas por quinzena. O famoso Sardanapalo, o immundo Tiberio, de quem Suetônio registra os delirios sensuaes de Capreia, eram dois ascetas, dois castrados, ao pé de certos lords e de certos banqueiros londrinos. A devassidão doirada tem os seus *gourmets*, de paladar difficil, gastando milhões por anno para sustentar os caprichos mais extravagantes do gôso. O oiro traz aos pés dos satrapas do Milhão essas escravas desejadas e bellas, que elles polluem sem amor, com um orgulho de senhores e de donos, como as armas dos janisarios traziam aos pés dos kalifas as captivas christãs, que se arrebanhavam nos harens atulhados. Um Oriente sem paixões e sem violencia — uma Babylonia de gelo e de lama !

*

Perante esta luxuria infrene e brutal, a desmoralisação franceza é quasi casta.

Ahi o amor livre, mais radicado nos costumes, não é, comtudo, tão repellente. E' ligeiro, é gracioso, é artistico, é até quasi sympathico na sua especie de espontaneidade candida, de depravação ingenua. . . E' um naturalismo brando, temperado pelo espirito, pela alegria e pela liberdade, um

sensualismo que o amor faz perdoar, e cujas culpas a paixão fervente e nobre resgata muitas vezes.

A *cocotte* não é a escrava asiatica, é antes a cortezã grega, a Aspasia espiituosa e livre, que se dá a quem quer, sem se vender absolutamente como um animal. Ao contrario, as pequenas venus inglezas são um despojo da grande lucta do Milhão e da Miseria, são as captivas escravizadas, vendidas pela fome, ou algemadas á corrupção pelos grossos grilhões d'oiro do Capital triumphante.

Em França a corrupção tem o character hellenico—leve e não perverso. Em Inglaterra, porém, reproduz-se o typo das grandes dissoluções asiaticas; e ahí o amor livre é pesado, brutal, despotico e escravizador, como nos imperios opulentos do antigo Oriente.

E, ainda assím, na confrontação das orgias traditionaes da velha Asia com a actual orgia anglo-saxonia, não é possivel deixar de reconhecer que esta é mais torpe, mais ignobil e mais condemnavel. A prostituição, nas grandes cidades da Chaldea ou da Phenicia, tinha ao menos uma raiz religiosa, um fundo mythico e sagrado, que a tornavam como que um reconhecimento ethico e social dos instinctos ingenitos da raça. Esse naturalismo desbragado e bestial dos cultos orgiacos, como o da Balaath phenicia, revestido pelas formulas religiosas e ligado a um pensamento interpretador de certos phenomenos do mundo physico, toma uma physionomia particular, magestosa e transcendente, como a de todas as theogonias, que mascára até certo ponto a abjecção e a baixeza immunda dos seus ritos.

Os delirios religiosos e sensuaes do templo de Byblos, essa prostituição sagrada, em que a virgindade se perdia junto dos altares phallicos como um sacrificio feito aos deuses, eram, na sua absoluta bestialidade, uma cousa relativa-

mente santa. Mas esta devassidão d'hoje não tem, a desculpa-a, uma crença religiosa, e tem ao contrario, para a condemnar, a culminante grandeza da moral contemporanea, constituida por todas as largas conquistas do espirito humanitario e da sciencia dos costumes. A orgia asiatica era franca, e conforme ao pensamento ethico da raça e do seu particular momento historico. A orgia ingleza é occulta, clandestina—criminosa perante a consciencia do homem civilisado e perante os principios moraes do indo-europeu do seculo XIX.

E, já fóra d'esta significação transcendente, no seu character puramente humano, a differença não é mais favoravel para a dissolução contemporanea. O tributo das virgens, na velha Babylonia, era um tributo de guerra, imposto pela força das armas. Hoje porém, na Babylonia moderna, é apenas um fóro da riqueza, um pacto commercial garantido por dinheiro e por uma folha de papel sellado. Separa-os o abysmo que se cava entre o epico espirito barbaro e o baixo mercantilismo dos povos podres de civilisação...

*

Perante estes factos, a nossa consciencia alarma-se, e o coração dos ultimos crentes, ferido pela desillusão cruel, sangra lagrimas compungidas...

Todas as grandes e generosas ideias da perfectibilidade moral, da purificação dos costumes, da elevação ethica da nossa especie, dos transcendentos destinos do homem, são abaladas, no pedestal do nosso espirito, pela realidade bruta, como as imagens d'um templo ás mãos d'um iconoclasta irreverente e satanico!

Sim: somos mais sabios, somos talvez mais penetrantes, somos mais engenhosos e mais fecundos, somos mais fortes e mais senhores do meio natural que nos rodeia. A nossa razão tem caminhado no tempo, como a luz d'um astro caminha no espaço! Mas a nossa consciencia ficou para traz, muito para traz, n'essa marcha, que, se fosse simultanea e equilibrada, nos teria transformado em deuses. Moralmente, estamos como ha tres ou quatro mil annos — submergidos n'uma podridão miseravel, porque, enquanto a intelligencia seguiu a sua recta ideal e progressiva, a vontade tem-se perdido n'um labyrintho escuro, n'um circulo vicioso, onde, mal se approxima da saída libertadora, é logo desnordeada e trazida ao centro fatal por um novo caminho enganador.

Por isso, entre os destroços das crenças ingenuas e luminosas, do optimismo consolador, da fé no largo destino humano, por entre esses escombros da cidade ideal do Bem, — o nosso pobre espirito vagueia attribulado, entoando os threnos sentidos do desalento, as elegias solennes da dôr suprema, as estrophes vehementes da condemnação austera — como um propheta que chorasse e cantasse sobre as ruínas d'uma patria mystica, destruida e escravizada pelas hostes inimigas do Mal...

PHILOSOPHIA D'UM BAILE «TRAVESTI»

Ultimamente (*) a princeza de Sagan, uma das rainhas da *high-life* parisiense, deu no seu palacio uma festa, em que a mania da originalidade tocou os ultimos limites da extravagancia desvairada.

O anno passado a duqueza de La Rochefoucauld-Bisaccia espantava Paris com a sua festa japoneza, onde todo o *faubourg* de Saint Germain se achou transportado, como por encanto, durante algumas horas, a esse exquesito paiz do extremo Oriente, cuja arte bizarra e cujo pittoresco exotico e barbaro são hoje um verdadeiro *engouement* europeu.

Os bailes em *travesti* estando, pois, na ordem da moda, a imaginação do mundo elegante exgota-se em invenções estranhas ou em resurreições magnificas e deslumbrantes.

Hoje é uma *garden-party*, a que se dá o caracter de festa campestre, no estylo Watteau. A'manhã é um festim da Renascença. Depois uma exhibição de toda a especie de duellos, desde o combate com as longas *rapières* allemãs até ao ataque moderno com o florete e o sabre. E vem mais um minnete, ou um *ballet* allegorico como os do grande Rei,

(*) Junho de 1885.

uma festa hespanhola, uma festa grega, uma *kermesse* flamenega — emfim, todo o *bric-à-brac* do divertimento e do prazer.

Mas a palma do triumpho, n'estes torneios de mascarada permanente, cabe sem duvida á princeza de Sagan, a qual, com o baile a que me refiro, realisou um verdadeiro *cumulo*, e deu á critica um symptoma vivo do desvario naturalista do seculo.

Imagine-se que essa mundana reuniu, nos seus salões, todos os personagens da velha aristocracia, do mundo diplomatico, do *turf*, da alta finança—n'um *travesti* de animaes...

Reconstruam os leitores na sua imaginação essa festa, meia comica, meia terrivel, essa festa onde o carnaval se acotovella com o sabbat—uma tumultuosa *menagerie* humana, rodopiando na dança moderna, como domesticada pela musica de Strauss... Reconstruam essa scena pandemoniaca, onde cada homem e cada mulher, mettidos na pelle d'um animal, parecem procurar, nos varios typos zoológicos, o symbolo, o hieroglypho expressivo do seu character e do seu temperamento...

Havia de tudo n'esses brutos humanos: tudo — desde o pavão magnifico ao morcego funereo; desde o leão á ratazana; desde o *bull-dog* á girafa; desde o colibri e a andorinha ao gallo e ao pato; desde o leopardo ao caranguejo; desde a borboleta á abelha...

A dona da casa, dizem os jornaes francezes, vestia de pavôa real. Era um deslumbramento de setins e rendas, de ricas bordaduras d'ouro e prata, imitando o *moiré* da plumagem d'aquella ave. Dir-se-ia a soberba fidalga, a vaidade da belleza e do fausto, representadas por um animal, como nas fabulas moraes.

Alguns *dandies*, como o visconde Roger de Chabiol, o

visconde de Dampierre, o conde de Las Casas, batem as azas, saccodem a crista e lançam no salão o *có-có-ró-có* vibrante dos gallos. Querem imagem mais viva do amor sultanesco e brutal da epocha, do dom-juanismo desenfreado, do erotismo impudico e sem lei?

Outros são macacos — chimpanzés grotescos, saguis lascivos, que saltam e fazem momices, coçando-se e guinchando. É o homem que se concentra nos instinctos primitivos, que desce á sua fôrma primeira e rude, como se quizesse retroceder na sua ascensão animal.

A mulher d'um banqueiro, millionario, vem vestida de tigre, com a garra destendida prompta á rapina, e o olhar aceso á vista da preza. Ahi têm a imagem da ferocidade egoista do capitalismo e dos instinctos felinos da mulher do mundo.

O coquettismo passa incarnado nas pequenas avesitas brilhantes e nullas, no bengali, no passaro-mosca, no pica-peixe, na mosca d'oiro, no cardeal, etc., etc. A manha veste-se com a pelle da rapoza. A esperteza damninha com a do rato. A perfidia occulta-se sob a pelagem macia dos Angoras. A inconstancia põe as azas da borboleta. A estupidéz cacareja de gallinha. A phantasia leviana usa as penas do mythico melro branco. A ironia faz-se abelha. A inutilidade zangão.

E ahi temos a humanidade com os seus varios perfis animaes, exagerados e grotescos, como n'uma d'essas phantasias, entre comicas e terriveis, que Goya compoz nas suas aguas-fortes. Aquillo não foi um baile: foi uma representação viva das fabulas de Esopo, a autocaricatura inconsciente d'uma sociedade, o commentario allegorico e zoomorphico dos sentimentos e dos costumes d'esse grande-mundo, que vae apodrecendo n'uma corrupção doirada, como a de Byzancio.

A princeza de Sagan fez pois, sem o saber talvez, uma obra de genio: com o seu baile de homens-animaes inventou a dança macabra do seculo.

O espiritualismo christão creou a ronda dos esqueletos da famosa pintura mural. O naturalismo moderno inventa a ronda dos brutos. Aquella é a expressão do desprezo superior do espirito pela carne. Esta é a do desdem sceptico da carne pelo espirito. Completam-se: fazem-se um *pendant* acabado e logico.

Com effeito, era difficil achar uma representação mais sincera e verdadeira do character naturalista do nosso tempo.

Perdido o sentimento religioso, extincta a chamma da fê ideal pelas lufadas asperas da duvida, abalados pela critica os principios ideologicos, o homem, sem essa atmosphaera do espiritualismo, onde se esboçavam as miragens dos mythos — vê apenas em torno de si a natureza bruta.* Por isso a sua vida cifra-se n'um materialismo baixo. Ama, come, engorda e enriquece. É um animal apenas, um animal superior, mais civilisado — quero dizer mais domesticado, do que os outros. A justiça reduz-se para elle ao direito do mais forte. A felicidade é o gôso e o prazer. O amor é a copula, apenas. A virtude é uma *blague*, como todos os principios ideaes, como todas as aspirações estoicas. O scepticismo pratico mofa dos sentimentos abstractos. O egoismo sordido procura achar-se a si mesmo no fundo de todos os sacrificios. E o homem, rebaixado, mais intelligente e menos crente, vive sem elevação, ruminando as pezadas digestões de oiro e de prazer — atacado, de vez em quando, por delirios de ferocidade, onde a *besta* ancestral se revela, violenta e indomavel...

Virão, um dia, novas crenças, uma nova religião, uma

nova moral? Outros ideaes grandiosos e divinos despontarão, lá nos horisontes distantes do futuro, como uma constellação orientadora, que salve a razão, a justiça e o amor, d'este naufragio materialista?...

Esperemos n'isto. Mas, entretanto, é forçoso confessar que a orgia animal da princeza de Sagan é uma das mais bellas obras d'arte do naturalismo dos nossos dias...

O TRABALHO MODERNO

Um acaso levou-me, hontem, até ás obras do porto de Leixões.

Estava um dia chuvoso, ceu barrado de grandes nuvens de tempestade, um vento de éste, forte e fresco, encrespando o mar, lançando contra a penedia da costa grossos rolos de agua, istriados de espuma. Um rico dia, como vêem, para assistir a essa scena de lucta pertinaz entre o Homem e o Oceano, em que aquelle, pacientemente, tenazmente, lhe estende os dois molhes, como dois braços de pedra entre os quaes o ha de subjugar, vencer, transformar n'um lago quieto, onde se abriguem os navios acossados do tempóral.

A primeira impressão, que essa grande obra me fez, foi muito contraria ao que esperava o meu genio de peninsular, agitado e ardente. Suppunha encontrar ali um formigueiro humano, infindaveis legiões de operarios, gritos de commando, um grande arfar de machinas, toda uma orchestra de ferro e de pedra, aturdindo os ares. Nada d'isso. Tudo ali se faz pacificamente, placidamente, quasi com indolencia. A construcção dos molhes é de uma simplicidade, que desaponta os temperamentos hyperbolicos, como o meu. Uma linha ferrea liga as pedreiras de S. Gens com a praia de Leça. Essa linha lança continuamente alli comboyos e comboyos

carregados de enormes calhãos de granito. Com essas pedras, ligadas por uma argamassa de cimento Portland, fazem-se os blocos artificiaes—grandes cubos, perfeitamente regulares, vincados por dois sulcos parallelos, que cortam tres das suas faces, na proximidade da aresta. Esses blocos são systematicamente construidos em filas parallelas, divididas por carris. Sobre esses carris corre uma machina curiosissima, um *Sansão*, que é ao mesmo tempo uma locomotiva e um guindaste.

Sobre quatro vigas verticaes de ferro, ligadas superior e inferiormente, formando um delineamento cubico, assenta a machina a vapor. Essa machina faz mover as rodas locomotoras por meio de cadeias, e faz, além d'isto, descer por quatro parafusos verticaes, cujas cabeças são rodas dentadas, uma especie de caixilho, d'onde pendem, nos angulos, quatro grossas correntes que se terminam em gancho.

O *Sansão* vae assim percorrendo, sobre os carris, as filas de blocos, que se lhe adaptam internamente com toda a justeza. Quando tem um debaixo de si, os operarios passam sob os vincos inferiores do bloco uma outra cadeia de ferro. Depois a machina põe-se em movimento. Os parafusos giram, as quatro correntes vão descendo ao longo dos sulcos lateraes, até que os ganchos possam prender os élos extremos da cadeia inferior. Então começa o movimento ascencional.

A machina arfa estrondosamente, como um gigante que abalasse, para a erguer com os braços, uma montanha. As correntes retezam-se, e, sem o menor esforço apparente, o bloco sóbe, sóbe, até á altura que se deseja. Em seguida o *Sansão* põe-se em marcha, e vae depôr o seu bloco n'um wagonete, que o espera mais adeante.

A este wagonete prende-se uma pequena locomotiva,

que o transporta, sobre uma outra linha, ao longo do molhe, em cuja extremidade, sobranceira ao mar, nos espera um novo aparelho, gigantesco, colossal, verdadeiro monstro de ferro, a que expressivamente se chama um *Titan*.

O *Titan* é um grande braço rotatorio, de perto de 70 metros de comprido, correndo sobre o molhe com 32 rodas em 4 carris d'aço parallellos. Ao longo da sua trave gigantesca corre suspensa uma cadeia.

Quando o wagonete, com o bloco, se approxima, o *Titan* gira sobre si mesmo, desce essa cadeia, empolga a grande mole de pedra de cincoenta toneladas, e, com a mesma facilidade e presteza com que os meus dedos movem esta penna do papel para o tinteiro e do tinteiro para o papel, vae depol-a, geometrica, mathematicamente, onde se deseja que ella fique, ou na borda do molhe, ou no fundo do oceano, ou ao lado, contra a muralha, fazendo uma especie de quebra-mar.

E para pôr em acção esse monstro enorme, que de longe, junto á praia, nos parece um gigantesco saurio fossil, movendo lentamente o corpo pesado, antes de penetrar na agua, — para lhe imprimir o movimento, para o dirigir, para o fazer avançar ou recuar, voltar a sua tromba para a terra ou alongal-a sobre o oceano, bastam um ou dois homens, installados no seu dorso pacifico, onde duas caldeiras de cincoenta cavallos arfam como dois pulmões metallicos!

E assim, por meio d'estas duas machinas, em alguns minutos, o homem transporta, sem esforço, sem fadiga, centenas de toneladas de pedra, blocos de cincoenta mil kilos, descarregando esses pezos esmagadores sobre esses dois monstros artificiaes, que os suspendem sob o seu ventre, que os movem com a extremidade da sua trombra de ferro, co-

mo dois elephantes operarios, de uma força superior a todo o poder animal e doceis ás ordens do cornaca!

*

Ora, em frente d'este espectaculo, o meu espirito evocou, por contraste, as agitadas scenas de trabalho dos primeiros operarios humanos, d'esses constructores prehistoricos erguendo, em meio dos lagos da Suissa, as palafittas, as cidades lacustres, em enrocamentos monumentaes ou em estacarias enormes, cortadas nas florestas alpinas com os rudes machados de silex.

Vi deante dos meus olhos levantarem-se, pedra a pedra, a força de braços, essas architecturas cyclopeas dos pelargos, muralhas monstruosas, reductos gigantesocos, cujo nome expressivo nos faz vir á ideia o grande drama mythologico do escalamento do ceu pelos titans. Vi formigueiros humanos, rolando, empurrando, erguendo enfim o megalitho, ou o dolmen, esboço grosseiro do arco, durante dias e durante mezes, durante annos talvez, n'um pertinaz instincto de trabalho e de acção, deixando, no rasto d'essa mole disforme, corpos esmagados e poças de sangue...

Milhares e milhares de seculos se têm passado depois d'isso. O desenvolvimento das faculdades cerebraes, a selecção apuradora das raças, a herança do saber accumulado, a intuição genial, a experiencia persistente e cheia de ensinamentos, acabaram por domar, por vencer a Natureza. O Homem domina o Espaço e o Tempo, esses elementos ultimos, irreductiveis, do meio cosmico. Reduziu ao seu serviço, os animaes, os vegetaes e os mineraes, e lançou a maior parte dos trabalhos duros aos hombros das forças inconscientes da Terra, do Ar e do Oceano. Os pesos, para transpostar os quaes

lhe eram precisos então dezenas de mezes e milhares de braços, move-os hoje em minutos, com meia duzia de operarios apenas.

As grandes cidades e as grandes architecturas, que vieram substituir as ilhas artificiaes dos lagos e os megalithos e dolmens, ainda não completamente decifradas na sua significação e nos seus mysterios ethnicos, são hoje cousas que se fazem d'um momento para o outro, com tanta facilidade como, n'um palco, os machinistas fazem succeder uma vista de sala, com toda a sua mobilia, a uma vista de jardim, com todas as suas arvores... A vontade humana recuou indefinidamente os limites da sua acção. O Homem é rei, é senhor absoluto do Mundo !

Unicamente, como quasi sempre acontece aos tyrannos, que conseguem enfrear um povo, que logram sentar-se sobre um throno, uma infinda tristeza se apossa do seu coração... Elle presente, de certo modo, que, se a razão triumpho, o sentimento geme n'um captiveiro negro. O uso excessivo d'uma faculdade atrophiou a outra, e a sombra do egoismo estende-se sobre os deslumbramentos do progresso material, manchando-os cruelmente.

A machina alliviou os braços do homem, mas roubou o pão a muita bocca. E como a machina é, por ora, uma enfeudação do capital, a genta pensa, em frente do espectaculo impressionador d'essas grandes obras, se o homem não seria mais feliz quando rolava na planicie, n'uma egualdade de esforços, n'uma communitade de trabalho, as madeiras para construir a sua villa lacustre, ou os blocos para erguer o seu dolmen religioso ou funebre !

Ah ! é muito preciso que uma fé nova venha purificar, idealisar, santificar as cousas da civilisação contemporanea ! É indispensavel que a moral intervenha nos cahos das so-

ciudades modernas, fazendo do trabalho um direito em vez de uma escravidão, fazendo da machina um collaborador, um leal e amigo companheiro de trabalho, em vez de um concorrente invencivel, de um usurpador criminoso e d'um carrasco das plebes miseraveis!

Sem isso, o communalismo primitivo, com a sua rudeza de instrumentos e de meios — ha de ser muitas vezes lembrado entre os progressos do trabalho moderno.

AS VELHAS RUAS

Ha tempos que, de caminho para a redacção, desço habitualmente a velha rua dos Caldeireiros.

Eu tenho a paixão d'essas antigas e tortuosas ruelas, restos vivos da archaica cidade, quasi extincta, reliquias do passado, especie de *bric-à-brac* topographico, que o haussmanismo municipal, implacavelmente devastador, vae tornando, de dia para dia, uma raridade cada vez mais preciosa. Francamente — essas pequenas e obscuras veias, estranguladas e irregulares, com as suas sombrias e humidas baiúcas, a sua população amontoada, os seus misteres particulares e caracteristicos, interessam-me muito mais do que as largas arterias alinhadas, de frontarias monotonas, onde, atravez das grossas e enormes placas de crystal das *vitrines*, se enxerga um pandemonium de objectos de commercio, os mais incongruentes, oppostos, disparatados e chocantes:—joias e comestiveis, estofo e metaes, armas e medicamentos, mobílias e calçado, roupas e coróas funebres, vidraria e sellaria, tabacos e instrumentos de musica, — imagem perfeita da nossa confusa e baralhada existencia moderna, onde ainda não despontou um principio d'ordem e de organização.

Interessam-me mais esses cantos humildes do velho burgo, porque elles têm, com effeito, aos olhos do artista,

mais *cachet*, mais physionomia, mais character, mais *ar*, do que os solemnes e fastidiosos arruamentos burguezes. Interessam-me, não tanto por elles em si, como por tudo quanto, n'um resto de revivescencia, memoram e lembram dos velhos tempos idos, da velha sociedade decomposta pela revolução, de tradições seculares obliteradas e esquecidas, d'esse tecido social, emfim, tão fortemente tramado, e hoje desfiado, que foi a Europa antiga, christã e hierarchica.

D'esses meandros tenebrosos sãe como que uma emanação do passado — do passado para que nos leva e arrasta a nossa insaciavel curiosidade, n'esta paixão, que hoje avassalla todos os espiritos, de reviver psychologicamente uma vida e um tempo differentes dos nossos.

Esses bairros têm uma poesia propria, a que não falta o toque doce da saudade — ainda que pareça paradoxal falar na poesia da rua dos Caldeireiros... Mas têm-n'a — que é o facto. Têm-n'a como a tem uma reliquia, gasta, usada, enxovalhada — que nos recorda, porém, que nos dá um testemunho palpavel da vida gloriosa d'um santo, da morte heroica d'um martyr, d'um qualquer episodio a que se ligue uma veneravel tradição.

*

Ora a rua dos Caldeireiros é uma reliquia do trabalho antigo, dos velhos costumes, das velhas tradições, do velho regimen da industria — totalmente modificados pelo advento da Democracia e pelas innovações assombrosas da mecnica moderna.

N'essas cafurnas sombrias, sonoras do estridente percutir dos martellos sobre as grandes laminas de cobre, o trabalho é uma herança e uma função domestica. Não en-

trou ali o capital potente, anonymizando a produção, tornando o operario, de individualidade intelligente e livre, que era, n'uma engrenagem passiva, n'um appendice humano d'uma qualquer machina industrial. Essas figuras enfarruscadas, que destacam sobre o clarão das forjas ou na penumbra de fundos rembrandtescos, não vieram d'aqui e d'ali, aventureiros do trabalho, recrutados ao acaso, entre misteres differentes, admittidos hoje, expulsos amanhã, tendo apenas por laços de união a mesma *corrée* exhaustiva e o mesmo salario tarifado. Os que não são os representantes d'uma linhagem ininterrompida, que constitue a entidade industrial da *casa*, com as suas aptidões particulares, os seus *talentos* proprios, as suas especialidades, depuradas e desenvolvidas por uma hereditariedade, ás vezes secular — são os apprendizes ou officiaes, incrustados por assim dizer na familia, muitas vezes fundindo-se n'ella pelo casamento, e vivendo ali sob o mesmo tecto e commendo á mesma mesa do patrão, de quem são os collaboradores e companheiros e não os escravos ou mercenarios.

Bate-se rudemente o metal do raiar da luz ao pôr do sol. Mas, á noite, esse pequeno mundo operario abriga-se sob as telhas, que abrigaram os avós e os bisavós, e todos se reúnem em torno da velha mesa, que os mais antigos já conheceram ali, n'aquelle mesmo lugar, desde que abriram os olhos. Não se enriquece — mas vive-se sem necessidades, ganhando bem o pão de cada dia, n'essa incomparavel *paz do Senhor*, expressão d'uma intima tranquillidade moral, que não têm os operarios das grandes fabricas, lançados na agitação das *grèves*, na exaltação dos comicios, com o espirito hallucinado pelo desnorteamento de ideias politicas mal digeridas, e o coração azedo pelo odio aos patrões e a essas abstractas entidades capitalistas — as grandes companhias.

as sociedades anonymas — que lhes sugam vampiricamente o sangue.

A familia fica intacta, não se dissolve, como no mundo operario moderno, entre a promiscuidade d'esses bairros que as grandes empresas industriaes edificam para a população dos seus trabalhadores. A *casa* perpetua-se, sustentada pela tradição industrial. É uma forma aristocratica, hereditaria, vincular, do trabalho. E nada mais encantador do que vêr esse mourejar honesto de meia duzia d'homens d'um mesmo sangue, batendo o metal na bigorna, braços nús, a fronte em suor, enquanto o chefe de familia, incapaz dos trabalhos mais duros, inspeciona a obra mirando-a entendidamente pelos seus olhos d'arcos de lata, e dando á direita e á esquerda uma indicação, um conselho, tirado da sua longa experiencia de mestre. Colloquem-lhe ao fundo, atravez d'uma porta entreaberta, o lar onde a avó fia e a *ménagère* dá as suas voltas, onde de um berço que se embala são um vagido de creança, e duas pequenas caras, louras e sujas, perpassam correndo n'uma folia infantil, — e digam-me se não estamos em frente d'um modelo d'esses sympathicos quadros de interior dos mestres flamengos e hollandezes, que tão profundamente sentiram esta poesia das industrias domesticas, hoje agonisantes sob a ferrea usurpação do capital.

A sociedade antiga, inconscientemente organizada por um lento trabalho historico de seculos, dividia em bairros os seus misteres, estendendo á topographia das suas cidades o mesmo principio hierarchico que lhe determinava a estrutura abstracta. Mas esse acantonamento profissional não era um afastamento desdenhoso : era uma regra d'ordem. Cada um d'esses cantões operarios, individualisando-se, marcava distinctamente o seu lugar na economia da sociedade de que faziam parte. Em vez d'uma multidão dispersa de homens

— era uma *corporação*, com dominio territorial proprio — a sua *rua*, com a sua lei, os seus foraes, as suas prerogativas, os seus privilegios, a sua bandeira, emfim, symbolo da sua personalidade social. Não tinham, individualmente, o voto para vender nas eleições — é facto: mas, em frente do Estado, em frente da collectividade nacional, cada grupo de artífices dos diversos ramos de industria tinha os seus direitos de classe — e era politicamente *alguem*.

Hoje, porém, o operario perdeu a classe, perdeu a casa e quasi perdeu a familia. É um *declassé*, um paria sem eira nem beira, um animal cevando a sua sensualidade na prostituição e no concubinato promiscuo. A Revolução, em que elle vira uma aurora redemptora, trouxe-o até aqui com o seu regimen de ampla liberdade social. E agora, em vez da dignidade d'uma profissão, da paz do trabalho calmo remunerado honestamente, da tranquillidade de espirito e do amor do lar — sente-se o escravo do Milhão, o servo *taillable et corvéable* do feudalismo industrial, e a sua alma, batida pelo tumultuar das paixões mais violentas, obscurece-se n'essa tristeza doentia, amarga, fermentada, dos vencidos orgulhosos e dos revoltados impotentes.

*

Por isso, nunca atravesso indifferentemente esses velhos bairros, como o da rua dos Caldeireiros. Ha ali um rasto ainda vivo, ainda quente, d'uma sociedade desaparecida.

E se as correntes socialistas, que convulsionam o novo mundo, vierem a dar de si uma nova organização economica, se o operario conseguir ser um dia, n'um regimen collectivista, senhor dos instrumentos de producção, hoje enfeudados ao capitalismo, e portanto do valor integral do seu

trabalho—é bem possível que esse rasto, quasi apagado, seja o traço d'união entre as velhas fôrmas corporativas e as fôrmas futuras — que se desenham já na aspiração de muitos milhões de trabalhadores e no pensamento de muitos políticos e publicistas.

COSTUMES POLITICOS

Uma das grandes illusões do liberalismo doutrinario é o imaginar que a proclamação da egualdade de direitos civis e politicos seja bastante para se obter a plena nivelação social. A despeito de todo o movimento democratico, que fermenta na Europa a partir do ultimo quartel do seculo passado, a organização das sociedades contemporaneas mudou apenas de formulas, sem, bem no fundo, soffrer uma grande alteração constitucional. O individualismo lançou por terra o absolutismo monarchico e o feudalismo aristocratico, para deixar o campo livre á germinação e ao desenvolvimento da oligarchia burgueza e do feudalismo monetario.

Quebrados os velhos moldes constitucionaes, passada uma rasoira sobre as classes e sobre os privilegios, confundido o corpo social n'uma amalgama informe, onde se accumulam, sem se ligarem, todos os elementos da organização extincta — ha uma unica cousa que fica de pé: o poder individual de cada um.

Á ordem, mais ou menos racional, substituiu-se a anarchia livre, um naturalismo politico, que, em vez de abrir o caminho á egualdade — ideal das democracias — o abre a uma nova hierarchia, baseada na astucia, na força e na riqueza,

pois que as nossas constituições democraticas, como diz Littré, são verdadeiras *aristocracias abertas*.

E nem se pôde dizer que as novas aristocracias não têm a garantia do privilegio, como a aristocracia senhorial; porque na propria expressão *liberdade* está o titulo justificativo do seu poder, a garantia indiscutivel e clara d'essa doação que a este feudalismo nascente fez o rei Acaso.

Mas, no fundo de todas as decadencias sociaes, no fundo de todas as perturbações da ordem politica, ha sempre uma decadencia moral e uma perturbação dos costumes, porque as ideias só se tornam realidades incarnando no homem, animal inconstante e fraco, que o vicio subjuga e que o egoismo instinctivo domina fortemente.

O mal do nosso tempo tem, portanto, a sua raiz mais profunda cravada no nosso coração, onde suga essa seiva venenosa do egoismo e do amor proprio, que desabrocha depois, á peripheria da vida politica, n'uma florescencia terrivel de torpezas e protervias.

A historia humana, que nas suas linhas geraes tem uma certa magestade, larga e grandiosa, parecendo correr, como um grande rio sereno e profundo, para o vasto mar da Justiça — é, porém, vista de perto, uma torrente medonha, cheia de côrsos, de redemoinhos e de ressacas, onde as aguas se embatem, se chocam torturadamente, mugindo de colera e espumando de raiva. Tudo o que ao longe nos parece claro e limpido, é, ao perto, turvo e confuso. Olhada das elevações da synthese, parece ao largo, perdendo-se nas planicies monotonas do Tempo, um fio de prata em fusão refulgindo ao sol do Ideal. Mas, se avançamos e nos debruçamos sobre a sua borda, seguindo-lhe a margem sinuosa, reconhecemos, com desolação, que essa corrente leva em si

muitas impurezas, arrasta no seu fundo uma vasa lodosa de miserias e corrupções! . . .

O optimismo simples do nosso tempo, contentando-se com encarar de longe o curso do grande rio da Historia, extasia-se perante as maravilhas que lhe offerece essa paisagem. Applaudem-se todas as ideias espaventosas, todas as formulas mirabolantes, todas as doutrinas bizarras, que se veem ir na esteira d'essa corrente, como doirados bergantins de gala, com as velas enfunadas pela brisa da popularidade e os pavilhões da *réclame* tremulando vistosamente. E, das margens, os grupos attonitos dos *badauds* enumeram, de queixo cahido, essas galeras theatraes que vão navegando: a Liberdade, a Fraternidade, o Suffragio Universal, os Direitos do Homem, o Federalismo, o Livre-Cambio, — e todos os outros barcos d'essa flotilha de rhetorica.

Embalde o bom-senso e a observação profunda lhes clamam que todas essas naus d'alto bordo não passam de barquinhos feitos com gazetas, cujo casco de papel a agua vae amolecendo, preparando-as para o naufragio final. Embalde se lhes tem mostrado que as côres d'esses estandar-tes distinguem e, que o vento, que lhes enfuna as velas, é uma brisa fraca e inconstante, um nordeste que vem ás rajadas e que se volta com a maior facilidade. Sem dar ouvidos, continuam applaudindo, victoriando, perdidos na sua cegueira.

E, comtudo, esse rio leva hoje as suas aguas bastante turvas, e essas naus chimericas e ideaes sulcam sobre a onda suja da realidade, e roçam, a cada instante, pelos rochedos asperos e perigosos do nosso egoismo, onde apenas se prendem os limos esverdeados da corrupção. . . .

Approximemo-nos, pois, um instante da margem — nós que não somos optimistas. . . .

Sim: por baixo d'esta apparencia de liberdade nós somos os escravos d'uma oligarchia nefasta; sob um simulacro d'ordem occultam-se os desvários anarchicos das massas, que perderam todo o respeito da lei e toda a noção de auctoridade; atravez da comedia democratica transparece o absolutismo do Milhão; debaixo d'uma egualdade superficial constitue-se o feudalismo capitalista e o servilismo do proletariado; e enfim, por toda a parte e em tudo, o egoismo, duro e secco como o granito, campeia, mascarado por um demophilismo hypocrita, por uma fraternidade mentirosa e especuladora!

Eis o que ha, na realidade das cousas, por baixo d'essas phrases retumbantes da politica doutrinaria.

O espirito começa a entrever vagamente um ideal elevado e grande, mas o character ziguezagueia ainda na sua marcha tropega e incerta, embriagado pelas ambições e pelos sentimentos egoistas. Em todas as epochas de decadencia civica se repete esta scena repugnante: a embriaguez da consciencia. E o nosso seculo, com toda a sua elevação mental, com todo o seu progresso material, é um seculo moralmente inferior, um seculo em que os costumes perdem em nobreza o que ganham em theatralismo e em pittoresco.

Eis a origem psychologica dos nossos males, a causa humana do nosso desvairamento, n'uma epocha illuminada de grandes clarões de genio. O saber, o raciocinio, attingiram um grau eminente, que por vezes parece intransgressivel. Mas a vontade definha e o character agonisa. Ha talento, mas não ha virtude. E, desajudada da sua forte alavanca moral, a intelligencia perverte, ás vezes, em vez de educar: é uma arma assombrosamente exacta e rapida, mas que, em lugar de servir a um soldado, serve a um salteador.

É este o estado geral da moralidade contemporanea, e, infelizmente, o nosso paiz não lhe faz excepção.

Escrevendo de Roma ao cardeal D. Henrique, em 1562, dizia D. Alvaro de Castro, o filho do grande Viso-Rey, em quem o puritanismo civico era uma tradição nobiliarchica :

«A gente natural (portuguezes) está tão pervertida com as delicias e costumes, que será mais difficultoso reformat-a, que dominar a estranha... Convertem as suas fazendas em atavios de casa, em superfluo comer, em grandissimas delicias, não havendo nenhum que se lhe ache em casa uma lança, umas couraças e um bom ginete na estrebaria...»

Isto era no seculo dezeseis, quando as podridões da civilisação oriental tinham feito do antigo portuguez, sobrio, simples e fragueiro, um nababo cheio de indolencia, de effeminações, de luxo e de vicios.

São decorridos tres seculos, e essa phrase aspera do mallogrado ministro de D. Sebastião conserva uma plena actualidade!

Como esses homens que se embarcavam nas especulações da pirataria do Oriente, tambem hoje, por um desvairemento invencivel, nos embarcamos nas aventuras da exploração capitalista «convertendo a nossa fazenda em atavios de casa, em superfluo comer e em grandissimas delicias», sem que nenhum de nós tenha, no fundo da sua consciencia, a lança inquebrantavel do patriotismo e as couraças rigidas da abnegação, da virtude e do desinteresse, para servir a patria com a coragem e com o amor nobre do antigo character portuguez.

A politica não é o serviço do paiz—é um modo de vida, é um negocio, é uma feira de consciencias, é o caminho das ambições e da vaidade. Para se entrar n'esse tem-

plo é preciso que os velhos sacerdotes nos iniciem nos mysterios do charlatanismo. A' porta deixa-se ficar a sinceridade, a boa fé, a dedicação ingenua — como os arabes fazem ás chinellas, á entrada da mesquita. Seria uma irreverencia imperdoavel para com o deus do Egoismo entrar ali com semelhantes cousas no coração...

E' preciso, pois, ser-se moderno — isto é, finamente sceptico, audaciosamente cynico. Os escrúpulos são como o pello de que é indispensavel tonsurar o levita. A patria não passa d'um tropo arrojado, d'uma figura de rhetorica só admissivel nos discursos. Diz-se *patriotismo* e *honestidade*, como quem diz a *hydra da reacção* ou o *bocentauro do Progresso*. E' uma phrase altissonante, uma metaphora de effeito, que os sermonarios e o manual d'estylo parlamentar recommendam com moderação. Nos labios — sempre; no coração, porém, poucas vezes, amados discipulos, porque podeis ser considerados no numero d'aquelles a quem Deus destina, caridosa e consoladoramente, o reino do Ceu...

Cada um trate de si e Deus de todos — eis o primeiro dogma do homem practico. Todas essas cousas de civismo, de hombridade, de character, de puritanismo, são realmente muito bonitas, mas não enchem a barriga. Tanto se morre com isso, como sem isso. E'-se da mesma maneira amanuense, director geral, conselheiro, bolsista e ministro. A boa-sorte no jogo não procura mais os honestos do que os deshonestos. De resto, a vida são dois dias, e, a bem dizer, o ceu e o inferno tem-nos o homem n'este mundo.

Portanto — coração á larga e á larga a barriga! S. Venha-a-nós, faz do paiz um queijo e faz de nós um rato... Vá! não nos tirem o nosso quinhão no regabofe, não nos regateiem a nossa parte no saque... Não negamos que Cincinato e Catão sejam dois modelos dignos de imitar-se. Não negamos

tambem que valha mais uma consciencia recta do que um sacco d'oiro... Mas, que diabo! uma bolsa vasia é tão triste e o dinheiro é tão tentador! E, emfim, sejamos francos, a tal pobreza honrada pode ser uma cousa muito digna de admiração e de elogio, mas seduz pouco: — esta é que é a verdade. De resto, nós não mettemos as mãos nas algibeiras de ninguém. Não, senhores; isto faz-se limpamente — e sem se incorrer nos casos condemnados pelo Codigo Penal...

Não queremos dizer, com isto, que o ser pobre seja deshonra ou vergonha. Deus nos livre! Mas o que é facto é que a vista d'uma sobrecasaca coçada é um tanto desagradavel, e que um chapéu fóra de moda tem o seu quê de comico e ridiculo. E crêmos tambem que não ha pessoa alguma que negue que as perdizes — ainda que não baratas — e que o Champagne — ainda que caro — são deliciosos á ceia. Sim, quem é que lhes contrapõe o rude caldo verde e o espesso vinho tinto?...

É verdade que, para se obter estas cousas, sem remorsos e limpamente, se nos aconselha o trabalho. Mas isso de trabalho é uma santa historia. É longo, é difficil, é incerto — e é um tanto ronceiro. Jogar na bolsa é talvez mais immoral, mas é mais summario, e tanto mais seguro quanto menos se tem. Arranjar um bom emprego obriga tambem a certas transigencias, que nos prendem a autonomia pessoal; mas é rendoso e pouco trabalhoso, como se diz das conezias.

E, depois, todos fazem o mesmo. O Estado é boa pessoa: paga bem os maus serviços e só é avaro para com os pobres diabos que não sabem aguçar o dente. Ha talento? elle compra o talento. Ha influencia? elle compra egualmente a influencia. Ha apenas servilismo e obdiencia cega? elle compra tambem estas preciosas qualidades... Sacrificam-se — é fa-

cto — as convicções, aliena-se a independencia, pollue-se o character. Mas de que servem estas cousas, desde que não tenham valor commercial? que se ganha em as possuir platonicamente? E' um capital morto, um bom capital sem emprego. Vamos. Basta de creancices! O mundo é assim...

E é esta a nossa moral, são estas as tabuas santas, a cartilha orthodoxa das classes dirigentes!

A pobreza é um opprobrio, o oiro uma tentação irresistivel. Um utilitarismo desenfreado reina nas consciencias. A tudo se procura o valor economico: tudo se cota. Envenena-nos o character uma ambição desmedida. O luxo desvaira-nos. Só Crespo é honesto. Gilberto é um pulha ignobil...

Depois o oiro é a força, o dinheiro é a unica alavanca capaz de mover o mundo, a riqueza é o poder. O mando está enfeudado aos ricos: sejamos, pois, ricos para mandar!

Ainda se n'esta aspiração do mando houvesse um alto pensamento politico, uma ambição generosa, uma ideia de civismo!... Ainda se todas estas trapacas financeiras, para obter a força monetaria, fossem apenas um meio machiavelico para se conseguir um grande fim estadistico!... Ainda se esta immoralidade fosse, por assim dizer, o adubo corrupto, mas fecundante, d'uma energica acção social!...

Mas não. Não ha n'isto nem systema d'estadista, nem plano de cesarismo, nem pensamento de politico. Ha apenas um egoismo de ferro, o prurido das vaidades, a satisfação do orgulho pessoal, o impulso exclusivo do amor proprio. Ser rico não é um meio, é um fim—só um fim!

Ahi têm a verdadeira chaga que nos róe, a mais difficil de fazer fechar e cicatrizar.

Emquanto a deixarem aberta, emquanto um tratamen-

to energico a não curar de todo, as nossas melhoras não serão completas. Poderemos ser um povo mais ou menos rico, mais ou menos trabalhador, mais ou menos desonerado de dividas, mais ou menos instruido e livre. O que não seremos nunca—ai de nós!—é um povo honesto...

OS BARBAROS

Lá ao norte, nas montanhas nataes, a vida é rude e simples: uma existencia mesquinha de tribu, onde todos se conhecem, onde os negocios são communs, communs os interesses, violentas mas sinceras as rivalidades, ingenua a fé politica, relativamente puros os costumes, vivos o amor da familia e o respeito tradicional das virtudes domesticas. Em volta da casa, do lar patriarchal, os campos patrimoniaes — a doce, a salutar, a aurea mediocridade economica, mantida pelo trabalho assiduo e pela escrupulosa parcimonia. As questões locaes, collectivas, interessando esse *clan* quasi consanguineo, debatem-nas os chefes á saída do templo, depois das ceremonias religiosas, no campo sagrado que os robles druidicos assombream, ou na praça, no *forum*, no *rocio* publico, como diria um velho foral portuguez, onde os maioraes da comunidade se encontram, amigos ou inimigos, praticando, discutindo, alliando-se ou provocando-se.

Succedem-se alli gerações inteiras, eternizando velhos odios de sangue, obsoletos costumes locaes, divergencias politicas quasi aborigenarias. O tempo passa, os homens são proximamente os mesmos, de uma psychologia simples e vigorosamente accentuada. A sinceridade forma-lhes o

fundo moral. As suas paixões, levadas aos ultimos paroxismos da violencia — irrompem sempre francas e abertas, e veem-se vibrar-lhes na alma, atravez da physionomia descuidadamente expressiva, como por uma lente de crystal limpida e clara. A astucia n'elles é um predicado natural, um feittio idiosyncrasico de um ou outro individuo — nunca um systema machiavelico de trato humano, adoptado voluntaria e reflectidamente por uma imprescindivel necessidade de egualar as armas no duello da vida, como acontece nas sociedades polidas em extremo. Pelo amigo dá-se a existencia: ao inimigo arranca-se-lh'a — a ferro ou a fogo. Ama-se com brutalidade, animalmente, mas sem depravações; e, portas a dentro do lar domestico, a auctoridade paterna é absoluta, o respeito filial sem limites, e a mulher, companheira de trabalho, guarda as chaves, fia a teia e preside a todos os labores caseiros. Os proprios amores illegitimos não se occultam: os bastardos pullulam, mas são reconhecidos. Como na tenda patriarchal, ao lado da esposa está muitas vezes a escrava — ao lado de Sara está Agar. E não ha n'isto cynismo: é o instincto que se conserva livre entre o forte laço moral da familia.

As noções de justiça, simples, nitidas e rectilineas, teem, a dar-lhes uma energia incomparavel, a firmeza metallica do character, do querer, da vontade, temperada como o aço: almas limitadas, mas fortes e solidas — á semelhança dos penhascos, entre que brotam. Por outro lado, o sentimento individual, d'uma intensidade superior, torna-os independentes até ao orgulho: é de cabeça alta que commettem crimes, que affrontam os costumes e as leis; é com a altivez d'um bandido que praticam, á luz do dia, as suas rapinas, as suas exacções, os seus latrocinios.



Forçado ao trabalho, á sobriedade, ás durezas d'uma existencia rude; aspirando o ar sadio, embalsamado de fluidos vitaes, da larga natureza; falto de estímulos artisticos, virgem dos gôsos, dos prazeres, das delicias refinadas da vida civilisada — o barbaro sente, porém, ao contacto d'essa civilisação, no mais intimo do seu ser, um tumultuar infrene de ambições vagas, de desejos confusos, de appetites aguilhoadores, um impulso irreprimivel de vida e força, que procura instinctivamente expandir-se n'uma area mais vasta do que a do acanhado meio em que vegeta, como um cardo resequido e bravo.

Lá, ao seu *habitat* sombrio, á sua pequenã villa estacionaria e triste, chegam os rumores da grande cidade do sul, da *Urbs* populosa e magnifica, vivendo perpetuamente em festa, na agitação febril dos grandes successos, no deslumbramento radioso do Luxo, da Opulencia e da Arte, abrindo os caminhos do Poder e da Gloria aos fortes e aos ambiciosos!...

E a alma do barbaro palpita, vibra, estremece! No seu olhar faísca um relampago de cupidez, de avidos impulsos de dominação e prazer. Corre-lhe o corpo um fremito nervoso, quasi heroico, um estímulo energico de acção e de combate. Toda essa fulguração de grandezas e tentações, entrevista de longe como uma apothese olympica, desvaira-o, hallucina-o, aquece-lhe o sangue, crisa-lhe os musculos pujantes de animal selvagem... A todos os momentos, compára a frugalidade aspera dos seus habitos com os artisticos encantos e as lendarias delicias d'essa existencia culta. Que bom deve ser gosar tudo isso — e gosar-o com a

intensidade d'uma natureza forte! Que bom deve ser arrastar-se a gente n'uma perpetua orgia — saborear em vez do gorduroso caldo provinciano as exquisitas iguarias da alta culinaria; estreitar corpos nervosos, envoltos em setins e rendas, faiscantes de pedrarias, tão finos, tão delicados, para quem só provou a brutal animalidade da *Venus rustica*!

Que bom deve ser espalhar o oiro aos punhados, sem labutar um dia inteiro sobre a terra ingrata, ou envelhecendo no exercicio d'um emprego mesquinho, d'uma mal remunerada profissão! Que deleite d'amor proprio o poder ostentar no *forum* ou no circo — no Chiado, em S. Bento, ou em S. Carlos — a nossa physionomia satisfeita de homem celebre, a saliente grandeza de uma importante personalidade!... E mandar, dominar cesareamente, n'esse vasto imperio burocratico, que tem no Terreiro do Paço o seu throno soberano!... E, despido o grosseiro briche talhado pelo algibebe da terra, envergar, como uma toga, a sobre-casaca legislativa, saída do atelier do Keill! E passear a cidade como um vencedor, entre as barretadas respeitosas dos amanuenses, de farda bordada e chapéo de arminhos, em tipoia triumphal da Companhia, escoltada pelo correio a cavallo!...

Todas estas miragens gloriosas succedem-se, como um kaleidoscopo de seducções, na imaginação exaltada do provinciano barbaro, mais ou menos bacharel, mais ou menos tribuno, mais ou menos litterato... Desde esse momento a vida monotona de seu logarejo torna-se-lhe um martyrio. O seu modesto patrimonio rural, a sua banca de rabula obscuro de villoria sertaneja, a presidencia da sua camara municipal ou a administração do seu concelho — são para elle mesquinhos campos de acção, miseraveis perspectivas de

existencia. As suas antigas distracções de montanhez vigoroso — a caça, a pesca, os succulentos jantares abbaciaes, os amores faceis, as cavaqueiras na botica ou na praça — aborrecem-no agora profundamente. Sente-se com folego para a grande ascensão da montanha das ambições; sente-se com pulso para abrir rudemente o seu caminho na vida; sente-se, emfim, roído de paixões, de desejos, de appetites, de mundanidades, de vícios requintados.

A tentação ruge-lhe na alma. Ao combate! á conquista! á alta vida! ao regabofe! Barriga cheia, instinctos satisfeitos, influencia e poder — eis os despojos, o saque das victorias sociaes. A nós todas as bellas coisas da civilisação: a gloria, o imperio, a riqueza, o prazer! Ha aqui sangue novo, carne palpitante, nervos d'aço. Ullysipona, velha cidade de muitas e desvairadas gentes, perola do Atlantico, voluptuoso terraço do Occidente coberto pelo velario ceruleo do bello céu meridional! — abre-nos os teus encantos, serve-nos as tuas delicias, confere-nos os teus triumphos! Quere-mos renome, importancia, dinheiro, syndicatos, acções beneficiarias, festas, ceias, amantes, luxo, successos, direcções geraes, cartas de conselho, pastas — todos os dons, todas as gloriosas corôas que tu guardas para os vencedores. Nós somos a exuberante saude plebeia em frente de todas as cachexias, de todos os dessoramentos das velhas classes dirigentes. É a nossa vez! É a nossa hora! Trema Byzancio!

*

E as hordas da provincia invadem a *Urbs* gloriosa. Vêem-se barbaros por toda a parte: no *Forum*, no Senado,

no Colyseu, nos passeios elegantes da Via Appia, nas festas magnificas de Cesar, nos banquetes fabulosos de Lucullo, á porta do banqueiro Crasso, no bairro suspeito de Suburra . . .

Ah ! mas quem os conheceu outr'ora, ao chegarem pela primeira vez do seu paiz natal, e quem os vê hoje modificados, transformados pela civilisação da grande cidade ! A ferocidade selvagem, os impetos leoninos do temperamento brusco e franco, essa nobre altivez indomavel — transmutaram-se na manha vulpina que tece arteiramente a sua rêde de intrigas. Capua amolleceu-os com as suas delicias. Perderam a sadia fibra muscular ; aguçou-se-lhes o sangue ; crearam os untos adiposos dos espertalhões fleugmaticos e frios. É o javardo feito porco — do celebre epigramma de Junqueiro. A cevadeira orçamentaria domesticou-os completamente.

E a maior parte afunda-se n'essa voragem corruptora ! O recrutamento politico, feito pelo reino, não traz á capital o influxo das velhas virtudes provincianas. Ao contrario. A capital desmoralisa esses batalhões civicos — como uma caserna corrompe os conscriptos que n'ella entram. Não ha boa fé, não ha character, não ha isenção, que resista á acção degradante d'esse meio. O scepticismo enferruja as almas, a desillusão parte-lhes todas as molas reaes.

A politica é um Minotauro de consciencias. Devora-as, depois de as polluir, como o monstro do labyrintho de Creta fazia ás virgens que Athenas lhe enviava tributariamente.

PAGINA SOLTA D'UMA FUTURA CHRONICA

Quando, d'aqui por um seculo ou dois, um futuro historiador quizer reconstituir, na sua genuinidade, o caracter da vida intima da capital portugueza, n'estes ultimos annos do seculo XIX, o melhor livro a que poderá recorrer, a melhor obra que tem a consultar, a grande chronica, ingenua e viva, que lhe ha de dar a verdadeira nota dos costumes actuaes —será, sem duvida alguma, a collecção do *Diario de Noticias*.

Tenho diante de mim uma folha solta d'esses annaes gigantescos, em que a multidão da capital faz inconscientemente a sua autobiographia, uma folha d'esse diario onde, no estylo estropeado do annuncio, se apontam os topicos de cem dramas intimos, de cem intimas comedias. Tenho-a aqui diante de mim, com o seu papel barato e triste, com a sua impressão miuda e suja, onde as lettras se accumulam, n'uma promiscuidade de todos os typos, como uma multidão disparatada e anarchica, uivando as suas dôres, ostentando o seu oiro, arrulhando o seu amor lamecha, lamuriando a sua fome e a sua miseria.

Ha rectangulos vastos como armazens, onde se annunciam, em letras gordas e extensas linhas de cifras, operações bancarias, emprezas industriaes, loterias, leilões e grandes vendas. Ha pequenos cantos, obscuros e exiguos como man-

sardas, onde se contam desgraças intimas e se pede pão.

Não é uma pagina, é uma cidade — uma cidade stereotypada, impressa, reduzida a um mappa escripto em um grande quarto de papel. Sobre elle estuda-se a topographia moral de Lisboa.

Vêem aqui esta casa na rua do Bemformoso com o n.º tantos? Pois está lá dentro uma pobre senhora que pede seis libras, com urgencia, offerecendo um juro de dez tostões por cada libra!

Vêem aquell'outra na rua dos Mouros? Habita ali um velho phtysico, a morrer lentamente, com fome e sem recursos.

Repararam n'aquelle americano que partiu agora do Conde Barão? Notaram uma menina anemica, com ares sentimentaes, que entrou acompanhada pela avó? Pois aquelle sujeito de grenha frisada, que a seguiu, está louco d'amor pela joven e pede meio de communicarem...

Paremos aqui. É um açougue. Nota alegre para os comilões: um marchante annuncia que põe á venda a carne do *boi monstro*, que expozera dias antes no jardim zoológico.

Nova paragem. Casa vasta: taboleta monumental com letras indiscretas: uma casa de penhores...

E ahi teem Lisboa que deve, que se empenha, que soffre, que tem fome, que ama, que passeia, que devora e satisfaz a sua gula de lombos succulentos. Ahi teem a vida de uma cidade inteira, em meia duzia de exemplos; ahi teem a sua chronica vulgar, o diario dos seus casos intimos, que lhe esboçam a physionomia e em que crystalisa o seu character.

Ha ali dramas e farças — esses dois polos da grande

comedia humana, e ha, como em tudo, as coisas indifferentes e banaes da vida, *ram-ram* monotono d'uma machina que trabalha normalmente. O amor é um dos vastos capitulos d'essa chronica. O futuro historiador, ao organizar a sua grande obra, poderá começar assim: *Capitulo I. De como se amava na capital.*

Ahi vão alguns exemplos que esta pagina lhe fornecerá.

«**A.** Recebi. São meus os dois que leu. Asseguro-lhe que não sei. Não tenho querido indagar por motivos que deve imaginar. Desejei vel-a no dia... mas não sahio publicado um annuncio que fiz e julgo que se extraviou. Digame o que lhe pedi.»

«**102-3.º** Indicou-me o jornal, cumprio; necessito, porém, que me indique o meio por que poderá receber carta minha. Dirigir resposta a I. O. S. E. — Posta restante.»

«**Vizão! Fugitiva...** — Será teu algum dos annuncios recentemente publicados com a primeira epigraphe? Desejava sabel-o, apesar de ter a convicção intima que tu de todo me esqueceste. Saudade e amor eterno. — A.»

«**Carro americano.** Hontem, Conde Barão a Santos, de tarde quem a acompanhou e lhe mostrou o jornal e livro ama-a loucamente. Se a v. ex.^a não faz penoso, (*sic*) espero saber onde a póde ver e como escrever-lhe para epigraphe: 19-3-85.»

Tudo isto é textual — grammatica, orthographia e pontuação.

Agora digam-me: já viram nada mais eloquente? já tiveram sob os olhos, para a solução d'um problema, dados mais nitidos—premissas mais rigorosas, para a deducção logica d'um destino?

Pois não se lhes desenhavam vivamente no espirito, com estes quatro traços, todas estas scenas d'uma capital, que

ama na quarta pagina dos jornaes, ou das janellas abaixo, dos quartos andares das suas casarias? Não adivinham os pormenores d'estas paixões, os seus episodios comicos, o seu desenlace na seducção, no adulterio ou no matrimonio?

E é assim que se formam as familias, que se consolida no casamento a fé da moral domestica! D'esses namoros de annuncio, de gargarejo, de recado pelo gallego, de olhadella na missa, na rua, no theatro, no americano, de telegraphia amorosa, com o lenço, com o jornal, com o livro, com a bengala e com o leque—de taes namoros é que saem as ligações miseraveis, esses matrimonios que são uma aventura de pieguice torpe, e não um acto solemne de moralidade e dever social.

Os paes mal-humorados e grosseiros, as mães desleixadas e *senhoras comadres*, as meninas janelleiras, os filhos vadios e pelintras—eis as familias que produzem esses derriços ignobeis, de que alguns jornaes são os mercurios galantes.

Depois os casos comicos accentuam-se: um sujeito, que vive só, procura criada muito asseçada para todo o serviço... Ahi teem, atraz d'este annuncio, toda uma novella a escrever: *As proezas d'um solteirão*. N'uma casa offerecem-se quartos para *um casal* ou para um *homem decente*. Esta qualidade de decencia é muitas vezes requerida, n'este genero de annuncios... Imaginava que devia ser obvio: pois parece que não é! *Criadas bem comportadas* annunciam-se algumas; outras apresentam-se tambem ao publico sem esta recommendação. E' provavel que seja por haver procura d'um e d'outro genero... Uma pessoa tem dois papagaios para vender: affiança-os como muito falladores. Dir-se-á que offerece ao governo dois candidatos...

Já viram, pois, como a cidade ama, como procura as

suas criadas, como vive nas famosas casas d'hospedes, especie de phalansterios, d'uma terrivel promiscuidade de familias. Já viram, egualmente, como a sua garrulice meridional se manifesta no cultivo e amor dos papagaios...

O lado economico não é mais alegre, nem mais digno, do que o lado moral.

Se é que se trabalha, joga-se pelo menos outro tanto. Não fallando nos banqueiros obscuros d'esse *tapis vert* popular, que se chama a Loteria, os nomes dos altos figurões da batota publica exhibem-se em gordas lettras nas paginas d'esta chronica. Aqui teem o Campeão, que teve a ultima sorte grande de Hespanha; o Manaças, que vendeu inumeros bilhetes premiados; e o Fonseca, o grande, o excelso, o prodigioso Fonseca, o rei dos cambistas, a quem a cidade de Lisboa rendeu o preito do seu enthusiasmo, fazendo-o membro do seu senado, e até seu representante em côrtes...

Joga-se e vive-se apertadamente, sem os recursos d'esse bem estar relativo, que dão o sacrificio do superfluo e o tino economico. Senão, vejain quantas casas penhoristas escancaram os seus annuncios tentadores, como bôcas avidas de abysmos, onde se lançam e perdem tantos objectos queridos, tantas coisas intimas, tantas recordações ou reliquias de familia,—raizes que, cortadas, nos deixam errar na vida á tóa, sem o nexo de uma tradição, sem um ponto d'apoio symbolico ou moral, como as folhas caídas de uma arvore sêcca.

O drama começa por aqui, e tem muitos theatros e muitas scenas. Lendo os numeros de tantas portas, d'onde saem lamentos ou se offerecem serviços de toda a especie, parecemos correr com o olhar uma lista de tristezas, numeradas e classificadas.

Uma das coisas mais desoladoras é o numero de peque-

nas criadas, de dez a quatorze annos, que se procura e se offerece n'esse mercado de creanças. Uma pequena de dez annos para voltas, recados e serviços ! Aos dez annos, tomar o seu posto na batalha da vida, começar a sentir no pescoço o jugo humilhante da miseria ! Aos dez annos, quando as meninas ricas principiam a mirar-se na sombra, fitando com avidez as sedas, os velludos, as rendas e os chapéus emplumados, que se expõem nas *vitrines* — callejar as mãos com a vassoura, fazer as limpezas mais duras, os serviços mais baixos, ouvir os ralhos e soffrer os tratos d'uns amos brutaes e egoistas ! Ser um escravo, um paria, uma machina humana, quando ainda se não é gente, quando até o adormecimento dos instinctos confunde os sexos n'esse typo neutro, de uma pureza angelica, que baptisamos com o nome indistincto de *creança* !

E as *senhoras bem educadas* que se offerecem para governantes e *bonnes* ! Quem não vê, atravez d'estes annuncios, as pequenas historias de familias em decadencia, collocadas em situações melindrosas por uma quebra, por uma doença, que rouba, com a actividade do chefe, os unicos recursos da casa, ou pelo fallecimento da mãe viuva, o qual dispersa as filhas pobres e solteiras, obrigadas, d'ora ávante, ao trabalho servil e á sujeição domestica n'uma casa d'estranhos !

Vêm mais os convites para enterros, como tristes seguimentos de funeral ; os quartos que se offerecem em casas particulares, como um recurso para aligeirar as despezas quotidianas ; os pedidos de dinheiro sobre hypothecas ; as vendas judiciaes ; as notas de fallencia ; os leilões de penhores ; os peditorios de esmolas e soccorros . . .

E tudo isto hombreia com os grandes annuncios industriaes, com os avisos de serviços publicos, solemnes e gra-

ves como a pessoa do burocratico conselheiro que os assigna, com as *reclames* das lojas de modas e dos grandes especificos therapeuticos, que tẽem enriquecido medicos e boticarios.

E' um pandemonium, um cahos d'oiro e lama, de fome e de saciedade, de risos e lagrimas, de esperanças e desesperos, de romantismo idiota e de soffrimentos sinceros, de luxo e de miseria — a summa da vida das grandes cidades, na qual a lucta pela existencia é mais dura, brutal e encarniçada, como nos pontos estrategicos d'uma batalha, onde a agglomeração dos combatentes é maior.

E' por isto que não duvidamos garantir a nossa prophcia, quanto ao valor erudito d'essa folha diaria, d'aqui a alguns seculos.

E, se os segredos da vida intima d'um povo são os grandes indicadores para a reconstituição do seu character e do seu typo social, o *Diario de Noticias* póde ufanamente considerar-se, na nossa historiographia futura, como a mais bella *memoria* d'este tempo triste e desolado, em que a vida da capital vae correndo, turva e miasmatica, como a enxurrada suja do seu caneiro de Alcantara.

DOIS PROCESSOS CELEBRES

Aos trinta dias do mez de Novembro, do anno da Graça de N. S. Jesus Christo de 1884, na cidade do Porto, uma mulher, chamada Marinha Correia, varou com uma bala de rewolver o peito do seu senhorio.

Cerca de dezesete mezes depois, a 21 de abril de 1886, na cidade de Lisboa, um homem, chamado Marinho da Cruz, desfechou tres tiros de rewolver contra um seu camarada e condiscipulo, matando-o instantaneamente.

D'estes dois crimes, perpetrados com a mesma arma, em identicas condições de futilidade, por dois assassinos homonymos, ainda que de sexo differente — resultaram dois processos, que fizeram ruido e escandalo no mundo judicio.

Quer um quer outro d'esses dois processos veio pôr, mais uma vez, a nú os vicios organicos do nosso fôro criminal e o atraso lamentavel em que, entre nós, se conserva a psychologia dos tribunaes.

Os ligeiros estudos, que seguem, procuraram, cada um em seu respectivo momento, accentuar esses vicios e pôr em evidencia esse atraso.

O PROCESSO MARINHA CORREIA

Terminou por fim o julgamento de D. Marinha Correia.

Grande successo forense: quatro longas audiencias com a sala repleta — uma encrustação miudinha, chineza, extravagante, de grossas faces boquiabertas e pasmadas, sobre o fundo caiado das paredes — e dentro da teia, acotovellando-se como n'um painel das almas, os magistrados, as testemunhas, o jury, jornalistas tomando as suas notas, officiaes de diligencias passando esbaferidos, e um formigueiro de jovens bachareis em primeira mão, gozando, no banco dos advogados, as regalias das suas cartas, entre velhos causidicos, rabulas consumados, ratos de tribunal, conhecendo a fundo todos os escaninhos occultos da chicana...

Em todo esse publico a curiosidade, anciosa, accirrada por palpites oppostos, de quem segue com a vista o girar de uma roleta ou o galopar de dois corredores rivaes, por quem se empenharam apostas.

Resultado final: a ré mandada em paz, dando-se-lhe por expiada a culpa com a detenção já soffrida.

*

Sabem o caso. Ha dezesete mezes uma bonita mulher, por uma insignificante pega com o seu senhorio, miseravel questão de serventia de uma porta, vara-lhe o peito com uma bala de revolver — voluntariamente, diziam uns, involuntariamente, diziam outros: e d'este aviso foi o jury que a julgou.

Como vêem, uma morte prosaica, um assassinato sem interesse ou sem motivos, qualquer coisa como um desastre

— quer elle fosse apenas produzido pela casualidade d'um movimento nervoso, involuntario, do dedo que puxou o gatilho, quer apenas por um repente cego de mulher doudi-vanas, caprichosa, desequilibrada por temperamento e por uma educação impropria do seu sexo.

Comprehende-se isto facilmente, não é verdade?

D. Marinha Correia tinha já atraz de si uma historia mais ou menos romanesca, ou, melhor, leviana, de que no tribunal se tentou desfazer a lenda, lenda muito anterior, comtudo, aos acontecimentos que a levaram ao banco dos reus.

Avançava-se, e não sem certos fundamentos, que ella fugira em tempo, com o homem que é hoje seu marido, apres-sando com isto a morte do noivo, que tinha os germens d'uma phytica hereditaria. Mais tarde a sua reputação foi largamente discutida e abocanhada. Houve uma historia de uns tiros dados em sua casa, n'um caixeiro do marido, que pretendia manter com ella relações amorosas, e que fôra encontrado uma noite nas escadas. Depois ainda se murmuraram outros casos até que — continuava dizendo-se — o marido a abandonára, indo para o Brazil. Mais tarde, já depois de estar na cadeia, foi no seu quarto encontrado um homem, que hoje se affirma ter ido lá não sei para quê, mas que então se notava que tivesse prolongado a visita, disfarçadamente, além do que permittem os regulamentos da prisão.

Ahi têm os antecedentes da ré, que corriam na insis-tente versão da *vox populi*. Talvez nem tudo isso fosse verdade; talvez se exaggerasse; talvez se accrescentasse na tradi-ção, por aquella regra de que quem conta um conto augmenta sempre um ponto. Mas, emfim, não me parece que todos esses factos fossem, todos ! puras fabulas, quando se sabe que o escandalo do caixeiro e, mais tarde, o escan-

dalo da cadeia foram coisas de que a policia tomou oficialmente conhecimento.

Se nem tudo foi, pois, verdadeiro, esta reputação creada pela opinião publica auctorisa-nos ao menos a esboçar, em leves traços geraes, o character de D. Marinha Correia. É uma voluvel, um genio inconstante e mobil, irritado e languido, inconsciente das consequencias dos seus actos, como esse mar sobre o qual viu o dia — porque conta-se que nasceu a bordo, em viagem, e por isso os paes lhe deram o nome de Marinha. Nascimento e nome fatidico! Pormenor romantico! Dir-se-á que estamos em frente d'um personagem fatal de Terrail ou Montépin!

Se me é permittido um termo familiar, mas bastante expressivo, eu direi que a somma d'estes elementos moraes dá a equação psychologica de uma *telha* forte.

Ha uma falha, um desequilibrio evidente nas suas faculdades.

Todos os seus actos, tornados publicos, provam um capricho irreflectido, uma espontaneidade absurda de acção, uma leviandade de collegial estroina, mal educada, sem tino, sem senso moral, sem ideia alguma do dever. Faz as coisas porque as faz, porque lhe passaram pela cabeça na occasião. E' talvez uma violenta, caracteristico que se conclue facilmente das suas proprias declarações perante a justiça. Tem mimos, tem perrices, tem amúos, tem caprichos. De resto, os casos extravagantes da sua vida eram de molde a excitar, a desenvolver este temperamento, em vez de operar sobre elle uma acção coercitiva, educadora, determinante de um equilibrio moral.

E' uma louca, então? vão perguntar-me, com um sorriso ironico, esses que agora tanto se indignam com as repetidas suspeitas de loucura nas pessoas de certos criminosos.

Não lhes digo que seja uma louca ; não invoco — des-cancem ! — essa attenuante para a mulher assassina, que, de resto, já está julgada. Mas digo que ella tem *pancada na mola*, que é uma *telhuda*, que o seu cerebro não possui noções nitidas de justiça, nem de responsabilidade individual ou social.

Com isto não pugno, tão pouco, pela sua immuniidade perante o Código Penal.

Tenho tambem sobre isso as minhas ideias — como toda a gente, de resto, visto que o liberalismo dos nossos dias repudia — feliz ou infelizmente, não sei bem ! — o encartamento nas opiniões, mesmo profissionaes que sejam . . . Todos fallam de tudo ; todos se julgam competentes para discutir os mais variados assumptos, ainda que sobre as materias em debate apenas tenham de ouvido dois logares communs de escola, popularisados por obras de vulgarisação scientifica.

Não discutirei, pois, este caso, mesmo porque tal attenuante não foi invocada pela defeza — o que prova que, nem a respeito de todos os assassinios, a justiça portugueza apella para essa circumstancia moderadora do gráu de responsabilidade individual na perpetração do crime.

No caso presente, a nota curiosa não é esta. A nota curiosa é o amor á formula psychologica absoluta do fóro classico, que passa, atravez dos milhares de casos complexos, particulares, inclassificaveis, do character humano, uma divisoria rectilinea e constante, que, como o braço de um deus no juizo final, separa, sem attender a *nuances* nem a gradações evidentes, os *justos* para a direita e os *reprobos* para a esquerda !

Dado o temperamento da ré, dados os seus antecedentes, dado o seu feitio moral, parecia que a accusação se po-

dia muito bem eximir a traçar d'ella um retrato feio como o do diabo, fazendo d'essa simples burguesita uma mulher fatal de *feuilleton-roman*, como quando, por exemplo, exclamou que, ao estrondo do tiro, que fulminára o assassinado, talvez respondesse como um echo a gargalhada cynica da mulher vingativa, que realisava o seu capricho tragico ! Pae do Ceu ! Mas isto é Cesar de Borgia de saias ! E' Nero de espartilho e de ligas ! . . .

E, além d'isto, adduziram-se antecedentes de mau comportamento, de cabeça no ar, como prova de que no character da ré havia capacidade para a pratica de um homicidio premeditado ! Como se uma doudivanas, uma mulher de coação facil, de dignidade relaxada, não podesse ser ao mesmo tempo uma pobre e inoffensiva creatura, incapaz de matar uma mosca, boa até á dedicação e ao sacrificio ! Como se o animalismo ou a nymphomania excluíssem na mulher a doçura do character e a sensibilidade affectiva !

Não, senhores ; para a sociedade, representada no ministerio publico, o reu é sempre uma fera, um monstro moral que enodoa a especie humana — ainda que o pobre diabo tenha, por unico crime, o roubo de um lenço velho ou de um pão secco. A accusação não é a simples apresentação das provas que a justiça social tem, para suspeitar de que tal dos seus membros é um criminoso. Sobre essas provas o representante do ministerio publico joga com a sua melhor logica (que nem sempre é, como falsamente propalam os compendios de philosophia racional e moral, a arte de descobrir a verdade...) de fórma a substituir por hypotheses improvisadas os hiatos de verificação testemunhal, e a reconstituir uma negra psychologia do reu sobre os dados do processo, os quaes dados — diga-se de passagem — servem justamente á

defeza para provar que, no peito do seu cliente, palpita um coração de pomba...

A esta accusação carregada, absoluta, levada aos ultimos limites da minucia artificiosa da sophisticação, e, as mais das vezes, sem a menor intuição psychologica ou moral, responde a defeza em termos identicos.

Viram o diabo?

Pois vão ver o anjo.

In demone deus...

A defeza então, pelo seu lado, carrega tanto á direita, quanto a accusação carregou á esquerda. Alli, com os antecedentes de leviandade impudica, provou-se a possibilidade de se vir a dar em assassino. Aqui, com antecedentes caritativos, prova-se tudo—até a impossibilidade de pretendidas aventuras galantes! A ré é uma santa, aureolada pelo martyrio, esposa fiel, mãe amantissima, excellente companheira... de prisão, emfim tão pura, tão limpa, tão intacta, que revestil-a de um manto azul, pôr-lhe um resplendor na cabeça e collocar-a sobre um altar, não seria um sacrilegio—a ella que, segundo se diz, já tem no peito, como as sete espadas da Senhora das Dôres, perto de sete contos de reis de despesas de justiça...

E, no fim de contas, toda a verdade dos factos, com as suas consequencias penaes, e com a satisfação que n'ellas se dava á sociedade offendida — tudo isso se fazia com menos dispendio de palavriado e de formulas, desde que um impassivel exame psychologico da ré, feito já directamente no caso do crime, já indirectamente na sua historia anterior, substituisse o excesso de paixão profissional, tanto na accusação como na defeza.

Mas é que, para a psychologia dos tribunaes, os caracteres são inteiriços e os homens seres feitos de uma só peça.

Não se tomam em consideração as mil combinações do temperamento e da educação, as innumerables variedades do typo moral, as *nuances* idiosyncrasicas do character, a acção causal do fortuito nos actos humanos, as aberrações constantes ou momentaneas de um determinado espirito, a fatalidade terrivel do *momento*, e outros muitos factores e elementos importantes da perpetração do crime. Isto são phantasias ou sophismas — e, em todo o caso, lérias... Do que se trata é de saber se se praticou ou não praticou o crime: e, n'este ponto, por mais que a discussão se volte e embrulhe, a accusação é sempre pelo monstro e a defeza pelo santo!

Ora, enquanto o mechanismo do fóro criminal fór este — adeus justiça!

O PROCESSO MARINHO DA CRUZ

Muito de proposito deixamos passar a excitação, que causou na imprensa o desfecho do processo Marinho da Cruz, para sobre este tão debatido assumpto exarar aqui a mais desapaixorada e a mais fria das opiniões. Não supponham, com isto, que pretendemos tomar um papel de juiz, de presidente de sabbatina, que, finda a controversia, dá grave e pontificalmente, *ex cathedra*, o seu dogmatico parecer. Não, senhores. Desejamos simplesmente que nos escutem com placidez, com serenidade, sem a irritação das primeiras impressões: e não era este o estado de espirito da imprensa e do publico, nos dias mais proximos áquelle em que se julgou essa triste causa.

Não estranhemos — devemos notal-o desde já — um só

dos curiosos incidentes, uma só das multiplas opiniões, das variadas attitudes que, n'este grave episodio, ostentaram respectivamente os peritos, o tribunal e o publico. Tudo se nos affigurou corrente, tudo se nos affigurou explicavel — o parecer dos medicos, a sentença dos juizes, a indignação da opinião publica. Adeante justificaremos esta especie de reserva, de neutralidade critica, que assumimos perante o conflicto de tão controversas sentenças. Uma só coisa nos impressionou em tudo isto : foi — aparte algumas excepções — a falta de lucidez, a confusão deploravel, e em alguns casos mesmo as malevolas suspeitas, com que a imprensa tratou esta questão — manifestando uma surpresa... compromettedora por theorias, e até por expressões, que são hoje, no campo da sciencia, verdadeiras vulgaridades. Jornaes houve que se gabaram de se tornarem o echo da opinião publica, revoltada e indignada pelas perigosas doutrinas dos alienistas! Ora, n'um conflicto entre a ignorancia das massas e a auctoridade da sciencia — parece-nos que a missão do jornalismo deveria ser outra bem diversa. Que o negociante, que o industrial, que o burocrata, que o capitalista, que o operario não saibam conciliar as apparentes antinomias da moderna medicina legal — comprehende-se : fóra das suas especialidades, e muitas vezes mesmo dentro d'ellas, estes grupos sociaes andam sempre em evidente atraso scientifico. Mas a imprensa, essa deve estar armada de *pied en cap* para todas as questões do dia, as quaes tem o dever de formular, resumir e solver, com a imparcialidade do seu character anonymo, para orientação e elucidação do publico. Em assumptos d'estes os improvisos são perigosos, as primeiras impressões suspeitas. E bradar, em nome do pseudo-bom-senso das massas, contra a auctoridade da sciencia — é, no fim de contas, entear um hymno á ignorancia.

I

O segredo da triste confusão, com que foi tractado o processo Marinho da Cruz, está no facto de se não ter extremado, n'este episodio, a questão medica da questão juridica. O publico e parte da imprensa viram uma só n'estas duas questões. Confundiram os peritos, que apenas emittiram uma consulta de especialidade, com as testemunhas, que disseram de *facto*, e com os juizes, que disseram de *direito*. Por outro lado, os proprios juizes deram um valor testemunhal ao depoimento dos peritos, e acceitando, sob a fé da sciencia medica, a conclusão da irresponsabilidade individual, esqueceram a significação e o character eminentemente sociaes da pena.

D'aqui este extravagante aspecto da opinião:—d'um lado uma absoluta reserva em atacar scientificamente o parecer dos alienistas; do outro uma gritaria descomposta, em nome da ordem moral, contra as theorias em que elles se basearam para formular esse parecer, como se a verdade d'uma theoria scientifica devesse ter por unica pedra de toque a conveniencia social!

Tudo isto prova apenas que, nas sociedades contemporaneas, mais de uma instituição se encontra em crise com os progressos da sciencia. A concepção da justiça, tal como ella se acha crystalisada no pensamento dos codigos e na organização dos tribunaes e das prisões, é inconciliavel com a ideia que d'essa função social se tem de fazer, desde que a psycho-physiologia e o direito moderno digam a ultima palavra sobre o complicado phenomeno do crime. A ideia de

justiça, é, como todas as concepções humanas, variavel no tempo e no espaço, apparecendo-nos modificada segundo as influencias variadissimas do meio geographico, das idiosyncrasias ethnicas, das tradições e correntes historicas, etc., etc.

Com respeito ao nosso tempo — os symptomas d'uma transformação profunda na noção social e moral do crime, manifestam-se n'uma plena evidencia. A revolução da psychologia contemporanea, a que assistimos desde os trabalhos craneologicos de Gall, é a precursora d'uma futura revolução nas legislações criminaes. A physiologia invadiu os dominios, que o espiritualismo conservava na explicação scientifica d'esse ser chamado — homem. As expressões *alma e espirito*, passaram a tomar-se, não como representações de um verdadeiro elemento da natureza humana, mas como vocabulos syntheticos, «um termo geral, diz Maudsley, exprimindo a somma total das funcções do cerebro». Regeitada a hypothese da alma immaterial, profundadas a anatomia e a physiologia dos centros nervosos, estabelecidas as relações da vida moral, intellectual e affectiva do homem com a estrutura organica e os correlativos phenomenos d'esse complicado aparelho anatomico, a theoria do livre arbitrio soffreu restricções importantes, e o automatismo physico veio explicar um grande numero de factos, a cuja producção se dava por causa unica a liberdade absoluta do espirito. E' claro que este novo aspecto da psychologia havia de modificar forçosamente a noção da responsabilidade moral. Mas a pathologia nervosa completou, n'este ponto, essa modificação incipiente. A anatomia cerebral, d'um lado, do outro as observações dos alienistas effectuadas, não só nos hospicios de loucos, mas sobre os mais celebres exemplares de criminosos, lançaram uma luz intensa sobre a obscura concep-

ção do crime. Essa phrase vaga, mil vezes repetidas : *o crime é uma doença da alma*, foi substituida mais positivamente por est'outra, que exprime uma absoluta verdade scientifica : *o crime é uma doença do cerebro*. Doença aguda ou doença organica — é claro ; mas em todo o caso, doença. Estabeleceram-se assim as primeiras approximações entre a loucura e o crime. Um olhar retrospectivo, na historia da criminalidade, veio mostrar depois, com a mais incontestavel evidencia, que uma grande parte das aberrações criminosas que haviam sido castigadas duramente pelas antigas leis penaes canonicas e seculares, como nos casos de possessão e feiticeria—não passaram nunca de verdadeiras doenças mentaes, determinadas, até certo ponto, pelas condições do momento historico em que se deram. O crime—concluiu-se—é pois, em muitos casos, o fructo d'uma enfermidade psychiatrica, uma consequencia ou um prenuncio de loucura.

Mas o que é loucura?

Eis o ponto onde a revolução da psychologia moderna foi, por ventura, mais profunda.

Antigamente, por loucura, entendia-se a ausencia absoluta da razão, no systema da alma immaterial. O louco era considerado um aborto humano. E apenas vagamente se entrevia a relatividade das affecções cerebraes. A pathologia mental dos nossos dias deu á expressão loucura um valor generico. Assim como, por exemplo, o aparelho digestivo e o aparelho circulatorio podem soffrer perturbações de carácter diverso, totaes ou parciaes, agudas ou chronicas, egualmente o aparelho cerebro-espinal pode ser affectado por differentes maneiras e com symptomas e manifestações variadissimas. Por isso, hoje, á palavra *louco* não se póde ligar o sentido d'um homem absolutamente destituído de faculdades racionais. Nem mesmo essa destituição absoluta se pode

compreender ; porque, como não se suppõe um apparelho digestivo sem intestinos, ou um apparelho respiratorio sem bronchios — da mesma forma é inconcebivel um cerebro vasio d'essa parte da massa encephalica, d'esse conjuncto de circumvoluções, onde se elaboram as operações da intelligencia. A loucura é, pois, ou uma atrophia ou uma perturbação, ou, em summa, um desequilibrio dos órgãos cerebraes e respectivas funcções. Não ha uma loucura absoluta, no sentido scientifico da palavra : ha *casos* de loucura, com maior ou menor extensão, mais ou menos localisados, constantes ou periodicos, hereditarios ou adquiridos, affectivos ou intellectuaes uns, voluntarios ou moraes outros. Ha, portanto, uma loucura parcial, onde a inconsciencia se dá sempre que o acto praticado resulta d'um impulso a que presidiu a faculdade enferma.

Isto levou os alienistas á determinação d'uma *zona intermedia*, que solve o hiato de continuidade aberto pela antiga psychologia entre a loucura completa e a perfeita sanidade do espirito. Dentro d'essa zona neutra incluem-se todos os casos equivocos, que formam a escala transitoria entre a physiologia e a pathologia cerebraes. Se um nevropatha, cuja affecção estiver comprehendida nos limites d'esta zona, executar um roubo ou perpetrar um assassinato — a sua responsabilidade individual n'esses crimes só poderá ser apreciada, depois d'um escrupuloso exame medico.

Temos, assim, uma escala graduada entre o crime e a loucura, escala que nos apresenta tres typos moraes diversos : — o criminoso normal, o criminoso louco e o simples louco. Estes tres typos, porém, prendem-se entre si por uma serie indefinida de variantes, de *nuances* de character, irreductiveis a uma classificação precisa. Para o criminoso

normal tem a sociedade a prisão ; para o louco tem o hospício. E para o criminoso louco ?

Eis o problema.

As legislações actuaes, geometricas em excesso, traçando arbitrariamente entre os criminosos e os não criminosos uma divisoria ideal, sem attender á complexidade infinita dos casos psychologicos — não previram esta hypothese hybrida. Para o criminoso louco não ha, entre nós, um instituto especial. Se é criminoso apenas, lá tem a penitenciaria ou o presidio : se foi impellido ao crime pelo impulso inconsciente d'uma affecção nervosa, recolhe-se ao hospital de alienados. Ora, no caso de uma loucura intermitente, o hospital só não basta. Passada a crise, caído de novo o enfermo n'um periodo lucido — seria injustificavel a sua reclusão por mais tempo. Sob que pretexto o deteriam? Sob o pretexto medico? Não, porque podia muito bem ser que estivesse finalmente curado. Sob o pretexto penal? Não tambem, porque, além de não se lhe ter reconhecido responsabilidade no crime — um hospício nunca poderia dignamente ser considerado um carcere.

Ou que junto das penitenciarias se crie um carcere-hospício, ou que junto dos hospícios se crie uma enfermaria-penitenciaria — a solução é indifferente, comtanto que se attenda a esta impreterivel necessidade. E' inhumano que um louco jaza n'uma prisão entre criminosos : é immoral que um criminoso seja internado n'uma casa de alienados, entre loucos inoffensivos. Para essa *zona intermedia*, determinada pela sciencia, é indispensavel uma instituição intermedia, com disposições legaes intermedias. (*) O louco criminoso,

(*) Os manicomios criminaes.

como os peritos declararam ser Marinho da Cruz, se pertence á medicina, pertence igualmente á justiça, que tem o dever de o vigiar em nome da segurança social. Se a sua loucura é parcial, a sua irresponsabilidade não pode ser absoluta. N'estes casos, é indispensavel harmonisar a acção da sciencia medica com a da lei penal.

II

Postos estes principios, que não passam de verdades correntes e sabidas — appliquemol-os ao caso presente.

Já agora vê o leitor por que não estranhamos nem a attitude dos peritos, nem a do tribunal, nem a do publico. Os peritos emittiram um parecer puramente scientifico, fôra de toda e qualquer consideração juridica. O tribunal, adstricto ao principio da responsabilidade individual, sobre que se architectaram as nossas leis penaes, entendeu que seria um crime condemnar um homem declarado irresponsavel. (*) O publico, emfim, que não é alienista nem jurisconsulto, bradou que era uma immoralidade absolver um assassino convicto.

Todos estes tiveram, pois, relativamente razão. Quem a não teve foram aquelles que, perante esse conflicto, em vez de explicar os antagonismos que elle suscitou, concorreram para a sua maior confusão ; foram os que, como acima dissemos e agora explicaremos, não souberam separar, n'este caso, a questão medica da questão juridica.

(*) Este estudo foi escripto e publicado logo depois do primeiro julgamento de Marinho da Cruz.

As responsabilidades da impunidade do reu, que se quizeram lançar ás costas dos peritos, o terror comico que se manifestou pela *doutrina dos larvados* (expressão que se sublinhava sempre, com um espanto denunciador de vergonhosa ignorancia, parecendo que era esta a primeira vez que se ouvira fallar em tal), as allusões ironicas ao saber do medico eminente que mais accentuou aquella opinião, as suspeitas com que se procurou manchar a honestidade dos que intervieram, por qualquer fôrma, n'este processo—tudo isto foi talvez o lado mais triste, e ao mesmo tempo o mais ridiculo, d'este celebre episodio criminal.

Bastava lançar-se mão, no momento, d'um simples livro de vulgarisação, para se fazer menos gasto d'uma ironia que veio cair em cheio sobre a cabeça dos proprios que a jogaram. Bastava meditar dois minutos, para se vêr que o direito moderno prescinde, muito á vontade, do principio da responsabilidade individual para defender a sociedade dos attentados contra a ordem juridica.

E' realmente deploravel que causasse tamanho pasmo, na imprensa, a lucida dissertação do dr. Senna sobre os epilepticos larvados e as suas tendencias criminosas. Chega a parecer que se suppoz ser tudo aquillo uma phantasia do sabio e illustre professor! Verdade é que ninguem lhe discutiu as suas allegações. Não admira: discutir é um tanto incommodo. Para que discutir—se se tem o apoio da *voz publica*? !...

Comtudo nem o facto é novo, nem o caso de Marinho da Cruz é unico, nem foi o dr. Senna quem inventou ou descobriu a epilepsia larvada. As relações entre o crime e a loucura são, para o vertiginoso caminhar da sciencia contemporanea, uma verdade velha e relha. Empyricamente mesmo, nós reconhecemos a cada passo o facto da coexis-

tencia d'uma subtilissima intelligencia com verdadeiros symptomas de desarranjo mental—coisa que tantas exclamações arrancou ao *bom senso* do publico! De quantos homens, talentosos até, mas cuja excentricidade e bizarras manias não sabemos explicar, não dizemos correntemente estas expressões vulgares: *é um magico, é um lunatico, não tem o juizo todo, tem falha na bola*, e outras semelhantes. Não riam da familiaridade dos termos. Vejam o que elles significam; profundem-lhes o sentido. Nos ditados e expressões populares estão os germens de muitas leis e factos scientificos, que só o saber contemporaneo definiu philosophicamente.

A nós, com franqueza, não nos indigna a opinião dos peritos, nem nos repugna accreditar na loucura parcial e intermittente de Marinho da Cruz. E, comtudo, não somos medico, nem alienista. Mas, quando mesmo não conhecessemos os caracteres especiaes da loucura epileptica, bastavam-nos os antecedentes d'esse homem, o seu character sombrio, a mania homicida, que varias testemunhas deixaram indirectamente provada no processo, ao procurarem confirmar com a aggravante da premeditação a criminalidade do réu; bastava-nos a futilidade ou quasi ausencia de motivos que o levaram ao crime; bastava-nos o facto de outras manifestações de demencia na sua familia; bastava-nos o character dos seus vicios — o alcoolismo e a sodomia; bastava-nos a feição extranha d'algunha das suas preoccupações, como a de que um seu irmão fôra enterrado vivo, e o modo como elle guardava as cartas d'esse irmão — pormenor que o *Correio da Manhã* ainda ha dias revelou; bastavam-nos estes symptomas, repetimos, para nos fazer crêr que, se Marinho da Cruz não era um louco completo, não era o que se chama vulgarmente um *doido de pedras*, soffria comtudo d'um de-

sequilíbrio nas faculdades moraes, e se podia considerar um *doente da vontade*.

A questão medica, como ella foi posta e julgada pelos peritos, não nos parece coisa digna de estranheza. Aos que considerem exageradas as conclusões dos clinicos, concedemos que as reduzam de cincoenta por cento. Ainda assim, a presumpção d'um desequilíbrio mental fica de pé.

III

Mas — dir-nos-ão agora — desde que se dê por provada a loucura, ha de concluir-se infallivelmente pela irresponsabilidade do reu.

Distingamos.

Pela sua irresponsabilidade individual — sem duvida alguma. Pela sua irresponsabilidade social — nunca.

E é n'isto que está o erro da lei, é n'isto que está o equivoco dos juizes. A questão juridica cifra-se toda n'esta distincção, que em direito penal tem de ser o ponto de partida d'uma futura reorganisação dos codigos e dos systemas penitenciarios. Póde bem affirmar-se que, na maior parte dos crimes, não ha verdadeiramente responsabilidade individual. Medicos illustres, que têm analysado os craneos dos criminosos, averiguam em todos elles defeitos de structura nocivos á physiologia normal do cerebro. O mundo das cadeias é, na sua quasi totalidade, composto de exemplares inferiores da especie humana, em cujo espirito as noções moraes não podem ter a lucidez e a acção imperativa, que teem sobre o commun dos homens. A vulgaridade das reincidencias, cujo augmento assustador as estatisticas criminaes confirmam

de anno para anno, mostrando a improficuidade das penas disciplinares, vem em auxilio dos que crêem que, na maxima parte dos casos, o crime e até o simples delicto, são manifestações de enfermidades cerebraes, de ordinario incuraveis. Os larapios, os assassinos de profissão, os salteadores de estrada, os nossos fadistas, por exemplo, — teem por acaso noções de responsabilidade eguaes ás do homem medio? A reincidencia prova bem que não. No systema das suas ideias moraes ha o individualismo feroz do selvagem, o naturalismo cego da besta. Julga o semelhante um inimigo, julga seu o bem alheio. Nem o menor vestigio do sentimento da solidariedade social, de respeito pela propriedade ou pela vida do proximo. Dir-se-á que estamos em frente d'um fidjiano ou d'um tigre.

Só em casos muito excepcionaes, portanto, será possível encontrar um criminoso com a plena responsabilidade do seu crime. E assim, tomada a responsabilidade individual como base das leis penaes, e observado á risca este criterio —teríamos, como consequencia, uma immoralissima e perigosissima impunidade na maior parte dos crimes.

Mas, se o criminoso não é responsavel para comsigo mesmo —é responsavel, porém, para com a sociedade. Toda a força da justiça está n'este principio, que a reacção socialista contra o individualismo juridico do seculo passado formulou modernamente. A pena tem um character eminentemente social. Não é uma vingança em nome do offendido, não é um *talião* em desaffronta da memoria da victima. O assassino não fere apenas o assassinado : fere a lei, fere os principios ethico-juridicos, que são a pedra angular da organização social, de que a sua individualidade é uma molecula integrante—fere em summa a sociedade, que, em defeza da sua ordem constitucional, tem não só o *direito*—entenda-

se bem—mas o *dever* de reagir contra esse acto perturbador na pessoa do agente que o praticou. A reparação pessoal subalternisa-se perante a reparação, e sobretudo a prevenção, collectivas. Se o criminoso é consciente ou inconsciente—é isso o mesmo, olhada a questão sob este ponto de vista. A sociedade, matando-o ou detendo-o, cumpre o dever indeclinavel de defender a ordem d'um elemento de dissolução, d'uma ameaça perturbadora.

Portanto, no caso presente, se Marinho da Cruz, epileptico laryado, semi-louco, não tem a responsabilidade individual do seu crime, tem, comtudo, a responsabilidade social. Sobre o simples louco deve actuar apenas a medecina. Sobre o louco criminoso devem actuar a medicina e a justiça; porque o crime, notemol-o em honra da nossa especie, é uma excepção, tanto na loucura como no estado de plena sanidade d'espírito. O tribunal, entregando o assassino do cabo Pereira a um hospicio de alienados, fez abdicar a justiça dos seus direitos de vigilancia publica: e só tem por attenuante o facto de ser a responsabilidade do individuo o criterio de toda a nossa jurisprudencia criminal. Não ha, é verdade, esse instituto intermedio, a que alludimos, para a detenção e tratamento dos loucos criminosos. Mas nos carcerees tratam-se os doentes, de qualquer molestia que soffram. Porque se não tratam tambem os loucos—estes loucos da zona intermedia, estes loucos parciaes, estes loucos *sui generis*, cuja affeição mental manifesta o character de intermittencia?

Mas—replicarão—Marinho da Cruz não fica á solta, Marinho da Cruz será internado n'um hospicio de alienados. D'accordo. Mas desde que sobre elle se cerrem as portas de Rilhafolles ou da Cruz das Regateiras, a justiça lança de si todas as responsabilidades. A'manhã uma junta de medicos póde dal-o por curado e mandal-o em paz. E quem garante

essa cura? Ninguém. A infalibilidade da sciencia não chega a este ponto. Teremos outra vez o homicida á solta, e a segurança social ficará á mercê d'um novo desequilíbrio dos seus nervos doentes. Combinada, porém, a pena com o tratamento, esse inconveniente desaparecia. Nos momentos lucidos, a acção penal faria sentir todos os seus effeitos deterministas. O criminoso perguntaria a si mesmo se no seu crime impulsivo não teria ao menos uma responsabilidade mediata; perguntaria se o aggravamento dos seus instinctos pelos vícios que contraíra, não fôra uma obra da sua vontade. De resto ninguém nega que o castigo tenha acção até sobre os proprios loucos. Qual é o hospicio onde elles não são mais ou menos castigados, mais ou menos soffreados e dominados nos seus accessos por um systema disciplinar?

O erro do tribunal militar foi, pois, não attender ao character social da pena e prender-se á tradição juridica da responsabilidade individual. Podia entregar o louco aos medicos—sem subtrair o criminoso á justiça.

IV

Tudo que atraz deixamos dito exigia um desenvolvimento, que não cabe na indole d'estas rapidas notas. Parece-nos que, fôra dos termos em que a expuzemos, esta questão do crime e da loucura ha de ser sempre injustamente julgada. Distinguindo as duas questões que ella encerra, faz-se justiça a todos, sem se deixar de consignar os erros e confusões que pululam na desastrada solução que o nosso tribunal militar lhe deu, no processo Marinho da Cruz. O motivo d'esses erros não está, porém, nem no character nem na intelli-

gencia dos peritos ou dos julgadores. Está no facto super-pessoal, por assim dizer, d'esse indiscutivel conflicto, em que a maior parte das instituições se encontram com a ultima palavra da sciencia e da philosophia—n'este fim d'um seculo, onde o pensamento marchou vertiginosamente, distancian-do-se, como nunca, da realidade do estado social.

ERRATA

Entre algumas ligeiras incorrecções, que não vale a pena indicar, visto não alterarem o sentido do texto, ha comtudo uma, que a circumstancia de affectar um idioma extranho não permite que se passe em silencio.

A pag. 40, um descuido de revisão deixou que se imprimisse com uma grosseira orthographia a celebre phrase attribuida a Raphael: *Anch'io sono pittore*.

Indicando esta falta, o auctor procura apenas repellir o ridiculo de, citando em uma lingua estrangeira, a errar tres vezes n'uma phrase de quatro palavras.

INDICE

ARTES E LETTRAS

As Bellas-Artes em Portugal.....	13
A Bohemia.....	28
Carta a Eça de Queiroz.....	33
Naturalismo e Realismo.....	43
O tumulto de Alexandre Herculano.....	61
A nau Cathrineta.....	67
Cantigas e Proverbios.....	73
A tentação de Christo.....	83
Ao fogão.....	91
Sub tegmine fagi.....	97

POLITICA E COSTUMES

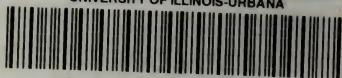
A Historia, a Arte e a Dynamite.....	103
Pela Hespanha!.....	111
A moderna Babylonia.....	117
Philosophia d'um baile <i>travesti</i>	123
O trabalho moderno.....	129
As velhas ruas.....	135
Costumes politicos.....	141
Os Barbaros.....	151
Pagina solta d'uma futura chronica.....	157
Dois processos celebres.....	163

PB-7200-23

75-33T

G





LUIZ DE MAGALHÃES

PRIMEIROS VERSOS: *poesias* (1878-1880).

AS NAVEGAÇÕES: *poemeto* (1881).

ODES E CANÇÕES: *novas poesias* (1880-1883).

A seguir:

D. SEBASTIÃO: *poema*.

O BRAZILEIRO SOARES: *romance* (1886).

A seguir:

INCESTO: *romance*.

NOTAS E IMPRESSÕES: (1884-1889).